



BOCA DE LUAR
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

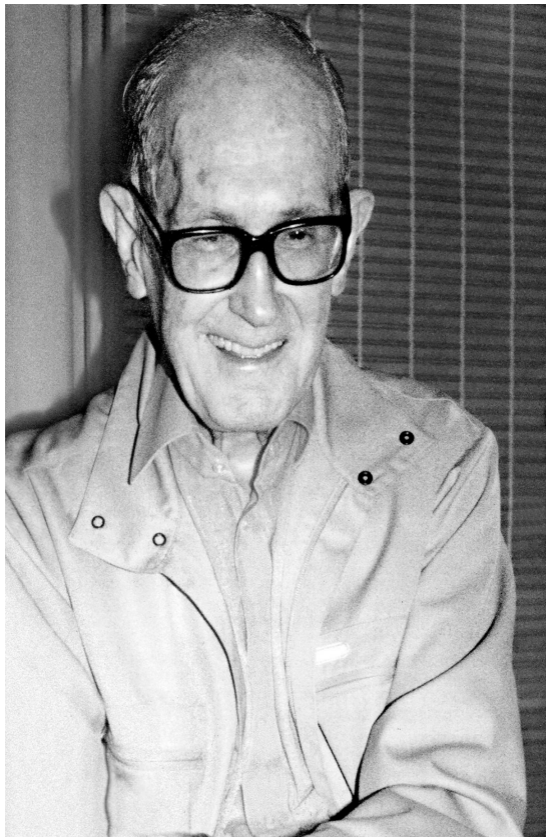
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
BOCA DE LUAR

POSFÁCIO
Francisco Bosco

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Visitante noturno
A companhia indesejável
Bela noitada
A estranha (e eficiente) linguagem dos namorados
Aconteceu em Londres
Milho cozido
O carro, a jardineira, a calçada
Tem cada uma na vida
Um cão, outro cão
Ilhas de Minas, no voo das palavras
Boca de luar
Casamento
Depois da quarta dose
Filósofo
Música no táxi
O Velho
Sermão da planície (para não ser escutado)
Treze na ilha
José, do Mucuri
Mandula
Marieta
O rato e o canário
Diálogo dos pessimistas
Agora pensei em Rosa
Com licença: a barata
Aquela manhã e depois
Declarações à colegial que veio entrevistar-me
Arte e casamento
A secretária me contou
Eles nunca mais foram vistos
Governador eleito
A lei do verão
Bob e o dicionário
Carta de amor

Não faça mais isso, dona
O caminho da luz
Coisas lembradas
A manhã do Dia do Poeta
Amizade no morro
A moça em Marajó
A moça disse: alto lá!
Em ida, em ada
A prancha
Não se paga mais nada
O cozinheiro
O VIP sem querer
O frívolo cronista
O reformista em casa
Participação de casamento
Profissão: banqueiro
Último ato

Nota da edição

Posfácio
Ao fim, no meio do caminho da escrita,
FRANCISCO BOSCO
Leituras recomendadas
Cronologia

BOCA DE LUAR

— Você tem boca de luar, disse o rapaz para a namorada, e a namorada riu, perguntou ao rapaz que espécie de boca é essa, o rapaz respondeu que é uma boca toda enluarada, de dentes muito alvos e leitosos, entende?

VISITANTE NOTURNO

O inseto apareceu sobre a mesa como todos os insetos: sem se fazer anunciar. E sem que se atinasse por que motivo escolhera aquele pouso. Não parecia bicho da noite, desses que não podem ver lâmpada acesa, e logo se aproximam, fascinados. Era uma coisinha insignificante, encolhida sobre o papel e ali disposta, aparentemente, a passar o resto de sua vida mínima, sem explicação, sem sentido para ninguém.

Ninguém? O homem, que tem o hábito de ficar altas horas entre papéis e livros, sentiu-lhe a presença e pensou imediatamente em esmagar o intruso. Chegou a mover a mão. Não o mataria com os dedos, mas com outra folha de papel.

Deteve-se. Não seria humano liquidar aquele bichinho só porque estava em lugar indevido, sem fazer mal nenhum. Inseto nocivo? Talvez. Mas sua ignorância em entomologia não lhe dava chance de decidir entre a segurança e a injustiça. E na dúvida, era melhor deixar viver aquilo, que nem nome tinha para ele. Com que direito aplicaria pena de morte a um desconhecido infinitamente desprovido de meios sequer para reagir, quanto mais para explicar-se?

O inseto parecia pouco ligar para ele, juiz autônomo e algoz em perspectiva. Dormia ou modorrava sobre a mesa literária, indiferente, simplesmente. Chegara por acaso, sumiria daí a pouco; deixá-lo viver a seu modo, que era um viver anônimo, desligado de inquietações humanas, invariável dentro da natureza: curto e pobre.

Uma ternura imprevista brotou no homem pelo animálculo que momentos antes pensara em destruir. Como se alguém viesse de longe para vê-lo, fazer-lhe companhia, em sua noite de trabalho. Não conversava, não incomodava, era uma questão apenas de estar à sua frente, imóvel, em secreta comunhão. Ele fora o escolhido de um inseto, que poderia ter voado para outro apartamento, onde houvesse outra vigília de escrevedor de coisas, mas aquela fora a casa de sua presença.

A menos que o acaso determinasse aquele encontro. Era possível. O inseto voara a esmo. O homem quis aferrar-se a esta hipótese, bem plausível. Já se envergonhava de ter envolvido o estranho numa aura de sensibilidade, e talvez voltasse ao impulso inicial de eliminação. A essa altura, espantou-se com a mobilidade de suas reações. Passava de verdugo a sentimentalão, depois a

observador cético e crítico, finalmente perdia-se na confusão das várias atitudes que podemos assumir diante de um inseto instalado na mesa de um escritório, a uma hora que ainda não é madrugada mas já é noite alta e de sono profundo.

Aquietou-se, afinal, na contemplação do “bicho da terra tão pequeno”. Era alguma coisa parecida com um botão marrom rombudo, que tivesse olhos e um projeto de asas — o suficiente para deslocar-se no espaço em aventuras breves. E não era uma aventura simples: a altura do edifício exigia esforço grande para chegar da árvore até o décimo primeiro andar. Entretanto, o botão vivo o fizera, e ali estava, tranquilo ou cansado, à mercê do gigante indeciso, que procurava entender, não propriamente sua presença, mas a turbação íntima que essa presença despertava no gigante.

O homem não pensou em recorrer às enciclopédias para identificar o visitante. Ainda que chegasse a identificá-lo como espécie, não avançaria muito no conhecimento do indivíduo, que era único por ser entre todos o que o visitava. E na multidão de insetos, imagináveis e inimagináveis, só lhe interessava aquele, companheiro noturno vindo de não se sabe onde, a caminho de ignorado rumo.

Já não escrevia. Olhava. Mirava. Sentia-se também olhado e mirado, quando o inseto fez ligeiro movimento que o colocou diretamente sob o foco de luz. Seria exagero encontrar expressão naqueles dois pontinhos negros e reluzentes, mas o fato é que deles parecia vir para os olhos do homem um sinal de atenção ou curiosidade. E os dois, homem e inseto, assim ficaram longo tempo, na muda inspeção, ou conversa, que não conduzia a nada.

A nada? Muitas conversas entre homens também não levam a resultado algum, mas há sempre a esperança de um entendimento que pode vir das palavras ou de uma troca desprevenida de olhares. E o olhar pode penetrar mais fundo que as palavras. O homem sabia disto. Mas aí notou que, sabendo falar alguma coisa, não era perito em ver diretamente o real. A figura do inseto dizia-lhe pouco. Dos dois, talvez fosse ele, homem, o que menos habilitado se achava para uma forma de comunicação, aquém — ou além — dos códigos tradicionais.

Distraiu-se avaliando essas limitações e, ao voltar à observação do visitante, este havia desaparecido, decepcionado talvez com a incomunicabilidade dos gigantes. Não é todas as noites que um inseto nos visita. E, se consegue insinuar-nos alguma coisa, esta nunca jamais foi captada para os homens que merecem crédito; só os ficcionistas é que costumam registrá-la, mas quem leva a sério ficcionistas?

A COMPANHIA INDESEJÁVEL

A moça é daquelas que dão duro no trabalho, como chefe de órgão importante, e depois vão para casa cuidar de si mesmas. Chamemo-la Andreia. Vive só, o que é mais inteligente do que viver com um apêndice importuno. Sem empregada, tendo apenas faxineira, cuida pessoalmente de sua dieta-da-lua, de suas roupas, de suas contas, de sua música, de seu tudo. E ao apagar a luz, finda a jornada cheia de responsabilidades para com a pátria e a vida, seu sono é o da pureza de alma. Que bom viver só, sem a presença do Outro, o terrível Outro, que é sempre (ou quase) um Eu rabugento ou chatíssimo!

Semana passada, Andreia acordou disposta como sempre a lutar, e foi tomar seu chazinho-de-jasmim. A mesa, arranjada de véspera, era primor de ordem e asseio, de que a moça faz questão: um de seus traços pessoais. E que viu Andreia, além da xícara, dos apetrechos, da latinha de chá, da toalha, dos finos biscoitos? Viu que alguém passara por ali e tomara chá antes dela!

Que tomara chá, propriamente, não, mas que usara a mesa e deixara sinais, era evidente. As coisas estavam desarrumadas, a colher fora de lugar, havia rugas na toalha, um biscoito fora trincado, e até, para horror de Andreia, pequena e estranha substância se depositara sobre a mesa!

A moça correu às portas, a social e a de serviço, e achou-as trancadas como as deixara. Pela varanda fechada não poderia ter entrado ninguém. Que ser misterioso conspirara a sua mesa? Mal indagou isto a si mesma, viu uma forma veloz deslizar pelo tapete e esconder-se atrás de uma poltrona. E essa coisa chispante, branco acinzentada, era um camundongo. Ir correndo à copa, brandir uma vassoura e atacar o bichinho foi obra de um momento. Em vão, é claro. Não há camundongo que se deixe pegar por moça nervosa e de má pontaria.

O tempo de Andreia era curto, não dava para empreender caçada em regra, com o auxílio do gato do porteiro; ela deixou o apartamento e foi muito abalada para o serviço. De lá telefonou para a Comlurb, pedindo que fossem pegar o rato em sua casa. Marcada a visita para o dia seguinte, Andreia faltou ao trabalho para atender ao matador de ratos, que apareceu com a sua instrumentália, viu, não achou sinal de rato nenhum e pediu maiores esclarecimentos:

- A senhora pode me dizer o tamanho dele?
- Vi só um momentinho, acho que tem uns noventa milímetros de

comprimento e outros tantos de rabo.

O homem sorriu:

— Ah, então o que a senhora viu foi um camundongo.

— Que diferença faz? Ele rói da mesma maneira e eu me sinto ameaçada.

— A diferença é que nós só cuidamos de ratos, desses ratões ou ratazanas, que medem vinte centímetros de comprimento e pouco menos de rabo. Esse ratinho da senhora é café-pequeno pra nós. Já experimentou ratoeira?

— O porteiro me emprestou uma, que até agora não pegou nada.

— Vai ver que o danadinho sentiu cheiro de ratoeira usada, que não engana, e não foi besta de arriscar. Eles têm um faro! Compre uma ratoeira no bazar.

— É o que vou fazer já. E se ela não pegar? Se o ratinho for bastante inteligente para perceber que aquilo é de morte?

— Bem, nunca se pode garantir nada a respeito do comportamento dos camundongos. Eu mesmo já lutei contra eles lá em casa, e pegava uns três por dia. Mas sabe o que aconteceu? Ficava sempre uma fêmea para parir cinco vezes por ano uma média de oito a dez filhotes de cada vez.

— O quê? — Andreia teve o maior arregalo de olhos de sua vida. — E eu vou ter em casa essa cambada toda infernizando a minha vida?

— Calma. Não estou dizendo que o seu camundongo...

— Meu, não!

— Que o camundongo desta casa se multiplique. Se é um só, como é que vai se multiplicar? Procure manter a serenidade, nem eu vim aqui para assustar mais a senhora. Vim em missão de paz.

— E então?

— Então, acho que tenho uma solução para o seu caso.

— Diga, diga.

— Tem um preparado aí que dizem que é um barato. Eu não experimentei, mas um amigo meu afiançou que é tiro e queda. O nome é Catitoline. Não sabe que o povo chama camundongo de catito? Pois é.

— Ah, obrigada pela indicação! Vou rezar para que esse tal de Catitoline dê certo. Bem, me esqueci de que não rezo, mas Deus é grande. O que eu não posso é viver em companhia de um ratinho, e muito menos se ele for de família numerosa.

Pelo telefone, Andreia comprou imediatamente o raticida.

— Agora vamos à luta — exclamou com voz de combate.

Pegou da bula, que era vasta, alastrada em duas páginas de tipo miúdo, com ilustrações. Sem tempo a perder, procurou o essencial; dosagem, e como preparar a isca. Espalhou pela casa, do quarto de dormir até a área de serviço, as pequenas porções de pó róseo impregnadas em pedacinhos de folhas de chicória — ah, esperança! ah, incerteza! porque Andreia confiava e descreia ao mesmo

tempo. Sua cabeça não sossegava, com o pensamento de já não morar só, de ter uma companhia que ela não convidara nem desejava — a mísera, assustadora, incontrolável companhia de um ratinho mais ou menos invisível.

Suas noites eram povoadas de ratinhos que bailavam sobre a escova de dentes ou se escondiam no sutiã. Despencavam-se do lustre, em brincadeira perversa, indo cair dentro dos chinelos. E até no chuveiro eles se mostravam, envolvidos em água. Andreia tinha medo de dormir; passou a ter pesadelos acordada. Um dia, abriu o livro de Manuel Bandeira, poeta de sua devoção, e um camundongo saltou do interior, entre duas folhas. Será que Catitoline resolve?

Andreia lera, afobada, que era preciso insistir de quatro a seis dias na aplicação; se fosse o caso, até dez. Pela manhã, passava em revista as porções, que diminuía de tamanho. O ratinho cevava-se. Andreia, ao renovar as iscas, chegou a pensar que, no fundo, estava criando e alimentando um rato, em vez de exterminá-lo. Era preciso ter paciência e persistência. No dia em que nenhuma folha de chicória aparecesse mexida, a guerra estaria ganha.

O ratinho continuava circulando pelo apartamento, circulando e comendo. Foram dias penosos de incerteza, quando quem menos ou nada comia era Andreia, receosa de que, depois da refeição de Catitoline, o danado fosse degustar sobremesa de queijo, na mesa de jantar. Todos os lugares, móveis, vasilhas e utensílios da casa estavam sob suspeita. Poluídos? Não poluídos? Quem sabe! Na dúvida, tocava o mínimo possível nos objetos. Com a ponta dos dedos.

As amigas, a quem Andreia contara o problema, indagavam da evolução dos acontecimentos. Aconselhavam dobrar, triplicar a dose de Catitoline. Fazer novena para santa Ludvígia, protetora contra animais daninhos. Recorrer à macumba do Morro dos Cabritos. Contratar um segurança que permanecesse indormido no interior do apartamento. Apelar para o presidente Figueiredo, por que não? Tão fértil, a imaginação das pessoas!

— Como é: o ratão está engordando com as mordomias? — telefonou um amigo, e Andreia desligou, indignada. É brincadeira que se faça?

Pouco a pouco, as iscas foram se mostrando intactas. Assim ficaram durante cinco dias. Tempo bastante para Andreia confiar no veredicto das amigas:

— Esse, nunca mais. Pode crer.

Nenhuma notícia do ratinho. Procura-que-procura em toda parte, esconderijo, ângulo, nada. Como podia desaparecer assim? Por que o cadáver não ficara exposto, certificante? Afinal, um rato é um rato, não uma abstração.

De qualquer maneira, Andreia dedicou um pensamento de gratidão a Catitoline, veneno milagroso e sutil, lento e misterioso. Leu com aprazimento a bula, antes percorrida de relance. A curiosidade a incitava: Por que motivo o cadáver desaparecera?

A bula informou-lhe que o ratinho não apodrecia nem cheirava mal porque se recolhera ao lugar de origem e aí quedara morto, mumificado. É das excelências de Catitoline: fulmina e impede o mau cheiro.

— Mas que é que ele tem de especial para fazer a mumificação? Que substância gostosa é essa, que mantém a gula do ratinho durante tantos dias, sem provocar-lhe cólicas e até o incitando a comer mais?

A bula, copiosa e ilustrada, respondeu, em exatas palavras, que o elemento químico responsável pela morte e pela conversão do camundongo em múmia inodora era segredo de fabricação, protegido pelas leis de propriedade industrial, mantido nos últimos quinze anos pela multinacional proprietária da fórmula, bolada por eminente cientista holandês, especializado em raticídio. Quanto ao sabor da comida, a bula riu e não escondeu:

— Ora, o ratinho não é levado pela fome, mas pelo desejo sexual. A substância empregada proporciona-lhe grande prazer e até mesmo orgasmo. O camundongo morre feliz, depois de uma temporada erótica da maior intensidade. Não é o alimento que move os bichos e tantos seres humanos; é o sexo.

— Vivendo e aprendendo — concluiu Andreia, voltando à paz e à ventura de morar sozinha. O que — acrescente-se — não é sinônimo de viver sozinha.

I

Foi um jantar memorável o que o casal Gelsêmium Sempervirens ofereceu sexta-feira passada, em sua mansão da Gávea, ao príncipe Cocúlus Índicus. Memorável por tudo, a começar pela presença do que de mais fino tem a sociedade carioca, desde o sr. Agraphis Nútans, que acaba de trocar o hábito de monge da Ordem da Áctea Racamosa pela pasta de executivo da Bórax Veneta (sua experiência religiosa, como se comentava, durou nada menos de cinco anos) até a magnífica sra. Verátrum Álbum, marechala de elegância na corte de Bruxelas.

Entre cinquenta outros convidados, desfilaram Chelidônium Május e seu novo par, a sra. Lachésis Mútus, o bachelor Ranúnculus Bulbósus, as irmãs Pulsatilla (Rhus vai dirigir um curso de meditação ultrassensorial em Rio das Ostras, para quinze privilegiados), o deputado pedessista Kallinus Bichrômicum, a diretora da Hépar Sulfur, sra. Nátrum Muriáticum, radiante por haver firmado contrato com o governo iraniano para fornecer dez milhões de toneladas de chocolate hifragírico (o hockydra, de sua fábrica em Drosesa de Sul), o artista gráfico e ator de TV Sembúcus Nigra, os casais Spigélia Anthelmia, Thúya Occidentális, Pedépillum Peltátum. E outros.

O príncipe Sempervirens, em uma de suas melhores noites, depois de submeter-se à maratona de festas em sua honra, demonstrou mais uma vez que para ele não há segredos na arte de devassar substâncias espessas: adivinhou o que a sra. Urtica Úrens trazia no interior de um camafeu, nada menos que uma inscrição em língua sílicea, destinada a afugentar energias negativas, substituindo-as por positivas. Deste camafeu só existem três exemplares no mundo. Sempervirens não só identificou a peça como leu o texto mágico.

Os assuntos que animaram a reunião foram variadíssimos. A situação política foi considerada tranquila, uma vez que a candidatura do ex-governador Eupátrum Perfoliátum à presidência é a que apresenta melhor perfil para o cargo, nos termos prefixados, e, contando com a simpatia popular, dispensa não só a eleição direta como até a indireta: ele pode já ser considerado o Pré da República. A seu lado, o deputado Férrum Phosphoricum recebia cumprimentos; é quase certo que será o futuro ministro da Justiça. O do

Planejamento será possivelmente Azáricus Muscáricus, se não for Antimônium Crúdum, também presentes e fartos em sorrisos.

China Sempervirens, a anfitriã, esplendia num vestido plúmbios metálicum, assinado por Spôngia, e as convidadas não faziam por menos em toaletes que atestavam o talento de costureiras como Tabácum, Glonoínium e Fórmica Rufa. Já o cardápio, testemunhando a grife de Phetelácea, simplesmente ébaíu os convivas com um médaillon da arnica montana que será lembrado durante quinze anos. O chefe mostrou ainda a sua garra subcrevendo a sobremesa de harmálicus virgínica gelada, que pela primeira se serviu ao ponto no Rio de Janeiro, e foi saudada com palmas.

Gelsémium, ao lado de China, foi o anfitrião perfeito que comprovou mais uma vez sua reputação de grand seigneur dos tempos da Ilha Grande. Negou que esteja pensando em vender seu complexo industrial da baixada de Cápuum, pois justamente deseja transformá-lo em condomínio com seus 3,5 mil empregados, além de contratar mais 2,6 mil como contribuição para desfazer a balela de que há crise de desemprego no país. Esta declaração foi aplaudida com entusiasmo, e o jornalista Cócus Cácti lançou logo a ideia de Gelsémium ser adorado o Homem de Hipervisão de 1983, pois enxerga mais longe e mais alto do que o comum dos empresários.

Homem encantador, o príncipe Cocúlus convidou a todos para esticada no Mercúricus, o que foi aceito sem discussão. Como ele jamais usou cartão de crédito, mesmo porque essa instituição é proibida em seu reino do Íris Versicólor, e não carrega dinheiro no bolso, por ser anti-higiênico, a despesa foi rateada por uma vaquinha entre todos os presentes e mais alguns motoristas que serviam aos convidados, tudo na maior alegria e descontração.

Cocúlus Índicus viaja hoje de regresso para Íris, com escalas em várias capitais da América Latina, onde, como aqui, tem numerosos amigos. A única nota desagradável da noite foi o desaparecimento de uma joia da sra. Verátrum Álbum, que se sentou ao lado do príncipe no Mercúricus, mas ele consolou com um beijo nos lábios a perdedora, que logo esqueceu o incidente.

Bela noitada, em última análise.

II

Este cronista se deu mal ao excursionar pelo jet set para contar o que foi o jantar dos Gelsémium Sempervirens em honra do príncipe Cocúlus Índicus. Recebeu várias cartas de retificação e protesto que, por dever de ofício, aqui vão reproduzidas no essencial. Peço desculpas pelos erros de informação contidos na crônica-reportagem. Devo confessar que não participei do jantar (aliás, nem fui convidado) e que o meu relato se baseou em fontes até então dignas de crédito;

hoje não valem nada, à vista dos desmentidos, que, embora divergentes, concordam num ponto: não houve jantar, ou, se houve, não se sabe onde nem quando. Passo às cartas.

“Prezado CDA: Bem se vê que você nunca frequentou colunáveis, bicho do mato como é. Sua narrativa não faz sentido. O casal Sempervirens desfez-se no ano passado, e, portanto, não ofereceu jantar algum, mesmo porque China Bremen, ex-Sempervirens, assistia na ocasião ao Festival de Cannes, escoltada pelo cineasta Hayama Imamura, primo de Shohey Imamura, ganhador da Mandrágora de Ouro. Hayama não concorreu, mas considera-se premiado por ter conhecido China, que ele pretende lançar como protagonista de seu próximo filme, A amiga íntima do dragão, a ser rodado em Búzios em 1984. E Gelsêmium, ex-marido de China, há meses desapareceu das colunas. Portanto, papo-furado, e vê se não se repete. Isaías Arrigo.”

“Caro cronista. Convidado que fui ao jantar dos Sempervirens, de que você falou há dias, começo corrigindo o seu primeiro engano: chama-se Teda, e não China, a esposa do meu amigo Gelsêmium. O jantar seria oferecido, não ao ‘príncipe’ Cocúlus, que aliás foi desmascarado como reles farsante, no gênero daquele pseudoeconomista que chegou a lecionar na Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, mas ao conde Laboulaye de Choderlos, representante da Devil Inc., de Nashville, a última palavra em eletrônica a serviço do progresso dos países em semidesenvolvimento. Sua alteza, acometido de mal súbito pela manhã, não pôde comparecer ao ágape, e este foi cancelado até que o homenageado se tenha recuperado, após seu regresso dos States, onde se internou em clínica especializada. A sra. Verátrum Álbum não podia queixar-se do desaparecimento de uma joia no jantar malogrado. Ela é vezeira em denunciar perda de brilhantes em festas de elite, quando na verdade usa apenas joias de cutiliquê, adquiridas na rua da Alfândega. E posso garantir que jamais seria convidada pelos Sempervirens. Martinico Bertoni.”

“Senhor. Há coisas, mesmo afiançadas por um cavalheiro da sua confiabilidade, em que não podemos acreditar. Os Sempervirens, conhecidos trambiqueiros, oferecendo festas régias a um fidalgo? Essa não. O sr. Gelsêmium está sendo processado por mim, sua credora, a quem deve cinquenta mil dólares, importância da venda, que em má hora lhe fiz, da minha parte no condomínio Arethusia, na Barra. E a esposa dele (será mesmo esposa?), convido o jornalista a indagar das butiques de Ipanema qual o crédito

de que ela goza. Peço publicar esta para conhecimento dos incautos. Lola Ximene, por seu advogado Olderico Telêmaco.”

“Ilmo. colonista. Vivendo e aprendendo. Caí das nuvens lendo vosso relato do jantar chez Sempervirens. Li-o para o distintíssimo príncipe Cocúlus, que não admitiu ouvir até o fim. Jamais ele frequentou aquela gente nem sabe de sua existência. Seu primeiro impulso foi levar os Sempervirens aos tribunais, por abusarem do seu nome e prestígio social. Mas isto acabaria envolvendo o colonista, iludido em sua boa-fé, e, apesar de não conhecer pessoalmente V. Sa., sei que é homem de boa moral e apenas agiu com certa leviandade, ao veicular notícia falsa. Assina esta a amiga dedicada do príncipe Cocúlus, Janeta Assunção Van der Loo.”

“Ao jornalista do Caderno de Variedades. Sofrendo a minha justa indignação, venho reclamar de sua consciência ética a retificação do publicado a respeito do jantar que eu e minha esposa teríamos oferecido ao príncipe Cocúlus. Antes de mais nada, aí se insinua grave suspeita ao meu passado de grand seigneur dos tempos da Ilha Grande, dando a entender que vivi no presídio e lá dei festas memoráveis, acusação absurda, pois estive ali dois meses, não nego, não como criminoso comum, mas vítima de engano das autoridades do DOPS, ao acreditarem na falsa denúncia de alguém a quem protegi e que se virou contra mim quando desfizemos a infeliz sociedade imobiliária em que entrei com o capital e ele com a lábia. E festas... Que festas poderia eu dar em tão incômoda posição? Coisas da vida. Nunca nos vangloriamos da nossa amizade ao príncipe Cocúlus, mesmo porque não é do nosso feitio discreto. Se algum dia o levamos a algum restaurante ou o tivemos em almoço informal em nossa casa, isto é coisa que não interessa aos jornais e prefiro não elucidá-la. Minha esposa e eu ficamos magoados com a fantástica reconstituição de um jantar imaginário em que teria havido até roubo de joia. Magoados e revoltados. Se já vívamos distantes do society, agora então é que não queremos nem ouvir falar nisso, e pretendemos nos mudar para bem longe do Rio de Janeiro e de suas fofocas. Gelsêmium Sempervirens.”

A ESTRANHA (E EFICIENTE) LINGUAGEM DOS NAMORADOS

— Oi, meu berilo!

— Oi, meu anjo barroco!

— Minha tanajura! Minha orquestra de câmara!

— Que bom você me chamar assim, meu pessegueiro da flórida!

— Você gosta, minha calhandra?

— Adoro, meu teleférico iluminado!

— Eu também gosto muito de ser tudo isso que você me chama!

— De verdade, meu jagaretê de paina?

— Juro, meu cavalinho de asas!

— Então diz mais, diz mais!

— Meu oitavo, décimo, décimo quinto pecado capital, minha janela sobre a Acrópole, meu verso de Rilke, minha malvasiara, meu minueto de Versailles...

— Mais, agapanto meu, tempestade minha!

— Minha follia con variazoni, de Corelli, meu isto-e-aquilo enguirlandado, meu eu anterior a mim, meus diálogos com Platão e Plotino ao entardecer, minha úlcera maravilhosa!

— Ai que lindo, liiiiindo, meu colar de cavalheiro inglês num retrato de Ticiano! Meu fundo-do-mar, você me põe louca, louca de amar as pedras, de patinar nas nuvens!

— E eu então, minha górgone, minha gárgula de Notre Dame, e eu, minha sintaxe de Deus?

— Você fala como falam os balões de junho de Portinari, as joias da coroa do reino de Samarcanda, você, meu imperativo categórico, você, minha espada maçônica, você me mata!

— E você também me trucida, me degola, me devolve ao estado de música, meu tambor de mina!

— Todos os incentivos oficiais reunidos e multiplicados não valem a tua alquimia, meu ministro do fogo!

— Tuas paisagens, teu subsolo infernal, teus labirintos são superiores em felicidade a qualquer declaração dos direitos do homem!

— A primeira vez que eu vi você naquele bar do crepúsculo eu senti que as pirâmides e as cataratas não valiam a tua unha do dedo mindinho!

— Porque você é o Banco das Estrelas, e pode comprar todas as coisas do mundo, inclusive as águas e os animais, para restituí-los à vida em liberdade!

— Como posso ouvir outras palavras senão as tuas, meu almanaque do céu? Minha ciência do insabível? Meu terremoto, meu objeto voador identificado?

— Não nascemos um para o outro, nascemos um no outro, e estamos nessa desde antes do começo dos séculos, meu nenúfar!

— E estaremos mesmo depois que os séculos se evaporarem, ó meu desenho rupestre, meu formigão atômico!

— Mandala, raio laser, sextina! Tudo meu, é claro!

— Pomba-gira!

— Clepsidra!

— Sequoia minha minha minha!

Diálogo aparentemente louco, mas que dois namorados de imaginação mantêm todos os dias, com estas ou outras palavras igualmente mágicas. Não inventei nada. Apenas colecionei expansões ouvidas aqui e ali, e que me pareceram espontâneas, isto é, ninguém deve ter preparado antes o que iria dizer, de tal modo as palavras saíam entrecortadas de risos, interrompidas por afagos, brotando da situação. O amor é inventivo e anula os postulados da lógica. Ele tem sua lógica própria, tão válida quanto a outra. E os amantes se entendem sob o signo do absurdo — não tão absurdo assim, como parece aos não amorosos. Já ouvi no interior de Minas alguém chamar seu amor de “meu bicho-do-pé” e receber em troca o mais cáldo beijo de agradecimento.

Esta coletânea de frases de amor está aqui como introdução ao projeto não comercial de comemorações do Dia dos Namorados. Não para que elas sejam repetidas mecanicamente. Todo namorado que se preze deve inventar as besteiras líricas e deliciosas que a gente não diz para qualquer pessoa, só para uma, e só em momentos de pura delícia. Funcionam? E como!

ACONTECEU EM LONDRES

— Que é isso? Que é que o senhor está fazendo aqui?

— Perdão, Majestade, eu...

— Dispensou explicações. Retire-se.

— Vossa Majestade me fez uma pergunta, e eu, como súdito obediente, devo responder antes de me retirar.

— Tem razão. Mas o que foi mesmo que eu perguntei? O senhor me pregou um susto!

— Era o que eu menos desejava nesta vida. Preferia não acordá-la, juro.

— Mas acordou, e isso não se faz. Em todo caso, diga como chegou até aqui.

— Vossa Majestade quer que eu responda primeiro à segunda pergunta ou dê preferência à primeira, pela ordem natural das coisas?

— Primeiro que tudo, exijo que o senhor saia imediatamente da minha cama, onde estranho nenhum jamais ousou sentar.

— Desculpe, mas estou sentado só na beiradinha. Preciso tomar fôlego, e no quarto de Vossa Majestade, com grande pesar meu, não tem sequer uma poltrona.

— É verdade. Não sei o que fizeram da minha poltrona. Ficaram de estofá-la de novo, faz duas semanas, e até hoje nada. Preciso falar ao Philip sobre essa e outras coisinhas. Bem, responda como achar melhor.

— Posso continuar sentado na cama?

— Que remédio. Admito que o senhor não queira sentar-se no chão. Mas preferia que não estivesse nem sentado nem em pé. Que fosse embora.

— Então vou começar, mas acabo de refletir que a ordem natural das coisas recomenda que eu responda primeiro à segunda pergunta, a saber, como foi que cheguei aqui. Só depois disso é que tem cabimento a explicação do que estou fazendo aqui. Cada coisa em seu tempo, e todo assunto, para ser bem considerado, deve ser decomposto em partes, ordenadamente.

— O senhor me parece bastante cartesiano. Vamos lá.

— Então lhe direi que cheguei aqui pulando o muro do palácio, porque no portão não me deixariam entrar. Eles barram tudo.

— O muro tem três metros e cinquenta centímetros de altura, e está recoberto de cacos de vidro e cabeças de prego. Admira que o senhor o tenha galgado.

— Com a devida licença de Vossa Majestade, ousou dizer que não sou

desprovido de preparo físico e de habilidade natural.

— Estou vendo. E depois?

— Depois, subi pela parede, agarrando-me à calha, que, Vossa Majestade não leve a mal, está um tanto enferrujada e merece ser substituída.

— Falarei também a meu marido. Obrigada pela colaboração.

— Não tem de quê. Mas a parte da calha foi a mais difícil. Teve momentos em que eu recei de cair no cimento, e Vossa Majestade pode avaliar as consequências de uma queda nessas condições, sem falar no incômodo que eu daria à guarda do palácio.

— Continue.

— Daí por diante foi simples, pois Vossa Majestade é bastante cautelosa para não fechar por dentro a porta do quarto de dormir. Ninguém sabe o que pode acontecer quando se tem uma indisposição, por exemplo, e até um desmaio, e o pessoal de casa fica impedido de prestar socorro. Então, eis-me aqui.

— Espero que não tenha vindo para socorrer-me de qualquer coisa. Eu dormia tranquilamente.

— É verdade. Mas que sono leve tem Vossa Majestade! Não fiz o menor ruído, e mesmo assim a despertei. Lamento muito. Bem, que é que estou fazendo aqui? Nada.

— Como assim? O senhor escala o muro do palácio, sobe pela calha, atravessa corredores e salas, chega ao meu quarto, senta-se na minha cama e não está fazendo absolutamente nada, depois de fazer tantas coisas?

— Exatamente, Majestade. A não ser este diálogo que empreendemos por iniciativa sua, não erro ao afirmar que não estou fazendo coisa alguma em sua câmara real.

— Fale a verdade. Não pretendia cometer um atentado?

— Jamais. Venero a minha rainha e estou satisfeito com a Monarquia, que ainda agora, nas Malvinas, deu boa conta do recado.

— Eu ficaria desolada se soubesse que o senhor veio aqui como ladrão.

— Majestade, estou desempregado mas sou um homem limpo.

— Então, o que deseja, afinal de contas?

— Um cigarro. Estou sem dinheiro para comprar sequer um maço, e, perambulando em Saint James, com vontade imperativa de dar umas tragadas...

— Confundi Buckingham com uma tabacaria.

— Longe de mim um absurdo desses, Majestade. Além do mais, a esta hora todas as tabacarias de Londres estão fechadas. Pensei apenas que a casa da rainha deve ter cigarros excelentes.

— Pois olhe: neste quarto não há nem cinzeiro. Deixei de fumar em virtude de promessa para a Grã-Bretanha não ser humilhada naquela briguinta do Atlântico Sul.

— Que pena.

— Mas vou lhe satisfazer o desejo. Sei o que é um fumante inveterado, impedido de tirar uma fumaça. Por favor, toque a campainha para chamar o criado. Não posso sair da cama nesses trajes.

— Perfeitamente, Majestade. Agradeço-lhe de coração.

Trrrim. Chega o criado.

— John, conduza este senhor até a rua, mas dê-lhe antes um maço de cigarros. E mande chamar imediatamente aqui o sr. Whitelaw. Quero conversar com ele sobre a altura do muro do palácio e a conservação das calhas.

MILHO COZIDO

A primeira vez que eu vi alguém na rua comer milho cozido, confesso que me espantei. A segunda, não estranhei tanto. A terceira, tive tentação de pedir-lhe:

— Desculpe, moça. Posso provar um tiquinho?

Porque era moça, por sinal bem-apanhada. Não pedi, infelizmente. Ou felizmente, porque ela não só me recusaria o pedido como poderia mesmo estranhá-lo, achando-me atrevidão. Refleti logo como havia entre nós a distância infinita de algumas gerações, pois ela fazia o que eu gostaria de fazer e não tinha coragem, nem mesmo nunca pensara nisso: saborear na rua uma tentadora espiga de milho verde.

E daí, quem sabe se toparia? Garota moderna, desinibida, comendo quando lhe apetecia, natural que compreendesse o desejo de alguém, despertado pela visão do milho bom de comer. Se não topasse, a distância entre nós não seria tão grande assim: apenas moça preconceituosa, incapaz de compreender que minha intenção era simplesmente provar do milho, e não arranjar pretexto para aproximação, com fins obscuros e suspeitos.

Embaraçado, limitei-me a olhá-la com o rabo do olho, pois íamos no mesmo frescão, ela ao meu lado, e era impossível não tomar conhecimento daquele pausado e delicado comer um milho que vinha de antiquíssimas fazendas da minha lembrança... um milho tão recuado, tão perdido em brumas do século, sem mais nem menos viajando comigo naquele ônibus, trincado pelos dentes da moça, que o comia com muita desenvoltura e ao mesmo tempo com muita classe.

Ela, é claro, nem se dignava tomar conhecimento de mim, com essa faculdade admirável que têm as mulheres de estarem ausentes na mais indubitável presença. E dava uma mordidinha e parava e recomeçava, atenta ao ritmo e às boas maneiras. Nada mais natural, mais civilizado, sem gula ostensiva, sem provocação aos últimos defensores da teoria de que comer num coletivo é falta grosseira de “berço”.

A espiga consumia-se. Eu sempre com vontade de provar, e mudo e quedo na minha inibição. Não tinha olhos de cão pedinte, não ousaria tanto, mas comecei a duvidar da inteligência e do coração da moça. Então ela não via que a seu lado estava um senhor carente e desejan-te de comer daquele milho, e que lhe custaria renunciar a uns poucos grãos, para satisfazer tão humilde carência? Eu era um desconhecido, sim, mas o desconhecido deixa de sê-lo a um rápido

olhar de benevolência e duas ou três palavras reveladoras.

Só em Botafogo me ocorreu que podia repugnar-lhe a ideia de a espiga passar por duas bocas. Em Copacabana, perto de dois terços de espiga tinham-se desnudado; no Leblon terminaria a refeição, pelo esgotamento da peça. Não pude deixar de admirar a competência da moça, que nem se atrasava nem se afobava. Parecia até que cronometrara o ato de comer pela duração da viagem de ônibus. Se morasse em São Conrado, destruiria duas espigas? O fato é que degustava calma e delicadamente o glúten, o amido, as proteínas, ou, para falar a verdade, o sabor da mistura, sem identificação de elementos. O milho deixava-se papar, talvez agradecendo a delicadeza com que era papado. Escapara do carrinho do vendedor ambulante para cair nos dentes de uma bela moça egoísta que nem sequer se lembrava de que pertinho dela um senhor de origens rurais passara a ter subitamente imperiosa necessidade de comer milho verde, milho assado, milho cozido, qualquer variedade ou modalidade de milho, e elas são milhares...

Ah, por que não fiz o que era tão fácil de fazer, passar na carrocinha e comprar a minha espiga, mostrar à moça que também eu apreciava essa comidinha desprezível e amável? Mas como, se eu não tinha, minutos antes, a menor tentação de comer milho, e só a sentira ao ver a moça? Seria autêntica essa tentação, ou eu me comportava como reles imitador de gestos alheios, sem correspondência com a massa dos meus gestos habituais, normalmente programados? Na dúvida, arrisquei-me a olhá-la sem cerimônia, direto, quase provocador. Não deu sinal de perceber minha indiscrição. Comendo estava, comendo continuou, na mesma toada. E o milho acabando. E eu sentindo que a essa altura já não adiantava pedir nada à moça. Na melhor hipótese me estenderia o sabugo despojado, com um ou dois grãos de sobejo, irônicos. E já ia passando minha vontade de comer aquele milho daquela espiga, Deus (ou o Diabo) sabe lá por quê. Em vão procurara me iludir, pensando num milho anônimo, genérico, universal. Se a moça retirasse da bolsa outra espiga e a oferecesse à minha gula, não me apeteceria. Aquela é que despertara em mim o desejo manducativo, ligado a fortes e escondidas subjacências temporais. A moça desceu antes de mim, depois de embrulhar cuidadosamente o sabugo em papel fino e guardá-lo na bolsa. Continuei, já agora de estômago saciado. Eu comera toda a espiga de milho.

O CARRO, A JARDINEIRA, A CALÇADA

No momento, a situação nas calçadas de Copacabana está mais ou menos refletida neste diálogo de mil vozes:

— Ei, tira essa jardineira daí.

— Pra botar carro no lugar dela?

— Tira também o carro, ué.

— Pra botar aonde? Noutra calçada?

— Melhor deixar a jardineira e o carro, cada um na sua fatia de calçada.

— E o pedestre?

— Esse já foi tirado há muito tempo.

— E por que não o carro, a jardineira e o pedestre, com lugares marcados?

— Precisa deixar espaço pros carrinhos de bebê. Bebê ainda não é pedestre.

— Mas babá é.

— Então vamos repartir a calçada entre o carro, a jardineira, o pedestre, o bebê e a babá.

— Deixando uma área pras cadeiras dos bares de praia, no calçadão.

— Assim não dá. Só se houver revezamento.

— E meu pequinês, onde é que meu pequinês vai parar quando tiver necessidade?

— Afinal de contas, a calçada é ou não é do povo?

— Não. É dos bacanas que moram nos edifícios e não deixam a gente estacionar na calçada.

— Mas o carro também é dos bacanas.

— Só que de outros bacanas que não moram nos edifícios daquela calçada.

— Então é uma guerra entre bacanas.

— Eu não sou bacana. Sou povo e estou pagando meu carro financiado.

Onde é que eu vou estacionar?

— Em cima das flores.

— O senhor parece que não gosta de flor. Prefere gasolina.

— Ora, meu amigo, quem gosta de flor plante elas no vaso, dentro de casa.

Eu também gosto de música, mas não vou curtir meu som na calçada.

— A jardineira é medonha, o carro é funcional.

— Sem essa. O carro polui, e toda planta é legal.

— Bobagem, a Celurb apreender as jardineiras. Os próprios carros liquidam com elas.

— Se fosse só com as jardineiras. Um deles, em cima do passeio, mandou minha tia para o hospital.

— Eu não digo que calçada é muito perigoso? O mais seguro é não sair de casa, sob pretexto algum.

— É, mas carro na calçada tem uma vantagem. Não deixa bicedeta atacar. Bicedeta é fogo: olha só esta cicatriz na minha canela.

— Não estou interessado na sua canela. Quero saber é quem vence esta parada: a máquina ou o homem?

— A máquina também faz parte do homem, é prolongamento dele, do corpo dele. O homem está dos dois lados, brigando, chateando-se.

— Não terá um terceiro lado, o lado da paz?

— Tem sim, vovó. Tem a Praça da Paz, que fica em Ipanema.

— Engraçadinho. Vê lá se tem paz na Praça da Paz. Tem é carro.

— Viu? Foi a conta de fundir o estado do Rio com o Rio, e os carros de Barra do Pirai vêm atochar nossas calçadas. Só carioca é que não tem direito.

— Separatista! As calçadas também devem ser fundidas!

— Ah, meu Deus! Eles estão roubando nossas jardineiras! Nossas folhagens! Nossos miniespaços verdes!

— Numa hora dessas, com o rapa levando as jardineiras, síndico nenhum é bobo de aparecer!

— As jardineiras estão impedindo o progresso do país!

— Amanhã plantarão bosques na calçada e botarão leões e tigres, jacarés e cascavéis lá dentro, pra devorar a gente!

— Sempre achei que esse negócio de flor na calçada é sabotagem contra a indústria automobilística nacional!

— Perdão, mas alecrim e espada-de-são-jorge são muito mais nacionais do que os automóveis fabricados por aí!

— Pelo visto, a confusão é geral.

— A confusão já era. Isto é a superconfusão.

— Qual, o Rio de Janeiro não existe.

— Agora é que você percebeu isso?

TEM CADA UMA NA VIDA

Jamais entenderei por que a moça me procurou para fazer um pedido: queria (quer) ser artista de novela das sete.

— Mas eu... — tentei informar. Ela não me deixou concluir a frase:

— Até que não estou pedindo muito. Se pedisse para a novela das oito, iam dizer que era pretensão. Também não desejo a novela das seis. Quando a gente é modesta demais, botam pra escanteio.

— É, mas...

— Então eu acho que no meio está a virtude, como gostava de falar o vovô. Vovô era entendido em coisas mil. O senhor conheceu vovô? Ele foi um cara importante no MEC.

— Devo ter conhecido. Qual era o nome dele?

— Vovô Marreco. A gente chamava ele assim porque tinha uma cara gozada, cara de marreco. Uma ocasião... Bem, depois eu conto. O senhor vai me ajudar, não vai?

Mais uma vez tentei explicar (não consegui) que não tenho nada com televisão, apenas sou amigo do Otto Lara Resende, na Rede Globo, e não me consta que o Otto selecione artistas. Mas a moça prosseguia, vivendo o sonho, que não era sonho, era projeto amadurecido. Os pais aprovavam. Mesmo que não aprovassem, estava decidida:

— Força do destino. Minha tia-avó fugiu de casa pra trabalhar na companhia de Leopoldo Fróis. Naquele tempo não havia televisão, imagine como as opções eram limitadas. Minha mãe fez parte do caste de novelas da Rádio Nacional, deixou o brodcaste pra casar. Meu pai impôs condição. Felizmente, evoluiu, hoje até faz gosto.

— E o namorado? — perguntei, desistindo de esclarecer que ela batera à porta errada.

— Namorado? Então o senhor acha que eu vou pedir consentimento a namorado, pra trabalhar em novela? A gente tá em 1980, pô.

— Lá isso é.

— Inclusive meus namorados são todos descartáveis. Não me amarro a nenhum, porque meu futuro não tá nos homens. Tá na arte.

— Muito bem.

— Não é que eu não queira negócio com homem, veja bem. Deus me livre e guarde. Só que minha vocação, minha carreira ficam acima de tudo.

— Você tem experiência?

— Que é que o senhor chama de experiência?

— Experiência mesmo. Já transou cinema, teatro, expressão corporal, laboratório, essas coisas?

Pensou para responder. Afinal:

— Sim e não.

— Sim e não, como?

— Quer dizer, transei com gente ligada, mas não me deram chance pra começar.

— E vai logo começar de novela?

— Olha, a base da novela hoje é naturalidade. Sou muito natural, o senhor tá vendo como eu sou natural. Se me contratarem eu tiro de letra. Aliás, eu treino sozinha.

— Como?

— Eu ensaio lá em casa, no meu quarto. Já fiz vários papéis, e não era papel mole, de figurante. Fiz uma cena da Glória Menezes, que se ela visse ficava boba de admiração. Não é pra me gabar. Me considero tarimbada.

— Ótimo.

— O tempo que eu passo estudando as atrizes na tevê não está no gibi. E só pra elas que eu olho. Conheço tudo, olhar, sorriso, franzir dos lábios, cara de tristeza e cara de desejo de Maria Cláudia, Joana Fomm, Lúcia Alves, Débora Duarte... Quer ver?

— Não precisa, minha filha. Eu acredito.

— Só uma amostrinha, pra provar que não estou mentindo.

— Está se vendo que você não mente. Obrigado.

— Pois é. Ou eu entro na novela das sete — qualquer novela, de qualquer época, eu sou como a Lucélia Santos, papel de escrava, de estudante, de garota fútil, eu topo — ou...

— Ou o quê?

— Se não entrar, não sei o que será de minha vida.

— Não diga isso!

— Digo. Minha vida depende do senhor, neste momento. Uma palavrinha sua, e...

— E?

— Tou contratada. Vamos, não me negue uma colher de chá. Eu sei que você pode fazer isso por mim. Desculpe o tratamento, saiu sem querer. Por que você não diz logo que vai me ajudar? Por que não telefona logo pro pessoal da tevê? Por que ficou assim, duro, engasgado, sei lá se descrente de minhas possibilidades? Por que não confia em mim? Diga, diga pelo amor de Deus! Você é ruim, homem! Você é íntimo do Daniel Filho e não quer mover uma palha em favor de uma pobre artista em potencial!

Tinha se levantado, no ardor da interpretação, agitou os braços, deixou-se cair na poltrona, exausta, pela primeira vez silenciosa. Só então pude jurar-lhe, também por Deus, que não conheço Daniel Filho. Olhou-me com desprezo:

— Ah, é assim? E por que não me falou isso logo de começo? Me enganar esse tempo todo! E eu, feito boba, falando com a pessoa errada! Tem cada uma na vida...

UM CÃO, OUTRO CÃO

“Vovô triste procura seu cachorro pointer, Toy, desaparecido. Boa recompensa para quem devolvê-lo ou souber onde ele se encontra. Tel. 287...”

— Alô! É o Vovô Triste?

— Como?

— Não é o Vovô Triste quem está falando? Aquele que perdeu um cachorro de estimação?

— Ah, sim. Sou eu mesmo. Estou tão triste que nem me lembrei do nome que pus no jornal. O senhor achou o meu Toy?

— Antes de mais nada, meu caro senhor, quero cumprimentá-lo com respeito. Estou falando com um homem de sensibilidade, um homem de coração grande, que sofre com a perda de uma companhia animal. Eu divido os homens entre os que amam a convivência dos irracionais, e aqueles que...

— Obrigado. Mas o senhor achou o meu Toy?

— Um momento. Não posso deixar de me inclinar diante das pessoas sensíveis, realmente identificadas com o mundo natural. Isso é tão raro hoje em dia.

— Não é tanto assim, o senhor exagera. Todo mundo que tem um cão é porque gosta dele, e gostando, sente falta quando ele some.

— É o que o senhor pensa. Muita gente dá graças a Deus quando se vê livre do animal doméstico, que não quer ficar sozinho em casa e impede que o dono saia de viagem ou mesmo para jantar fora. Conheço casos...

— Está bem. Agora me dê notícias do Toy.

— Pois não. Ele é pointer, não é?

— Exatamente.

— Inglês ou alemão?

— Inglês, com muita honra.

— Por que o senhor diz “com muita honra”? Se fosse alemão, a honra era menor, ou nenhuma?

— Absolutamente, cavalheiro. Prezo tanto a Inglaterra como a Alemanha, mas o meu cão é inglês, eu gosto do meu cão, então eu digo com muita honra que ele é inglês. Há algum mal nisso?

— Entendi. O seu Toy é preto ou branco?

— Branco, manchado.

— De preto, de laranja, de que cor?

— De preto. O senhor achou, o senhor viu em algum lugar o meu Toy? Diga logo, estou tão ansioso!

— Tenha calma, Vovô Triste. Estou lhe perguntando porque tem tanto cachorro por aí, de tantas variedades da mesma raça, que só a gente vendo um retrato bem nítido do animal é que pode identificá-lo, né?

— Eu conheço o meu Toy a léguas de distância. Conheço pela ligeireza, pelo aprumo, pela individualidade, mais do que pela cor ou pelo tamanho. Conheço de cor e salteado, sou capaz de distingui-lo entre mil pointers iguaizinhos uns aos outros.

— Mas eu não, é lógico. Outra coisa. O senhor prometeu uma boa recompensa.

— Exato.

— De quanto?

— Bem, eu acho que dois mil cruzeiros para quem me trouxer o Toy, ou mil para quem indicar o seu paradeiro, é uma boa recompensa, o senhor não acha?

— Quer mesmo que eu diga? Acho pouco.

— Pouco por quê? Sabe qual o preço máximo de um pointer inglês? Dois mil e quinhentos.

— Sim, é o preço de mercado, para cães de pedigree, mas tem uma coisa mais importante do que pedigree: o amor a um animal de estimação. Seu amor está cotado em dois mil?

— Ah, o senhor não deve falar assim, o senhor me tortura. Quisera eu dispor de cinco mil, de dez mil, de cinquenta mil cruzeiros, para resgatar o meu querido Toy. Mas sou um simples inativo do Ministério da Justiça, à espera de classificação no cargo inicial da carreira, o senhor entende?

— Sendo assim... não se fala mais nisso. Desculpe. Não quero aumentar sua aflição. Mas já que entramos nessas intimidades, quero corresponder à sua confiança e dizer-lhe uma coisa.

— Qual?

— Não convém o senhor se amofinar por causa do Toy.

— Como? Quer dizer que ele morreu?!

— Deus me livre. Eu nunca seria portador de uma notícia dessas.

— E então?

— Então, é que numa cidade imensa como esta, com milhares de cães perdidos, a probabilidade de encontrar o seu bichinho é muito limitada. Enquanto espera, o senhor sofre, o senhor se angustia, o senhor fica mais triste ainda. Por que, em vez disso, não parte para outra?

— Deixar de procurar o Toy? Seria uma infâmia!

— Quem falou em infâmia? Quero apenas o seu bem, a ordem de suas coronárias, de sua cuca. O senhor evitará muitas decepções, conservando a

memória do Toy encarnada em outro animalzinho adorável. Olhe, eu tenho aqui um filhote de miniatura pinscher que é uma graça, um amor de coisinha leve. Posso lhe dar por dois mil cruzeiros, exatamente a importância de que o senhor dispõe e que provavelmente não terá aplicação ao insistir em procurar o Toy... Assim o senhor, de Vovô Triste, na fossa, passará a Vovô Alegre, digo mais... a Vovô Feliz...

— Bandido! Miserável!

ILHAS DE MINAS, NO VOO DAS PALAVRAS

Você conhece a Ilha da Merenda? Nem eu. Mas gosto de saber que Minas Gerais tem uma Ilha da Merenda. Onde fica? Isso eu posso dizer a você, fica no rio São Francisco, entre a foz do córrego do Frade e a barra do rio Abaeté. Ou não fica mais, e acabou porque fizeram barragem, esse negócio de mexer com os rios para produzir energia, essa violentação da natureza que dizem ser necessária para sustentar o homem? Bem, não me meto nessas funduras, nem vou sair do meu canto para espiar se ainda tem por lá a Ilha da Merenda. Quero só curtir com você esse nome, essa ideia de ilha aonde a gente chega só para merendar, então a gente merenda — de preferência sobre a relva, como no quadro de Manet ou no quadro de Cézanne, e depois volta, ninguém mora na Ilha da Merenda, não deve morar. Essa ilha é uma pausa, as aves de lá, as árvores de lá sabem disso, não se importam muito com as visitas, ninguém vai lhes fazer mal, tudo é calma e fugacidade no intervalo.

Você pensa que minha terra, não sendo marítima, tem um punhadinho à toa de ilhas? Está muito enganada. Nós temos a Ilha dos Bugres, que não tem bugres; teve. É ali acima da barra do rio Correntes de Canoas. Se ao menos deixassem os bugres ficarem por lá, longe de posseiros, de aculturadores, de integracionistas! Não deixaram, mas também deste nome eu gosto, e no faz-de-conta boto ali uma assembleia altaneira de índios, resistente à máquina protecionista e à cobiça dos invasores, tudo por conta própria, mantendo orgulhosa a derradeira república nativa do Brasil... Você vai pensar que estou meio pinel. Estou não, estou é vivendo a magia dos nomes de ilhas.

Ah, a Ilha da Preguiça! O rio Doce, que é meu rio de nascença, sagrou-se mestre em ilhas assim, convidando ao devaneio. Esta aqui fica antes da barra do rio Esplendor, que na boca do povo se arredonda em Esplendor. Uma ilha destinada exclusivamente à preguiça, aos preguiçosos jogos de não fazer nada ou de fazer muito devagar, muito depois de depois de amanhã, uma ilha toda ócio, calma et volupté. As plantas não têm pressa de crescer; por isso crescem mais docemente, com viço mais tranquilo e também mais duradouro. Os animais dormem; se acordam é para tornar a dormir, dando ritmo ao sono. Até nas pedras há uma preguiça de reluzir ao sol, que as torna menos rígidas; são pedras que não fazem questão do estado mineral; estão à espera de se definir, sem afobação. É assim a Ilha da Preguiça, aonde um dia iremos nós dois, espreguiçar-nos de sociedade com tudo que cumpre lá seu destino indolente.

Agora, você já viu coisa mais mineira, caligraficamente sutil e bonita como geografia, do que a Ilha da Cabeça do M, junto ao cachoeirão do M, um M líquido, bordado em espuma cadente, inicial-resumo do santo nome de Minas? Do vértice do M cai a espumarada, a envolver de nuvens essa maior ilha de Minas, que é a própria Minas, tida como constelação de montanhas, mas por isso mesmo ilhada, alta ilha, ilha alterosa, a tamanha altura do nível do mar, ilha suspensa.

Ensandeço? Não. São as ilhas que subvertem a razão natural, interrompendo a continuidade do mundo. Elas se isolam, orgulhosas ou prudentes. Mas vamos adiante. Se estamos no rio Doce, chegemos à ilha irônica do Talaveira, do murrango, do mau cavaleiro, do bisonho no lidar com lavoura ou gado. Minas gosta de brincar com o imperfeito. E acha nomes engraçados para suas ilhas, como a da Pindaíba (ouço ainda a voz dos mais velhos: “Estou numa pindaíba danada”), tem a dos Casados e a das Marias; a do Periquito e a do Alferes, não sei se homenagem a Tiradentes ou alusiva a um dono qualquer de uniforme. Tem a dos Estados, a dos Pombos, a das Antas, a das Batatas e esta outra que faço questão de inventar uma história para ela: a Ilha Lucrecia, tão borgia! Onde príncipes, cardeais, assassinos e outros figurantes, entre eles, uma turma ilustríssima de poetas e artistas, se dedicam às mais diversificadas aventuras em tomo dessa dama egrégia. Furo sensacionalíssimo de reportagem: Lucrecia, a magnífica, em Minas Gerais, numa ilha particular, tão particular que nela só pode ter acesso minha fantasia deste momento e você, se me der crédito e o prazer de acompanhar-me até lá...

Não, desisto de surpreender Lucrecia em sua ilha cativa. Minas é surrealista, concordo, mas sem exagero; conservo a justa medida das coisas, até no absurdo. Fiquemos por aqui, você e eu habitando em pensamento as ilhas que afloram em Minas, que enfloram Minas, essa ilha maior balançando no alto dos montes e serras...

BOCA DE LUAR

— Você tem boca de luar, disse o rapaz para a namorada, e a namorada riu, perguntou ao rapaz que espécie de boca é essa, o rapaz respondeu que é uma boca toda enluarada, de dentes muito alvos e leitosos, entende? Ela não entendeu bem e tornou a perguntar, desta vez que lua correspondia à sua boca, se era crescente, minguante, cheia ou nova. Ao que o rapaz disse que minguante não podia ser, nem crescente, nem nova, só podia ser lua cheia, uai. Aí a moça disse que mineiro tem cada uma, onde é que se viu boca de lua cheia, até parece boca cheia de lua, uma bobice. O rapaz não gostou de ser chamada de bobice a sua invenção, exclamou meio espinhado que boca de luar, mesmo sendo de luar de lua cheia, é completamente diferente — insistiu: comple-ta-men-te — de boca cheia de lua; é uma imagem poética e daí isso não tem nada que ver com mineiro, ele até nem era propriamente mineiro, nasceu em Minas por acaso, seu pai era juiz de direito numa comarca de lá, mas viera do Rio Grande do Norte, depois o pai deixou a magistratura e se mudou para São Paulo, onde ele passou a infância, mudando-se finalmente para o Rio com a família. Ah, disse a moça, você ficou zangado comigo, diga, ficouzinho? bobo, te chamo de bobo como te chamo meu bem, fica nervosinho não, eu agora estou sentindo que o que você falou é uma graça, boca de luar é legal, olha aqui, vou te dar um beijo superluar, você quer? Ele ensaiou uma cara de quem não faz questão de ser beijado, mas os lábios da moça estavam já assumindo a forma de beijo, avançavam para ele num movimento que parecia comandar e concentrar todo o corpo, como resistir? Pois resistiu, se bem que com intenção de ceder: daí a pouco. Não ficava bem desmanchar a zanga assim tão depressa, ela ia ter a impressão de que ele nem sabia ficar com raiva, a simples oferta de beijo o amolecia, e que seria do casamento deles, se houvesse casamento? Não é que pensasse em casar com a moça, longe disso, não pensava em casar com ela nem com moça nenhuma nos próximos dez anos, mas é bom manter a linha de durão mesmo sem perspectiva de futura manutenção de autoridade. É da lei não escrita, homem ficar emburrado e não fazer por menos. Então é assim? falou baixinho a moça, você não quer o meu beijo oferecido de coração, pois não vai ter mais nenhum nem agora nem depois de amanhã nem nunca, ouviu, seu bolha? E os lábios recuaram tanto que foi como se despregassem do rosto ali diante do moço zangado e fugissem para longe, para onde nem sequer fossem vistos, e escusa de procurar, porque boca de boca desprezada some na

nuvem mais escura, por trás daquela serra para os lados de Teresópolis. E eu vou sofrer com isso? o moço não disse mas falou consigo mesmo, que bem me importa se ela não quer mais me beijar, eu beijo outras, beijo a prima dela, beijo milhões e acabou-se. Mas a moça, que despachara os lábios para o sem-fim, continuava diante dele, muito saborosa e séria, séria e saborosa, aquela pele fina e dourada, aqueles olhos, aquele busto, aquilo tudo de primeiríssima beleza, sem falar na boca ausente mas presente, sabe como é? Ele não sabia, mas a vontade de provar o beijo reapareceu depois que o beijo fora recusado para todo o sempre, e o rapaz avançou o braço direito para pegar docemente no queixo da moça, quem disse que o queixo cedeu? Ele fez um gesto mais positivo, tentando segurar o ombro da moça, o ombro esquivou-se ao toque, embora ela não recusasse. Continuavam próximos um do outro, a uma distância infinita do entendimento. Forçar o beijo seria besteira, ela cerraria os lábios, a boca de luar não se abriria na aceitação úmida da sua. E que gosto pode ter beijo roubado, se até o que não é roubado costuma ser insípido quando as duas partes não se movem pelo mesmo impulso de doação e devoração? A moça visivelmente esperava o ataque, ele visivelmente se proibia de atacar, isso durou um tempão, com o beijo parado em potencial entre os poucos centímetros de uma boca a outra, eis senão quando — ui! — uma formiga, não mais que uma formiguinha, vinda de não se sabe que subterrâneo preparado para expedi-la, em momentos que tais, começou a subir ziguezagueando pelo pescoço da moça, ela deu um grito, ele se precipitou para caçar a formiguinha, os rostos tocaram-se, os lábios também, e o beijo desabrochou, flor na ponta de duas hastes conjugadas, superlunar e inevitável, beijo fluido e forte, resultante da incompreendida imagem poética ou da formiguinha encomendada, quem sabe, pelo rapaz? ou pela moça?

CASAMENTO

A empregada do meu amigo Dorval pediu uma semana de férias para casar.

— Tudo bem — respondeu ele. — Mas você não casou no ano passado?

— Casei, sim, mas o casamento não aprovou. Era só de fim de semana.

— Como assim?

— O Jorge só aparecia lá em casa sábado de noite, passava o domingo com a gente, segunda de manhã se mandava.

— E você aguentou isso um ano, Rosemira?

— Foi trato da gente. O Jorge dizia que casamento sete dias por semana é carrapato nas costas, não tem jeito de tirar. Eu concordei, mas o trato não deu certo.

— Você sentia falta dele nos outros dias, e ele de você, não é?

— Sentir eu sentia, não vou mentir para o senhor. Mas trato é trato, o senhor sabe que eu nunca faltei com a palavra.

— Isso é verdade.

— Eu ficava imaginando como havia de ser bacana ter o Jorge a meu lado toda noite, aquele carinho certo, aquela segurança em Cordovil, e de manhã ver o meu homem preparando o café para mim, antes da gente sair para a luta. Mas não dizia nada.

— O Jorge também não dizia?

— Insinuava, sabe como é? De boca mesmo ele não soltava um isso de proposta. Só um suspiro na hora da despedida, um piscarzinho maroto de olho, um apertãozinho mais forte de mão, essas coisas. Eu bem que percebia, mas e a minha dignidade?

— Acho que você exagerou no recato. Não era falta de dignidade responder com outro sinal assim, e combinar um novo regime.

— Eu combinei.

— Não estou entendendo.

— Fraqueza de mulher, doutor. Um dia a casa cai. Ele deu um suspiro mais fundo apertou mais tempo a minha mão, me fez aquele olhar safadinho. Ai eu fraquejei, disse: Se é assim que você tá querendo, pode vir logo de noite e todas as noites. Foi a conta.

— Você não ficou satisfeita?

— Na hora, fiquei. Mas aí o Jorge começou a dar uma de rei, aparecia semana inteira, na outra falhava na quarta ou na sexta, no começo dava

desculpa, serviço dobrado, patrão exigindo dele serviço noturno (o patrão é, como se diz mesmo? ele é vipe), eu calada escutando. O pior é que o Jorge não sabe mentir, a boca dizia uma coisa, a cara dizia o contrário. Enchi.

— E brigaram?

— Mais ou menos. Não sou de engrossar, mas tive de dizer a ele o que os homens não gostam de ouvir. Eu é que mantenho a casa, doutor. O Jorge entrava com o carinho e uns trocados. Dizia que o patrão esquecia de pagar, e quando pagava, um assaltante tomava o dinheiro, outra vez era a avó dele na Paraíba que precisava de auxílio, uma irmã doente que recebia mesada, sei lá.

— E você contribuindo.

— Mais ou menos. Quando ele dizia que estava na pior, como é que o coração podia resistir? Mas isso não me chateou tanto como o Jorge faltar no sábado. Foi demais. Até nos sábados! Segunda-feira com a cara mais lambida deste mundo, ele veio mentindo que tinha levado o patrão no carro para o fim de semana em Angra. E a televisão mostrou o patrão numa festa de domingo, aqui no Rio.

— Pegou mal, hein?

— Aí cortei. Nunca mais. Agora estou partindo para um casamento legal, da semana inteira, com o meu homem junto de mim na noite de frio e de calor, no vento e na chuva, também na divisão da despesa. Fiz a experiência do fim de semana, chega. O doutor vai me dar as férias? Para começar bem, a gente quer curtir uma lua de mel em Cantagalo, terra do Ernesto. O Ernesto é o meu novo marido. Qualquer dia ele vem aqui para conhecer o senhor, quer dizer, para o senhor conhecer.

— Pois não, Rosemira. Você vai fazer falta, mas o motivo é justo, e uma semana a gente pode esperar. Mas você escolheu bem, o Ernesto é mesmo legal?

— Se é? Olhe, antes do compromisso quis combinar tudo bem direitinho e contei a ele a minha transa com o Jorge. Pedi que ele pensasse bem no que ia fazer, pois pessoas como o Jorge acham que o casamento a semana inteira é carrapato grudado nas costas. Sabe o que ele me respondeu? “Rosemira, quero ser o teu carrapatinho de tempo integral!”

DEPOIS DA QUARTA DOSE

Falava sozinho no bar, diante de todos:

— Eu me sujeito à porcaria do meu emprego só para defender o leite das crianças. O pior é que as crianças não querem mais saber de leite, elas preferem refrigerante. Quer dizer, as crianças do vizinho, de todos os vizinhos, porque eu não tenho filhos, nunca tive. Ou tenho? A gente não pode afirmar certas coisas, quando a vida nos coloca em determinadas situações que... Bem, este assunto é particular, os senhores e senhoras aqui presentes não têm nada a ver com isso. Ou por outra, para não ser indelicado: não se interessam a mínima por isso, e com toda a razão.

É, o leite das crianças. Eu defendo o leite das crianças aceitando um tipo de serviço que absolutamente não me agrada, mas o serviço miserável que eu faço leva dinheiro para o bolso dos meus patrões, que com toda certeza têm filhos e devem alimentá-los produzindo bolachinhas para os filhos dos outros.

Falei bolachinhas? Tanta coisa que é preciso dar de comer a uma criança para que ela cresça com saúde e amanhã seja um cidadão ou cidadã útil à sua pátria, aliás nossa, e pague os sacrifícios que nós fizemos por ela, indo por sua vez fabricar bolachinhas e assim sucessivamente no fluxo das gerações. Também poderá fabricar outra coisa, como botões ou canhões, não importa. A mim tocou viver em redor de bolachinhas.

Porque meu emprego consiste em criar a publicidade das bolachinhas Vitaflor. Alguém já provou delas, por acaso? Não? Senhoras e senhores, eu estou perguntando, e se ninguém me responde concluo que as bolachinhas Vitaflor são irremediavelmente ignoradas do distinto público aqui presente, o que não me espanta, aliás nada me espanta depois da guerra de Troia, quanto mais isto. Eu também não conheço as bolachinhas Vitaflor, cujo nome resulta do casamento de vitamina com farinhas, traduzindo flour por flor. Juro que não colaborei na tradução, estou inocente. Quando me deram o emprego ela já era fato consumado. Bolachinha de farinha de trigo vitaminada, a delícia que fará seu filho ser o vitorioso de amanhã. Vendi minha alma a este produto, mas juro que nunca provei dele, por uma questão de princípio. Posso morrer de fome na Favela do Rato Molhado, mas bolachinha eu não como. Nem a Vitaflor nem outra qualquer. Não posso dizer se ela é melhor ou pior do que as demais bolachinhas, embora profissionalmente tenha de proclamar que ela é a imperatriz, a deusa das bolachinhas do universo.

Os bons ouvintes já devem ter percebido o meu drama. As bolachinhas ocupam na minha vida um lugar indevido, reservado para ocupações artísticas e filosóficas que jamais poderão se concretizar. Tenho inúmeras obras escritas em pensamento, e crio no silêncio da imaginação o que denominei música supranatural, porque desenvolve sons não codificados até hoje na natureza e nos instrumentos. Mas entre bolachinhas não dá pé. Fiz tudo para conciliar a bolachinha e o surto criador; falhou. Sugeri à empresa o lançamento de bolachinhas filosóficas, contendo aforismos de sabedoria, e de bolachinhas musicais, que ao serem trincadas emitissem um som requintado. A empresa me respondeu que me pagava para promover as bolachinhas Vitaflor. Não era suficientemente grande para lançar produtos revolucionários. Nem sequer tinha condições para manter conta numa agência de publicidade, tanto que me contratara individualmente, etc. e tal. Que eu guardasse as minhas ideias para o futuro. Guardei.

Então continuo nesta de defender o leite das crianças, que elas não tomam, nem eu, pois, como os amigos estão vendo, prefiro a alternativa que merece o apoio de todos os cavalheiros e damas encontrados neste bar. Meus talentos permanecem intactos no fundo de minha personalidade castrada — ó diabo, não devia usar esta palavra, me perdoem — mas eu não sei o que fazer com os meus talentos. Devo jogá-los fora? Cuspi-los? Vomitá-los? Estrangulá-los? Acabarão me estrangulando, os amordaçados? Juro que não sei, não sei, não sei. Garçom, por favorzinho, meu amigo, traz depressa mais uma dose para eu narcotizar minhas potencialidades. O leite das crianças pode esperar.

FILÓSOFO

A mão direita erguia o papel bem acima da cabeça, como para significar que não se tratava de pedido de auxílio monetário, mas de proclamação ou manifesto de alto nível. Portanto, ninguém precisava afastar-se.

Era um preto magro, alto, de carapinha branca, barbicha alvejando sobre a camisa de pano ordinário, mas limpa. Chegou ao ponto de ônibus e, perante três ou quatro pessoas, esclareceu que não era candidato a nada, salvo a um lugar no coletivo.

Em verdade, queria mais do que isso, pois, mal se acomodou lá dentro, pediu licença ao respeitável auditório para expor matéria de suma importância. Confessou que usava o ônibus para falar, porque na rua ninguém lhe dava mais de dois minutos de atenção. Ali, contava com auditório certo pelo menos durante trinta minutos, podendo chegar a uma hora se houvesse engarrafamento de trânsito, coisa que não desejava. Um ou outro passageiro que saísse era compensado pelos que entrassem no percurso normal, e ele fazia questão de ter um mínimo de doze a quinze ouvintes:

— Que adiantou, irmãos, eu ter elaborado uma filosofia universal, que me custou anos de análise e pesquisa, se ninguém me escuta?

Falava e mantinha alta a folha de papel, que lia oportunamente. O tom da voz era suficiente para impedir qualquer conversa entre passageiros, que se resignaram a ouvi-lo. Os que amam o silêncio não pensaram em protestar, mesmo porque um barulho a mais, que importância tem hoje em dia? Motorista e trocador mostravam-se impassíveis, como se nem estivessem ali, só o envelope deles é que estava. A praxe é ninguém se mexer nessas horas. E, aparentando não ouvir, todos ouviam o filósofo universal.

— Não me considero salvador do mundo, mas sou um cidadão que vê as coisas pelo direito e pelo avesso. Elas estão muito embrulhadas, muito mesmo. Uma vez que nem a ciência nem a política nem a religião consegue desembrulhá-las, tive de descobrir o meio de fazer isto sem violência. No que depende de mim, está feito. Agora preciso de colaboração das senhoras e senhores aqui reunidos nesta viagem privilegiada, pois esta é a sede momentânea da sabedoria.

E passou a ler o papel:

— Todas as pessoas, animais, plantas e coisas da Terra têm um direito e um avesso, uma fachada e um fundo de quintal, uma aparência e uma essência,

um sim e um não. Essas propriedades ou condições se embaralharam de tal maneira, na história da humanidade e da natureza, que o comum hoje é estar tudo trocado. O pior é que a troca nem se faz mais no âmbito de cada pessoa ou coisa. Um político tem alma de tigre, esta donzela participa da natureza moral do xisto betuminoso, há elefantes mantendo cursos de balé ou de ciências econômicas, abacateiros que na época da frutificação produzem dólares falsos ou sambas de breque, uma doideira.

Parou para interpelar:

— O que se passa no Líbano, e cito um exemplo ao acaso, como podia citar a taxa de iluminação cobrada a quem mora em rua sem iluminação, não é normal. Mas o que é normal em nosso tempo, me respondam: o que é normal?

Ninguém respondeu.

— Se não respondem, é porque não tem mais nada normal, está claro. Depois de pensar muito na situação tragicômica do mundo, o que fiz na gráfica onde trabalhava e onde lia os originais dos doutores, na clínica psiquiátrica do INPS e até no xadrez onde me puseram exatamente porque anda tudo errado, cheguei à conclusão de que temos, em primeiro lugar, de nos virar pelo avesso, para ver se achamos nosso verdadeiro modo de ser e de viver. Se não for simples inversão de atributos, e sim apropriação indébita de atributos alheios, temos de restituir esses elementos estranhos a quem for dono deles, e recuperar os nossos. É possível que muita gente feia passe a ser bonita, mas também maior número de bonitos tenha de se confessar feio de morrer. Não tem importância, se cada um reinstalar a cara que Deus lhe deu ao nascer. A cara e a fisionomia moral, que é a primeira cara de nós todos. Custa um pouco, eu sei, dói até, fazer a troca ou restabelecimento da identidade. Mas se a gente não fizer isso, baseada no meu sistema universal do avessismo dinâmico, iremos todos pro diabo que carregue, e então...

Tive de descer, não ouvi o resto.

MÚSICA NO TÁXI

Prazeres do cotidiano. Quando menos se espera... Você pega o táxi, manda tocar para o seu destino (manda, não, pede por favor) e resigna-se a escutar durante vinte minutos, no volume mais possante, o rádio despejando assaltos e homicídios do dia. Os tiros, os gemidos, os desabamentos o acompanharão por todo o percurso. É a fatalidade da vida, quando se tem pressa.

Mas eis que o motorista pega de um imprevisto cassette, coloca-o no lugar devido, liga, e os acordes dos Contos dos bosques de Viena irrompem do fusca amarrotado, mas digno.

Bem, não é a Nona sinfonia nem um título menor da grande música, mas não estamos na Sala Cecília Meireles, e isso vale como homenagem especial a um passageiro distinto, que pede por favor. Cumpre agradecer a fineza:

— Obrigado. O senhor mostra que tem satisfação em agradar aos passageiros, oferecendo-lhes música e não barulho e crimes.

— Não tem de quê. O senhor também aprecia?

— O quê?

— Strauss. É um dos meus prediletos.

— Sim, ele é agradável. O senhor está sendo gentil comigo.

— Ora, não é tanto assim. Pus o cassette porque gosto de música. Não sabia se o senhor também gostava ou não. Se não gostasse, eu desligava. Portanto, não tem que agradecer.

— E já lhe aconteceu desligar?

— Ih, tantas vezes. Fico observando a fisionomia do passageiro. Uns, mais acanhados, disfarçam, não dizem nada, mas tem outros que reclamam, não querem ouvir esse troço. O senhor já pensou: chamar Tchaikóvski de “esse troço”? Pois ouvi isso de um cidadão de gravata e pasta de executivo. Ele disse que precisava se concentrar, por causa de um negócio importante, e Tchaikóvski perturbava a concentração.

— Ele talvez quisesse dizer que ficava tão empolgado pela música que esquecia o negócio.

— Pois sim. Nesse caso não falaria “esse troço” que é o cúmulo da falta de respeito.

— Estou adivinhando que o senhor toca um instrumento.

Olhou-me, admirado:

— Como é que o senhor viu?

— Porque uma pessoa que gosta tanto de música, em geral toca. Seu instrumento qual é?

Virou-se com tristeza na voz:

— Atualmente nenhum. O senhor sabe, essa crise geral, a gasolina pela hora da morte, e não é só gasolina: a comida, o sapato, o resto. Tive de vender pra tapar uns buracos. Mas se as coisas melhorarem este ano...

— Melhoram. As coisas têm de melhorar — achei do meu dever confortá-lo.

— Porque clarinetista sem clarinete, o senhor sabe, é um negócio sem sentido. Clarinete tem esta vantagem: dá o recado sem precisar de orquestra. Um solo bem executado, não precisa mais pra encantar a alma. Mas clarinetista, sozinho, fica até ridículo.

— Não diga isso. E não desanime. O dia em que arranjar outro clarinete — quem sabe? talvez até seja o mesmo que lhe pertenceu — será uma festa.

— Mas se demorar muito eu já estarei tão desacostumado que nem sei se volto a tocar razoavelmente. Porque, o senhor compreende, eu não sou um artista, minha vida não dá folga pra estudar nem meia hora por dia.

— O importante é gostar de música, ter amor e devoção por música, e está-se vendo que o senhor tem de sobra.

— Lá isso tá certo.

— Não importa que o senhor não seja solista de uma grande orquestra, e mesmo de uma orquestra comum. Ninguém precisa ser grande em nada, uma vez que cultive alguma coisa bonita na vida.

Seu rosto iluminou-se:

— Que bom ouvir uma coisa dessas. Agora vou lhe confessar que isso de não ser um músico dos tais que arrebatam o auditório sempre me doe um pouco. Não era por vaidade não, quem sou pra ter vaidade? Mas um sonho esquisito, sei lá. Ficava me imaginando num palco iluminado, tocando... Bobagem, o senhor desculpe. Agora a sua palavra deixou tudo claro. Basta eu gostar de música. Não é preciso que gostem de mim, nem que ela goste de mim. Obrigado ao senhor.

Olhei o taxímetro, tirei a carteira.

— Eu nem devia cobrar do senhor. Fico até encabulado!

O VELHO

Vocês não acreditam, mas também este cronista costuma ir ao Banco, e não é só para pagar contas de luz, gás, telefone. Vai conversar com o Gerente — um gerente simpático, desses que não coçam a orelha quando a gente propõe uma reforma de título. Mas quem sou eu para pleitear tamanha mercê? Procuo o Gerente para conversar sobre amenidades, e ele me ouve com paciência e atenção. Até me conta coisas de seu filho, o Escritor. O Escritor tem três anos e escreve literalmente em todas as paredes da casa. Fareja livros com gravuras e sem gravuras e aprende coisas que eu, possivelmente, ignoro. A curiosidade intelectual do Escritor é insaciável. Assim fazemos do Banco, sem prejuízo dos interesses bancários (pois o Gerente é uma fera para trabalhar no meio das maiores apoquentações), um lugar de grato repouso.

Ontem o Gerente estava tão assoberbado de clientes, papéis, telefonemas, recados, que não tive coragem de me aproximar. Fiquei à espera na poltrona, ao lado de dois rapazes que também esperavam. Esperavam e conversavam sobre política, inflação, Copa do Mundo. Eu ouvindo, por força da proximidade, sem interesse. A certa altura, um perguntou:

— E como vai teu Velho?

— Meu Velho? — respondeu o outro. — Aquele vai sempre bem. Melhor do que eu, você e todo mundo.

— Qual a última dele?

— Não tem última. Todas são novas e contínuas. Aos sessent'anos — sessenta e lá vai fumaça — nada, corre, entra em pelada, monta, joga vôlei e só não rema porque não encontra companheiros com a mesma fibra, para disputar regata. Enquanto isso, fuma e bebe.

— E... no resto?

— No resto ele ainda é de goleada. Parece mentira, mas as mulheres adoram o Velho, e ele capricha para dar conta do serviço.

— Quantas vezes ele já casou?

— Perdi a conta. Quatro ou cinco, se não me engano. Ou seis. O extraordinário é que nenhuma das ex se queixa dele, todas que conheço continuaram suas amigas e, de um modo ou de outro, dão a entender que o desempenho dele é cem por cento. Sabe de uma coisa?

— Sei. Você tem inveja dele.

— Tenho. Pra que mentir? Meu primeiro casamento não deu certo, o

segundo menos ainda. Então desisti, agora sou freelancer. Mas com o Velho é diferente. Todos os casamentos funcionaram.

— Então, por que acabaram?

— O Velho tem uma teoria que casamento não pode esfriar, vira rotina. Antes que isto aconteça, ele passa uma conversa manhosa na gatona — é especialista em gatonas — e o último episódio da novelinha é vivido sem choro nem briga. Um sábio.

— Um mestre.

— É como eu costume chamá-lo. Ele responde que não tirou diploma e que todo mundo, se for habilidoso, tira de letra. Tem dias que chego a me preocupar: “Mestre, olha essas coronárias!”. Ele ri, não dá confiança de responder. “Mestre, não tem medo de negar fogo?” Aí então nem se dá ao trabalho de me olhar; faz que não ouviu. O Nuno, meu irmão mais velho — irmão de pai e mãe, do primeiro casamento —, fica besta de ver tanta resistência, e diz que o Velho não existe, que nosso pai é a Energia Cósmica em pessoa.

— E teus outros irmãos?

— Os outros? Deixe ver... Somos quatorze irmãos, espalhados no mundo. Todos adoram o Velho, aliás o Nuno também. Falei quatorze, mas só Deus sabe quantos haverá por aí, desconhecidos da gente. Nem o Velho sabe.

— Alguém de vocês puxou a ele na vitalidade?

— Uns fazem força, não creio que consigam. Esse negócio não comporta imitação. Ou bem que o cara nasceu com alegria de viver e gozar a vida, ou nasceu sem isso, e não tem vitamina que ajude. Claro que sempre há margem para performances individuais brilhantes, e o normal é a gente ser bem-sucedida — até certo ponto, o ponto X. Mas o Velho excede a marcação. Nunca vi ninguém tão identificado com o mundo, a mulher, as coisas agradáveis da vida. Sem contar vantagem — isso é importante. Não se vangloria de nada. Vive plenamente.

— Quer dizer que ele dá nó até em pingo d'água?

— Não faz outra coisa. Bem, vou indo. Nosso amigo Gerente ainda não se desvencilhou daquele cara, e eu prefiro voltar depois.

— Espera mais um pouco.

— Não posso. Tenho de ir a um batizado.

— Essa não!

— O Velho está me esperando. Me escolheu para padrinho do seu rebento mais novo. Tenho um irmãozinho de dois meses, não te contei ainda? Ciao.

SERMÃO DA PLANÍCIE

(para não ser escutado)

Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.

Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.

Bem-aventurados os que não têm paixão clubista, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de bálsamo, ou nem isto.

Bem-aventurados os que não escalam, pois não terão suas mães agravadas, seu sexo contestado e sua integridade física ameaçada, ao saírem do estádio.

Bem-aventurados os que não são escalados, pois escapam de vaias, projéteis, contusões, fraturas, e mesmo da glória precária de um dia.

Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.

Bem-aventurados os fotógrafos que trocaram a documentação do esporte pela dos desfiles de modas, pois não precisam gastar tempo infundável para fotografar o relâmpago de um gol.

Bem-aventurados os fabricantes de bolas e chuteiras, que não recebem as primeiras na cara e as segundas na virilha, como os atletas e os assistentes ocasionais de peladas.

Bem-aventurados os que não conseguiram comprar televisão a cores a tempo de acompanhar a Copa do Mundo, pois, assistindo pelo aparelho do vizinho, sofrem sem pagar vinte prestações pelo sofrimento.

Bem-aventurados os surdos, pois não os atinge o estrondar das bombas da vitória, que fabricam outros surdos, nem o matraquear dos locutores, carentes de exorcismo.

Bem-aventurados os que não moram em ruas de torcida institucionalizada, ou em suas imediações, pois só recolhem 50% do barulho preparatório ou comemoratório.

Bem-aventurados os cegos, pois lhes é poupado torturar-se com o espetáculo direto ou televisionado da marcação cerrada, que paralisa os campeões, ou do

lance imprevisível, que lhes destrói a invencibilidade.

Bem-aventurados os que nasceram, viveram e se foram antes de 1863, quando se codificaram as leis do futebol, pois escaparam dos tormentos da torcida, inclusive dos ataques cardíacos infligidos tanto pela derrota como pela vitória do time bem-amado.

Bem-aventurados os que, entre a bola e o botão, se contentaram com este, principalmente em camisa, pois se consolam mais facilmente de perder o botão da roupa do que o bicho da vitória.

Bem-aventurados os que, na hora da partida internacional, conseguem ouvir a sonata de Albinoni, pois destes é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que não confundem a derrota do time da Lapônia pelo time da Terra do Fogo com a vitória nacional da Terra do Fogo sobre a Lapônia, pois a estes não visita o sentimento de guerra.

Bem-aventurados os que, depois de escutar este sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.

TREZE NA ILHA

Ainda existem ilhas com tesouro, na baía de Guanabara, como aliás em toda baía ou mar que se preze. Sabe-se que ouro e pedras preciosas estão enterrados há centenas de anos, e fala-se vagamente em pesquisá-los. Mas isso exigiria tanta mão de obra, tanto suor, que a gente prefere deixar como está. Um dia o tesouro se manifesta à flor da terra — ou nunca. Toda ilha é encantada. Inclusive a do Raimundo, na qual os pescadores sabem de ciência certa que dorme uma inexplorada riqueza, a questão é localizar o ponto, e o Raimundo ainda não apurou.

Na Ilha de Cambambi, pelo que conta um repórter que por lá andou, a riqueza parece resumir-se nos dez filhos de uma mulher — esqueci o nome, vou chamá-la de Arlete — viúva ou desquitada, ela não explica direito, em véspera de produzir um décimo primeiro. Por enquanto apenas dois, os mais crescidos, ajudam no batente, mas o tempo útil dos outros chegará, se a água permitir. A água vem de Ramos, no barquinho, e Arlete começa a pôr em dúvida a sua potabilidade, ao mencionar as rebordosas intestinais que os garotos costumam sofrer. Como todos se alimentam de peixe fresquíssimo, pescado e frito na hora, a conclusão só pode ser desfavorável à água importada, que matou seis filhos de Arlete. Dez resistem até hoje. O Brasil espera que continuem.

São treze, no total, os moradores de Cambambi: Arlete, os dez filhos, um irmão adulto e uma sobrinha de quatro anos. Ninguém os incomoda, e esta é uma amenidade das ilhas. Não têm vizinhos nem problemas de tráfego pesado. Sequer aparece por lá uma bicideta, um rolimã. O ar é musical: coleiros e canários se encarregam do som. É verdade que um bando de maritacas perturba o concerto, e por sua vez é perturbado pelo estrondo dos Boeings. Mas a gente se acostuma a tudo. O filho mais velho declara:

— A gente acostumamos com a pobreza.

Todos. Sem excluir sete porcos, que vivem de petiscar siri, e dois cachorros, nutridos de peixe. Cães e suínos não dão despesa a Arlete. Eles mesmos providenciam o sustento. Vão para a beira do mar e caçam e pescam à sua maneira. Animais industriais, compreensivos, simpáticos, sabem que a vida é assim mesmo, e não se queixam — como de resto ninguém na ilha — da situação do balanço de pagamento, nem do AI-5.

Esquerda ou direita, independência ou morte, Vasco ou Flamengo, são

opções que não ocorrem a Arlete e à sua tribo. Para eles, a alternativa é esta:

— Ou tainha ou cocoroca.

Questão de maré. Tainha na alta, cocoroca na baixa. O ouvido afiado dos garotos chega a perceber, a metros de distância, o ronco das cocorocas, que não roncam de sono ou de empáfia, mas talvez por gentileza, avisando que está na hora de serem pescadas. Quanto às tainhas, a meninada está aflita por chegar o inverno, quando o cardume vem desovar, e então se come regaladamente em Cambambi o que de melhor servem restaurantes cariocas visitados pelo Apicius: ovas de tainha. Lá se distingue a tainha nova ou tapiara, da tainha “viajada”, que, por ser de mais idade e ter corrido bastante as águas do mar, tem melhor sabor.

Se o mar está furioso, e não se fisga tainha nem cocoroca, o jeito é esperar que pescadores mais valentes se lembrem da pequena comunidade e lhe tragam o de-comer. Visita em Cambambi é acontecimento. Não convém fiar muito nela. Vem, vai, na incerteza da hora, ou do mês.

Agora chegou a notícia de que a ilha está para acabar. Será aterrada, em proveito do Aeroporto Internacional, que precisa fazer seu terminal de carga. Arlete para onde vai? e seus filhos e seus parentes e seus porcos e seus cachorros? Lugar no continente, não tem. Tem a ilha do Raimundo, que é boa pessoa, homem sossegado, mas será que o Raimundo consente em recebê-los? Até agora não se consultou Raimundo. Mas diz-que na ilha dele tem tesouro enterrado, e é possível que os bichos de Arlete, escavando e fossando, fossando e escavando, toquem com o cofre de ouro e brilhantes, que por tradição e dever há de estar dormitando no chão de Raimundo. Os meninos podem ajudar na pesquisa. O décimo primeiro, que se anuncia, será possivelmente um bebê rico, nascido em berço esplêndido. O tesouro dá para ser repartido entre Raimundo e seus hóspedes. Questão de tempo. As ilhas acabam. Ficam as pessoas, os animais, a miséria acostumada a ser mísera, desde que haja debaixo da terra o tesouro esperando.

JOSÉ, DO MUCURI

Como se não bastasse o excesso de população do mundo, há muito andam os homens detectando a existência de outros mundos habitados no espaço sideral, e há quem exclame, emocionado: “Não estamos sós”. Mas quem disse que estamos sós, se vivemos tão acotovelados pelas avenidas da Terra, e há tamanha falta de lugar para todos que querem viver? Pois como se tudo isto não fosse suficiente, correm às matas da região banhada pelo rio Mucuri, lá onde Minas, Bahia e Espírito Santo se confundem, e de suas brenhas retiram José Pedro, o último promeneur solitaire de que havia notícia, o homem que vivia ao lado de uma fogueira acesa, espantando onças e, sobretudo, gente.

— Vem, rapaz! Queremos que você participe das maravilhas da civilização!

Ao que José teria respondido:

— Vocês me arranjam casa pra morar?

— Bem, isso está meio difícil, José, ainda mais com o fim da denúncia vazia.

— E emprego?

— Só se você for concursado e houver vaga, dentro do período de validade do concurso.

— Comida?

— Comida, José, você terá que esperar que as roças plantadas pelo ministro Delfim cresçam e apareçam. Não importa, venha assim mesmo, estão nos chamando de outras galáxias, está assim de disco voador, e você não pode perder o espetáculo de confraternização cósmica.

José recalitra. Estava tão bem ali! Não paga aluguel, não preenche formulário verde ou azul do imposto de renda, não obedece a horário nem patrão, come carne variada, segunda-feira, paca, terça, peixe, quarta, aves lacustres, quinta, raízes e tubérculos, sexta, frutas, sábado...

— Mais uma razão para vir. Está desfrutando privilégios, e todos são iguais perante a lei, ainda mais agora, com o presidente Figueiredo interessado em implantar democracia.

Outra razão, que se ministrou a José, é que os fazendeiros do Mucuri reclamam contra o homem estranho, enfiado no mato, sabe Deus o quê. Coisa boa não é. Será o último subversivo, maquinando sortidas contra o gado, para aliciar gente e destruir as conquistas da Revolução?

Inutilmente José alega que ajuda os rurícolas espantando onça com o seu

facho noturno. As onças não devem ser espantadas, sustentam o que resta de beleza selvagem na região.

Esse homem não trabalha na lavoura de mandioca, tal como os outros homens; não produz, não rende, e, embora não pese a ninguém, pesa globalmente no espírito de todos, com o seu mistério. O fato de não produzir não é o mais grave, e tolera-se no asfalto e na praia, à luz do dia, civilizadamente; mas no interior do mato? Que ideia faz esse sujeito do contrato social? Está-se ninando para o contrato social. Não é possível, dizem os civilizados. Tragam esse homem para perto de nós, ele tem de aprender ou reaprender a vida apertada que levamos.

José tem medo. Os homens, as cidades, os códigos, até os prazeres intervalares da vida social lhe causam pavor. O motor de sua volta ao estado natural foi menos o amor à natureza do que o pânico diante do desenvolvimento urbano. Em cada homem vê o perigo, em cada situação a ameaça, em cada palavra a condenação. Com árvores e bichos, ele se entende. Nu e experimentado, conhece e domina o ambiente, e nele vive sem maiores riscos. Na cidade, não praticara ação criminosa, e foi precisamente isso que o fez embrenhar-se no mato. Inocente, faltavam-lhe as provas negativas de sua inocência. Se cometesse qualquer malfeito, poderia mentir e salvar-se, mas estando puro e desarmado diante da ordem social, como mentir senão confessando a falta imaginária e, portanto, condenando-se? A solução era virar bicho. Fez.

Agora trazem José para uma capital, ele é fichado, fotografado, carimbado, numerado, entrevistado, televisionado, condenado a viver, como tantos outros, em subcondição humana, mas sob o amparo nominal da lei. De todas as leis da República e da civilização.

José está salvo ou perdido? É pergunta dessas de se fazer ao povo nas ruas, cada qual com sua opinião, e as opiniões se multiplicam. Há a intenção de proteger José, ou a intenção de fazer de José um escravo ou um pária como tantos outros, porque não é justo escapar à sorte da maioria? Onde já se viu bancar o índio sem ser índio? E, além do mais, índio solitário, sem ligação com os maxacalis ou os saudosos aimorés? Nada disso. Todos são iguais perante a lei. E, daí, não estamos sós.

O certo é que nunca mais brilhará, na noite das matas do Mucuri, aquele foguinho solitário de espantar onça. E gente. José será contribuinte, eleitor e infeliz.

MANDULA

Tempo é este de muito pão de ló e altas benfeitorias — dizia o finado Mandula, que era otimista e nem por isso morreu decepcionado. Escrevi Mandula e peço ao amigo revisor que não emende para Manduca. Verdade que ninguém se registra Mandula, mas este se chamava Manuel Durães Ladeira, simplificou para Mandula, e Mandula ficou.

Conheci esse Mandula aí por 1948, na areia da praia, em torno do vendedor de sorvetes. A satisfação com que ele comprava e distribuía casquinhas me despertou interesse. A princípio imaginei que fora contratado para fazer propaganda do sorvete, mas logo me certifiquei de que agia assim por amor de fazer. Um banhista informou-me que Mandula gostava de obsequiar e precisamente na véspera ganhara uns bons cobres na loteria. Pagou o sortimento inteiro.

Depois vi Mandula à entrada do parque de diversões oferecendo bilhete aos garotos. Animei-me a puxar conversa:

— Gosta de ver a criançada feliz, não é?

— Feliz eu sou por criança ter sido.

E era feliz, evidente. Mandula amava as pessoas, os animais, as plantas. Amava a democracia, e mesmo quando esta perciditava ou sumia de todo, para ele era como se estivesse viçosa:

— Boa é a ocultezza dos homens que nem sempre a descoberto pode vir. A todos perdoe-se, e confiante espere-se.

— Esperar o que, Mandula?

— Signos vejo de farta colheita. Negar não podemos que fagueiros eventos anunciam-se já.

Anunciavam-se para ele, mas os ventos não apareciam. A gente perdia a esperança. Menos Mandula, que tinha fórmulas de governo já preparadas para quando se instaurasse o reino da justiça plena.

Visitava orfanatos, presídios, associações protetoras disso e daquilo, e se não lhe dessem a palavra (nunca lhe davam) nem por isso se aborrecia. Fazia discursos mentais, construtivos.

Como repetisse a frase do pão de ló e das benfeitorias, perguntei-lhe onde estavam essas coisas, e ele me respondeu:

— Ver fácil é, desde que em mente se tenha da interioridade o sentido.

Compreendi, ou julguei compreender que para Mandula tudo se passa no

interior da gente, e pouco importa o traçado externo das coisas.

A força moral de Mandula não estava no seu otimismo, o otimismo é que resultava da sua força moral, branda e invencível. Se assistisse a um terremoto, descobriria nele alguma vantagem para as vítimas — a de sobreviver, ou mesmo a de morte-relâmpago, praticamente sem dor.

Esse homem bom era tido como louco, porque não ambicionava qualquer forma de domínio. Recusou a candidatura a vereador, que lhe ofereceram no pressuposto de que talvez um louco fosse melhor do que os equilibrados tradicionais. Provou que tinha equilíbrio mental perfeito, ao responder que antes não ser vereador do que ser, pois assim não atrapalhava os negócios públicos, que correm tão bem, entregues ao curso natural das coisas, destinadas a tornar o homem feliz. Explicava:

— Nos primeiros tempos Câmara não havia. E simples era tudo. Por bens trocavam-se bens, assim tudo mais.

— Mas seus planos de governo, Mandula, então por que os faz?

— Ocupados sejam os homens, mais cheio o viver, mais serviço terão datilógrafas, amena classe por certo.

— Só isso?

— Pouco é idealizar? por minha vez pergunto. Obrigação não há de cumprir, se disposta já está do mundo a ordem geral.

Nunca soube de casos de amor em sua biografia anônima, porém sentia que, para ele, amar era a própria razão das coisas e não carecia localizá-la nessa ou naquela pessoa.

Jamais o vi queixar-se de doença, maus negócios, desejo frustrado, decepção com alguém. Por outro lado, não ria à toa, não fazia o gênero dos que fingem alegria para não darem o braço a torcer. Era manso, comum, sem pretensão a original.

Passei tanto tempo sem vê-lo, agora sou abordado por um moço que pede licença para uma palavrinha:

— Sou filho do Mandula, aquele amigo do senhor. Estou desempregado, será que o senhor me dá uma recomendação para alguém que possa resolver o meu caso?

— Antes de mais nada, me dê notícias de seu pai. Não sabia que ele tivesse família.

— Tinha e não tinha, porque nunca prestou muita atenção em nós. Dizia que sua família era todo mundo, e não cuidou da gente. Não estou acusando, mas...

— Ótimo sujeito, o Mandula.

— Também acho, mas deixou a gente numa situação... Se eu pedia uma coisa, ele respondia trocando o lugar das palavras, sabe como é? e dando outra coisa que não era a pedida.

— E qual era essa outra coisa, por exemplo?

— O primeiro objeto que estivesse à mão, e que às vezes nem era dele, era da gente mesmo.

Contou que Mandula morrera atropelado por um ônibus colegial — logo ele, amigo da garotada — mas tenho para mim que ele morreu foi de, começando pela inversão da ordem convencional das palavras, chegar à inversão da ordem convencional do mundo.

MARIETA

Marieta fez noventa anos.

Não resisto à tentação de revelar a idade de Marieta.

Sei que é falta de educação (mas pouca gente sabe hoje o que quer dizer falta de educação, ou mesmo educação) falar em idade de mulher.

São múltiplas as teorias sobre idade feminina. Citarei algumas: 1) As mulheres têm a idade que parecem ter. 2) Há tantas idades na mulher quantos os vestidos que ela põe ou despe. 3) Idade e maquilagem são uma coisa só. 4) Mulher está sempre começando a contar de novo a mesma idade. 5) O tempo não existe, e a prova é dada pelas mulheres. 6) Mulher nenhuma tem idade alguma. Etc.

Eu envelheceria ainda mais, se fosse anotar aqui todos os conceitos alusivos a essa matéria; enquanto isso, as mulheres ficariam cada vez mais jovens. Depois, não estou interessado em compendiar a incerta sabedoria em torno do tema incerto. Meu desejo é só este: contar a idade de Marieta, por estranho que pareça.

E não é nada estranho, afinal. Marieta fazer noventa anos é tão simples quanto ela fazer quinze. No fundo, está fazendo seis vezes quinze anos. Esta é talvez sua verdadeira idade, por uma graça da natureza que assim o determinou e assim o fez. Privilégio.

Marieta, a mais nova das minhas primas, e não exagero. Se falo com ela, reverdeço. E não a faço menos verde por lhe salpicar um pouco do meu cinza. Quem falou em encinzentar a claridade intrínseca de Marieta? Ela nem se dá ao trabalho de espanar o cinza. Ela é o claro, sob a tez morena da família.

Uns são dramáticos, outros ensimesmados, outros ainda fogem à classificação (coisa que acontece a todas as tribos), porém Marieta não lhe apetece assumir nenhum desses personagens catalogados ou não. Ela é uma alegria normal, um serviço, um dedicar-se aos outros.

Dizê-la solteira não acrescenta informação relevante. Solteira, sim, jamais solteirona, no que a palavra tem de murcho. O geral das pessoas é casado, solteiro, separado, viúvo, namorado, encrencado etc. Marieta não cabe nessas categorias limitadas. A mais correta seria a do casamento, mas explique-se: casou com a vida, a vida de família, o sentimento de integração.

Irmãos, sobrinhos, sobrinhos-netos, sobrinhos-bisnetos, por que não sobrinhos-trinetos ou tetranetos? Na casa-grande que é o coração de Marieta, há

sempre um quarto disponível para mais um parente. Por isso mesmo, ela não tem casa própria, nem poderia ter. Prefere habitar ao mesmo tempo em tantos lugares que a reclamam. Pois está ao lado dos que nascem, dos que casam, dos que viajam, dos que morrem; não é a tia, a velha senhora, o ser incômodo para o qual é preciso inventar um canto inexistente no apartamento, já que ela não se resolve a sumir. É a companhia querida, amada. Alguém que representa a força secular, o rio do sangue fluindo em silêncio em todas as veias.

Marieta e sua memória das coisas que aconteceram há muito tempo, tão límpidas, como guardadas em caixa de sândalo e sempre lustradas para que não percam o frescor. Não vive abrindo a caixa para estadear essas riquezas. Quando convém, fala do passado, e o passado é hoje, serenamente.

Viver de saudades, é que de jeito nenhum. Lembranças preservadas, lá isso é outra coisa. Marieta não se parece com arquivo genealógico, o que não impede que ela saiba mais que os arquivistas, em se tratando de certa região mineira, certo clã.

Ah, Marieta, que inveja eu sinto de você, menos pelos seus noventa, perdão, 6 × 15 anos, do que pelo sinal que iluminou o seu nascimento. Sinal de alegria serena, de firmeza e constância, de jovial compreensão da vida, que manda chorar quando é hora de chorar, rir o riso certo, curtir uma forma de amor com a seriedade e a naturalidade que todo amor exige.

Você teve problemas e situações graves, de que eu não soube? Foi fácil ou difícil sua vitória sobre as circunstâncias? Que intuição a conduziu por esse caminho feliz, de felicidade dos outros, quando é tão obscuro sempre o ponto de partida?

Sei não, Marieta (de batismo e certidão, Maria Luísa), mas você é a mais agradável combinação de gente com gente que eu conheço.

O RATO E O CANÁRIO

Homem com fome, o que é comum; sem comida para satisfazer sua fome, o que também não é raro. Aparência modesta, mas digna; barba por fazer; cara de necessidade. Levava uma sacola. Passou pelo restaurante também modesto, com qualquer coisa de simpático — a cor das paredes, talvez — e entrou. Foi direto ao gerente, na caixa:

— Desculpe... Se lhe disser que há cinco dias eu não como propriamente, só estarei falando verdade. Mas o senhor não vai acreditar.

— Por que não?

— Sinto que é compreensivo.

— Também já passei dias sem levar um bocado à boca, e sei que não é nada divertido.

— Então eu queria lhe pedir...

Não precisou explicar. O gerente chamou o garçom:

— Sirva alguma coisa a esse senhor. Por conta da casa. E voltou-se para o recém-chegado:

— Hoje é o meu dia de ajudar o próximo. Aniversário da minha santa mãezinha, que Deus tenha.

O homem sentou-se, comeu lentamente, saboreando o prato simples que uma senhora desconhecida e falecida lhe despachava do céu. Acabando, voltou à caixa:

— Claro que não posso lhe pagar, o amigo sabe. Mas agradecer de coração, isso eu posso.

— De nada, ora essa.

— Mas não vou embora sem lhe provar de alguma maneira minha gratidão. Tenho aqui uma curiosidade, que o senhor vai apreciar.

Tirou da sacola um piano minúsculo e um ratinho, e disse a este:

— Toque, Evaristo.

Evaristo não se fez de rogado, e executou um trecho de Pour Elise com bastante sensibilidade.

— É fantástico! — exclamou o gerente. — Nunca vi coisa igual.

— Tem mais. O senhor ainda não viu o meu canarinho.

Surgiu da sacola um canário-da-terra, dócil à convocação.

— Aquela modinha, Sizenando.

Com acompanhamento de piano por Evaristo, Sizenando atacou É a Ti,

Flor do Céu, arrancando discreta lágrima do gerente.

— Que beleza! Mas o senhor, não leve a mal eu perguntar, com esse tesouro nas mãos, precisa viver desse jeito?

— Ah, meu amigo, não posso, não devo explorar esses inocentes. Como é que iria mercantilizar os dons do Evaristo e do Siza, que considero meus filhos, de tanto que eu gosto deles?

Diante do gerente boquiaberto, o homem retirou-se com a sacola e seu conteúdo. Foi andando pela rua. De repente estacou, preocupado.

— Eu não devia ter feito isso com um cara tão generoso, que me matou a fome.

Voltou ao restaurante, onde o gerente o recebeu com surpresa:

— Esqueceu alguma coisa? Não vai me dizer que, cinco minutos depois, está novamente com o estômago vazio? Ou pensou melhor, e quer me vender os dois artistazinhos e mais o pianito?

— Nada disso. Vim por uma questão de consciência.

— Como disse?

— Questão de consciência. O senhor foi tão legal comigo...

— E daí?

— Daí que eu não tinha o direito de fazer o que fiz.

— E que fez o amigo senão me regalar com o seu par de artistas que me fizeram subir água aos olhos?

— Por isso mesmo. O senhor se comoveu com a audição, mas não é justo que continue iludido num ponto fundamental.

— Cada vez percebo menos. Desembuche, homem!

— O seguinte. Eu enganei o senhor. O Siza não canta coisa nenhuma, é um canário bobo, faz aquela figuração toda, mas quem canta mesmo é o Evaristo, que é ventríloquo!

Este caso me foi contado por amigo merecedor de crédito, mas fico na dúvida se não será criação de algum escritor, adaptada ao modo de ser carioca. Neste caso, que o autor me perdoe o avanço em sua obra.

DIÁLOGO DOS PESSIMISTAS

— As coisas não andam boas.

— É verdade. A coisa não anda nada boa.

— Por que você diz “a coisa” e não as coisas?

— Porque as coisas diminuíram, diminuíram, e hoje só resta a coisa.

— Que coisa?

— Eu é que sei? Só posso dizer que a coisa está preta.

— O jeito é apertar o cinto.

— Já apertei. Não sobrou nenhum furo.

— Fure outros. Vá furando até o infinito.

— Perdão, meu cinto tem tamanho limitado. Se eu furá-lo todo, ele cai.

— É mesmo. Do jeito que vão as coisas, temos de voltar ao suspensório.

— Você acha? No dia seguinte vem a recomendação lá de cima: encurtar suspensórios.

— Que tal suprimir as calças?

— É uma ideia. Mas virá imediatamente o imposto de andar sem calças.

— Não seria um imposto sério. O povo se arregimentaria para protestar.

— Talvez, mas acabaria pagando o imposto com correção monetária.

— Bem, não seria propriamente sem calças. Seria tanguinha, é claro.

— Já imaginou o preço da tanguinha? Ninguém iria para o trabalho sem uma grife francesa em lugar bem visível.

— Esse é que é o mal. Brasileiro quer apertar o cinto mas tem de ser cinto assinado. O cronista já caçou disso, mas até ele aderiu à moda.

— Também não é tanto assim. Há uma faixa da população que, em lugar de cinto, amarra uma corda.

— No pescoço?

— Não, na cintura. E há outros que usam barbante. As calças continuam de pé, mesmo que o cara cambaleie. Já notou que a preocupação não é alimentar ou vestir confortavelmente o homem, mas evitar que as calças caiam?

— Não tinha reparado nisso. Quer dizer que o importante é...

— É o que você está pensando. A aparência acima de tudo. A importância do cinto está nisto. O cinto esconde a realidade.

— Mas todo mundo anda meio nu. Nas praias, nos bares, nas ruas.

— Anda meio nu, mas de cinto, ou com elástico que faz as vezes de cinto. É preciso sempre esconder alguma coisa.

— Pobre barriga. Falei em apertar o cinto, mas a verdade é que quem fica apertada é ela. O cinto não sente.

— A barriga é outro assunto. Quanto mais miséria, mais barriga estufada pela alimentação imprópria. Não pense você que barrigona é sinal de fartura.

— Eu sei. Pode ser de carência.

— Pois é. Então, apertar o cinto de uma criança que não tem cinto, pois tem é fome, não resolve.

— Certo. Mas apertar o cinto, na recomendação oficial, quer dizer: renunciar ao supérfluo, pechinchar, gastar o menos possível.

— Bons propósitos. Já imaginou o que aconteceria se eles fossem levados à risca? A indústria dos supérfluos, falida. Privado de diversões atraentes, o brasileiro entrava em parafuso, e era um tal de recorrer à sonoterapia que não havia overnight que chegasse para pagar a conta. É uma taxa de desemprego que vou-te-contar.

— Quer dizer que não há remédio.

— Remédio, então, é que está custando mais do que a doença. O remédio verdadeiro seria o regresso à vida selvagem, mas o país cresceu tanto que a vida selvagem acabou, liquidada pelos posseiros e pelas empresas de desmatamento e reflorestamento. Quando os projetos de desenvolvimento integrado chegam à toca do tatu, não há mais nada a fazer.

— Senão dizer que as coisas estão pretas.

— Pretas, propriamente, talvez seja fruto de deficiência ótica. As coisas estão, quem sabe, mais para ruças, tirando a pardo, mesmo porque o preto de verdade é cor sem cor, negação das cores, o que não serve para definir uma situação. É o que lhe digo: a coisa está ruça.

— À vista do exposto, e como não podemos pintar a coisa de rosa, que tal tomarmos um chope, driblando esse calorão da peste?

— Pois vamos ao chope, enquanto eles deixarem, porque amanhã...

AGORA PENSEI EM ROSA

Agora de manhã pensei em Rosa. Não é todos os dias que penso em Rosa. Isto não quer dizer que a esqueci. Apenas, há lembranças que se deixam guardar num compartimento menos frequentado da memória, e é como se não existissem. Existem. E a um pretexto qualquer, ou mesmo sem pretexto se fazem notar em sua permanência calada.

Hoje o pretexto foi simples. Dia do aniversário de Rosa. Não guardo de cabeça o ano de nascimento das pessoas, guardo só o dia do mês. Então me veio a curiosidade de conferir a idade de Rosa. Consultei os apontamentos e me surpreendi. Rosa podia muito bem estar viva, conversando comigo, recebendo um abraço, me oferecendo um de seus doces especiais.

Não seria, é claro, nem a moça nem a senhora de 53 anos — duas imagens marcantes de Rosa, que a resumem para mim — pois já se passou muito tempo depois que ela se foi. Mas seria uma velhinha perfeitamente viável, como outras que ainda vejo nas ruas de Copacabana, acompanhadas pela filha ou neta, quando não se aventuram sozinhas. Não são muitas essas velhinhas, é certo, mas também não constituem fenômeno da natureza. E eu gostaria de, ao passar por uma delas, deter-me um instante a olhá-la e, reconhecendo-a, dizer: “Esta é Rosa”.

Que bom seria se eu visse Rosa, num rosto, num vestido, num andar, mesmo que a semelhança não fosse completa, mas se impusesse por um traço bem expressivo: sua pele branca, de um branco lembrando camélia, seu talhe longilíneo, seus longos cabelos repartidos um pouco à direita, e o caracol na testa, que a fotografia conservou para além das modas do tempo. Ainda não encontrei essa réplica de Rosa, e de resto nunca a procurei senão agora que me veio a ideia, digo melhor, o desejo de materializar a lembrança de Rosa num lance fortuito que expõe a duplicata das pessoas.

Das duas ilustrações de Rosa que a memória selecionou, é claro que a primeira, da mocidade, tornou-se a predileta. A segunda é melancólica e não se confunde com aquela. Rosa tinha fama de ser uma das moças mais bonitas da cidade, senão a mais bonita de todas. Não chegou a ser feia, com o tempo e a doença, mas perdeu o viço, o esplendor natural, a expressão suntuosa de flor humana. Até um menino seria sensível à sua beleza jovem, e eu era menino. Se não dizia a ninguém, é certo que poderia dizer, com orgulho: “É distinto ser irmão de Rosa. Eu sou”.

De certa forma, posso considerá-la minha madrinha. Madrinha de carregar bebê nos braços, a caminho da pia de água benta na igreja. É curioso como um ato de que não posso ter a menor lembrança visual se insere na tela da memória e aí se projeta nitidamente. Vejo Rosa menina, toda garrida, vestido novo, levando com muita gravidade aquele boneco inexpressivo. As crianças assumem um ar de grande responsabilidade quando lhes é entregue qualquer tarefa. Rosa ia séria e pausada, com medo de que o bebê lhe caísse das mãos. Se ele chorasse, ela não saberia como fazer para consolá-lo. Os olhos no bebê e na calçada, ao mesmo tempo. Rosa quase tropeçou no calçamento irregular. Os pais olham para ela, atentos, vigilantes, para prestar-lhe auxílio caso tivesse dificuldades. Não teve. Entra gloriosa na igreja, consciente da missão cumprida. Menos um pagão no mundo.

Talvez não tenha havido essa tensão, tudo foi simples. Rosa, com o sentimento inato das mulheres, já pegava no bebê com a mesma naturalidade com que mais tarde pegaria no filho único. É possível recolher de um acontecimento dois instantâneos divergentes. Quantos não dará o acontecimento imaginado, mesmo quando se passou conosco, em idade que obstava a percepção? Rosa preocupada ou Rosa serena, pouco importa. É sempre Rosa, vinculada a um rito familiar, espécie de sacerdotisa ou anjo protetor, nesse instante de que não me lembro, e lembro.

Pois é. Com 87 anos, bem que ela podia estar aqui, ou em outra cidade, recebendo um ramo de rosas, um presente, telegrama, cartão, visita, abraço. As palavras não variam muito. Meus parabéns, muitas felicidades. Você ainda vai viver muitos anos, para dar alegria à gente. Quê isso, você está muito bem-disposta, não venha com essa história de eczema, que ninguém acredita. Se eu precisasse ser batizado de novo, acho até que você seria capaz de me carregar no colo outra vez... Parabéns, Rosa.

Estou me divertindo comigo mesmo, pensando essas coisas. O leitor pode estranhar e censurar-me o espaço perdido num jornal que vive de notícias e tem a missão social de publicá-las. Esta não é uma notícia, eu sei. Ou é? Tudo que se passa no coração da gente é notícia. Reflita um pouco, leitor, e há de achar em sua lembrança uma Rosa, mais moça, mais velha, bonita ou não bonita, que importância tem isso? mas Rosa.

COM LICENÇA: A BARATA

A barata. Por que este velho tema (chamemo-lo assim) volta sempre à máquina de escrever e daí passa ao jornal e entra na casa de todo mundo? Há assuntos graves, eu sei, mas o teclado quer escrever é a palavra “barata”, assunto que no máximo pede inseticida. E, se for possível, certa expressão de asco. Se possível. Os emissários submarinos e outros despertadores de náusea reclamam prioridade e mal dão ensejo a que se sinta nojo diante de uma barata.

Há mesmo, até, quem cultive um sentimentozinho de ternura pela barata. Pobre que ela é, desamparada, furtiva, aguardando a noite, o sono dos moradores, para cuidar da vida. À primeira chinelada, ou à segunda, pois a barata é fittipáldica, adeus existência. Então, certa alma pura, como duas que conheci, consagra aos ortópteros blatídeos um amor feito de piedade, alimentados, deixa-os prosperar, salva-os do ataque indiscriminado de quem cultiva outro ponto de vista sobre a relação gente-barata:

— Essa não! Essa é minha amiga, não posso consentir que você liquide com ela!

— E como é que você sabe que essa aí é a sua amiga e não outra qualquer, se todas as baratas são iguais?

O protetor (ou protetora) de barata olha com desprezo quem lhe faz objeção tão boba. Há personalidade nas baratas, já não falando na variedade de espécies caseiras: a periplaneta americana, a blatella germanica, a blatta orientalis... Não se deve discutir com ignorantes. Basta mostrar ao desinformado que a baratinha sob nossa especial proteção tem cabeça alaranjada, com duas listras castanhas. As de sua raça ostentam (ostentar é modo de dizer, barata não gosta de se exhibir) cabeça amarela com listras pretas. Então você não vê, não sente a diferença?

Entenda-se. Não estou aqui para promover campanha sentimental em favor das baratas. Pertencço ao grupo fero que trata de eliminá-las de qualquer jeito, e tanto recorre à dedetização como à pancada direta, aplastante, com a sola do sapato. O naturalista Von Ihering recomendava que fossem caçadas a água fervendo. Recurso perigoso, que pode afetar tanto a caça como o caçador. Mas o próprio Von Ihering, que, como observou Leonardo Fróis, costuma julgar sob critérios morais o comportamento de espécies que jamais lerão a Ética de Spinoza, condenando-o à luz desses critérios — ele próprio, ao descrever as baratas, põe de lado o nojo, para admitir: “Há delas de várias cores e tamanho, algumas até bem bonitas (se for permitida tal expressão), verde-gaio ou

pintadas". Assim, esteticamente, a barata pode ser objeto de admiração, em alguns casos, e até mesmo, se for bastante colorida, ganhar capa de Manchete.

Temos de nos defender contra os insetos daninhos, e a barata é dos que mais fazem jus ao título. Para isto há o inseticida. Já não é tão eficaz a exclamação que assinala sua presença numa gaveta:

- Nojenta!
- Repugnante!
- Repelente!
- Imunda!
- Asquerosa!
- Sórdida!
- Porcaria!
- Vil!

Não lhes parece excesso de artilharia para alvo tão miúdo? Além do mais, canhoneio vão. A barata ignora nossos xingos, que não lhe atingem a estrutura. E daí, se formos tão severos com ela, que palavras terríveis guardaremos para qualificar indivíduos incomparavelmente mais daninhos, pois não devastam só uma gaveta, mas regiões inteiras do globo, e fazem recair seu poder maléfico sobre a humanidade em geral?

É prudente economizar certo tipo de objurgatórias, para que não nos falte munição em hora adequada. E barata não merece tanto. Já é, por si, animal condenado à clandestinidade e ao desprezo. Se uma consegue despertar sentimento amistoso no peito de alguém, maravilha é, sobre me render mais este papocrônica.

AQUELA MANHÃ E DEPOIS

Desde aquela manhã perturbadora em que o dia anoiteceu, ou melhor (melhor ou pior?), em que a noite assumiu a função do dia claro, venho trazendo na mão direita uma lanterna de pilha, no bolso um pacote de velas, na língua um pedido de informação:

— Que noite é esta?

O dia passou a ser tão improvável que não me animo a dizer: Bom dia! a quem encontre por aí. Encontre ou suponha encontrar; a identificação é duvidosa. Se começa a enegrecer, o dia não pode ser bom nem dia. Mas se eu disser: Boa noite! é possível que a noite diurna se torne favorável, e sua demência atenda a meu voto. À noite... bem, à noite não saúdo ninguém (refiro-me à noite propriamente dita), na dúvida se ela é mesmo a antiga noite ou a extensão insólita da noite matutina.

Acordar ficou muito difícil, depois dessa revolução de princípios meteorológicos. A que hora acordar e, mesmo: deve-se acordar? A questão fica em suspenso, até segunda ordem. Talvez estejamos submetidos a um vestibular do novo tempo, em que desaparece a ancestral dicotomia sombra-claridade, e tenhamos que adaptar nossa vida, costumes e trabalhos a um quadro de treva, em caráter permanente, no qual a noite, durando 24 horas, dura para sempre.

Eu distinguia os valores do dia, em confronto com os valores da noite. Não distingo mais. Pode o sol insistir em seu brilho falso, não adianta, não convence. Esse astro caduco perdeu a credibilidade.

Agora, não sei mais quando deva dormir. Se a noção de sono estava casada à noção de noite, devo concluir que estou autorizado a dormir a noite inteira, isso é, a vida inteira? Ou, pelo contrário, a escuridão sem intervalo exige de mim a vigilância contínua, exaustiva e mortal contra os chamados perigos e malefícios da noite?

As autoridades médicas e sociológicas a quem fui consultar sobre o problema não puderam esclarecer-me; umas não tinham fósforo na ocasião para pensar no claro (a luz, como habitualmente, faltava); outras curtiam a mesma perplexidade: era um fato novo que se apresentava, a noite convertida em dia sem deixar de ser noite, e até caprichando em noturnidade. Iam estudar o sentido profundo do fenômeno, e que eu voltasse daí a um ano, ou jamais.

Muitas pessoas ainda não se deram conta do que aconteceu, senão superficialmente. Continuam dividindo o chamado dia em duas partes, sem

perceber que esta divisão acabou. Expõem-se aos maiores desastres, e de certo modo contribuem para tornar a noite mais espessa, ignorando-lhe o acrescentamento. Tenho um amigo que atende por João, e que, na sua infatigável boa vontade, pensa em sugerir (a que poder divino?) o abrandamento da noite por um certo tisanar do dia, chegando-se ao meio-termo, ou a um terço ou quarto de tempo, mas também a João lhe falta alguma coisa para fundamentar sua proposta: faltam-lhe as lentes de contato, caídas (por causa da noite imprevista) no vaso sanitário.

Se falhar, como de certo falha, ele já alimenta outra ideia, que é requerer a introdução, no ano escuro, de um dia diferente, unzinho só, no qual a humanidade celebre os ritos da luz, para que de todo não se perca a sua imagem ou conceito: o Dia do Dia. As pessoas abandonariam suas obrigações de rotina para a corrida aos jardins, às fontes e às praças. Ergueriam hinos a esse bem arisco, se abraçariam e se amariam na luz plena. Só então (diz o meu amigo) saberíamos amar o que perdemos. E amando-o, mesmo com amor triste, quem sabe se começaríamos a recuperá-lo, pelos altos merecimentos do amor?

Eu por mim levo minha lanterninha, minhas velas, minha interrogação, a partir daquela estranha manhã premonitória ou de ensaio geral:

— Que noite é esta? De segunda, de terça, de quinta, de sábado, de toda-noite?

DECLARAÇÕES À COLEGIAL QUE VEIO ENTREVISTAR-ME

Também sou estudante, mas a vida fez de mim aluno repetente. Ou nasci repetente, é isso. Torno a fazer sempre o mesmo vestibular, pago invariavelmente a mesma correção monetária, e só gosto de escrever sobre as eternas mesmas coisas, que são poucas e mínimas.

Ser aluno repetente, viu?, é uma forma de saber mais do que os outros, embora não sabendo nada de novo. Ou melhor, nada de nada. Se você não entende esta sabedoria canhota, nem eu. Mas dá para viver, sem as aflições e cortes de circuito do ativismo. Olhe, o gafanhoto me fascina, se pousa nesta poltrona, vindo de onde? e a viagem em redor do mundo me deixa inapetente. Nem precisa que o gafanhoto pouse. Basta figurá-lo, pensar o gafanhoto. Entro no escuro, acendo a luz: lá está ele. Também pode ser o contrário: é apagar a luz e sinto que, sutil, o gafanhoto vem me visitar.

Quando anunciaram aí esses cavalos de Viena, senti certa emoção, reconstituindo o meu cavalo que não era vienense, não fazia nada de barroco, tinha o comportamento cavalariço dos cavalos. Já notou que os animais comuns se tornam exceção? Não deixa de ser inquietante; daqui a pouco nós perderemos para eles. Seremos exibidos na arena conforme nossas habilidades não específicas. E, pessoalmente, serei mais uma vez reprovado...

Não que eu deteste a reprovação, fique sabendo. Todas as vezes (raras) em que alguém me aprovou, experimentei uma espécie de remorso. Estava traindo minha natureza. Uma vez subi de maneira tão espetacular no ônibus em movimento, que os passageiros bateram palmas. O motorista parou o veículo e veio me cumprimentar. Recuou a tempo. Viu que eu não era o campeão que ele pensava, tudo obra do acaso, e voltou-me as costas com reprovação. Respirei aliviado, no limite da autossatisfação, que pode coincidir com a consciência pesada, e mesmo ser um de seus produtos.

Como? Às vezes pareço contraditório? É porque não reparo que a descontinuidade constante da linha de vida forma de certo modo continuidade, e como tal se justifica. Não há vaidade nem humildade em ser como a gente consegue ser. Os uniformes e os múltiplos se entrelaçam, e a falta de programação vale, eu acho, como programação.

Confesso que meu trabalho de ser é afetado pela necessidade de dar satisfações aos outros, seja sob a forma de deveres políticos e sociais, seja para explicar por que não admiro, digamos, os filmes de Bergman. Cercado de

prazos, papéis, condicionamentos, cortesias e outros empecilhos, não sei me explicar bem. Donde os juízos críticos: é selvagem, é pueril, é espertíssimo, está escondendo alguma coisa.

A tal ponto, ouviu? que costume procurar em toda espécie de bolsos que a gente carrega, e não encontro, aquilo que devo estar escondendo. Aliás, procuro não assumir a posse de objetos (ou preocupações) para não ter o incômodo de guardá-los. Escasseiam espaços físicos e morais para conter o montão de coisas que nos solicitam e até nos invadem, acabando por obstruir a limitada área de nossas vidas. Expulso de mim mesmo, despejado que nem inquilino faltoso, onde iria morar, me diga? Daí essa concha-suplemento, que levo para os inevitáveis banquetes, simpósios, manifestações audiovisuais e/ou impressas; concha em que ninguém repara, como se fosse invisível.

Tome nota: jamais em minha alongada existência vi objeto voador não identificado, talvez porque me atraísse de preferência o voo das aves. Uma das falhas de minha biografia, mas que fazer? Não há discos voadores em quantidade suficiente para a percepção de todos. Também a parapsicologia me tem recusado metodicamente seus fenômenos, e respeito-lhe, discreto, as portas seladas. Nada entender de ciências políticas, econômicas e financeiras, embora me credencie para altos postos, não me levou até eles. Devo concluir que há excesso de gente disponível nas mesmas condições? Assim seja, e estarei isento de duras responsabilidades.

Repetente me declaro, repente quero conservar-me, sempre naquele degrau menor, que dispensa de vertigens e quedas. Se os degraus são cinquenta, propõem, no mínimo, 49 acidentes, fora os subsidiários. Vamos parar, minha filha, antes que eu comece a admirar-me, por ser aluno dotado de tanta falta de atributos para ser um notável entrevistado. Ah, o gravador estava desligado? Que pena. Ou que bom. Ciao, garota.

ARTE E CASAMENTO

— Viviane, ouvi dizer que o seu romance conjugal com Adolfo Pontevedra chegou ao fim. Correto?

— Quem que disse?

— Não posso identificar minha fonte de informação. Gostaria de saber se é verdade.

— Bem, eu...

— Vocês vão se separar ou já se separaram?

— Isto é um assunto muito particular.

— Seria, se vocês não fossem artistas. E artistas de ampla cobertura na imprensa visual, falada e escrita.

— Nossas vidas de artistas não têm nada a ver com as nossas vidas privadas.

— Como não têm? O artista não se pertence, seus tietes têm direito à informação. Vamos, levante o véu do segredo.

— Bem, não posso deixar de ceder ao seu argumento. Como é para prestar conta aos meus fãs — prefiro esta palavra — digo que sim.

— Então o casamento acabou. E qual o motivo?

— O motivo?...

— Evidente, vocês não iam se separar sem motivo. Há sempre um motivo na vida.

— O motivo é muito simples. Eu e Adolfo nos entendemos maravilhosamente. Por isso nos separamos.

— Quer dizer que vocês se entenderam maravilhosamente na separação, mas antes não se entendiam?

— Vocês, repórteres, confundem as coisas. Me entendia maravilhosamente bem com Adolfo, e continuamos a nos entender maravilhosamente bem. Mas o nosso casamento não resistiu a esse entendimento maravilhoso.

— Como assim, Vivi?

— Eu explico. Mas é tão fácil de compreender. Quando um casal se identifica a tal ponto que não se sabe mais qual dos dois é ele ou ela, a coisa está a perigo. Então?

— Você está fazendo nascer uma suspeita estranha sobre a natureza do comportamento dos dois. Não vai me dizer que...

— Que o quê?

— Ora, tá na cara que sugeriu uma... ambiguidade de sexos, uma transa bi

ou trans, isso torna o caso menos trivial.

— Pelo amor de Deus, não diga uma coisa dessas. Não diga nem pense. Adolfo e eu somos duas pessoas normalíssimas, o que há de mais careta, se é possível chamar de careta a mais absoluta normalidade. Eu, hein?

— Sim, acredito, mas às vezes, por uma questão de conveniência de imagem, um interesse publicitário...

— Absolutamente! Adolfo é um gigante na arte e eu, sem falsa modéstia, também conquistei o meu espaço. Não necessitamos de nos curvar à moda, que aliás espero em Deus seja passageira.

— Tá bem, mas a coisa não ficou clara. Se vocês se entendiam maravilhosamente, suponho que em tudo, por que diabo desmancharam o casamento?

— Exatamente por isso, a gente combinava até demais. Um não queria viver longe do outro, gamação total. Cada um tinha sua vida profissional, e cadê vida profissional que aguenta uma união assim?

— Conheço casais de artistas que se dão muito bem, sem prejuízo dos compromissos de cada um.

— Não no ponto a que chegamos. A solução seria não trabalhar nunca mais, e isso iria frustrar os que nos adoram, esse público incrível que nos prestigia e que é a nossa razão de ser como artistas. Então, cortamos.

— No fim de um mês de casamento.

— Um mês que foi lindíssimo, uma glória. Minha novela atrasou, a peça dele interrompeu a temporada, todo mundo reclamando, um sufoco. E nós naquela gamação. Tinha que acabar. Acabou.

— Acabou bem, né?

— Espetacular. Na última noite, fomos para uma praia cujo nome não digo porque não queremos romaria lá, e à luz das estrelas selamos a nossa separação, com as ondas marulhando. Fizemos amor com a maior pureza, a água molhando nossos pés, a areia tornou-se um veludo. Passou no céu uma bola de fogo, que nos deslumbrou. Não estou mentindo, aquela bola foi uma réplica do nosso amor intenso, e sumiu no horizonte como absorvida pelo mar. Até chorei. Aliás, ele também chorou. De felicidade.

— E depois?

— Você queria que houvesse depois? Repórter é incontestável, pô. Depois separamos nossos trapinhos e a vida continua. Eu e o Pontevedra continuamos amicíssimos. Meu advogado está arreglando as coisas. Eu acho muito positivo esse nosso casamento, foi uma experiência pra ninguém botar defeito. Nos acrescentamos mutuamente, né?

— Seus planos de solteira?

— Ah, não tenho. Meus planos não são de solteira nem de casada. São de mulher artista, que vive para sua arte como acabei de dar exemplo. Casamento

é bom, mas a arte acima de tudo. Quer dizer, se pintar por aí uma relação não possessiva, não castradora, com espaço para a minha vida profissional, aí então... né?

A SECRETÁRIA ME CONTOU

Não pude dar a minha secretária o abraço e as flores pela passagem do seu dia, porque não tenho secretária. Então, dirigi a todas as secretárias do Brasil um pensamento carinhoso, cheio de rosas e abraços. Não sei se alguma delas captou a vibração da mensagem, mas fiz o que estava ao meu alcance, já que seria indiscreto render homenagem direta à secretária dos outros.

Em compensação, ouvi ontem da secretária de um executivo, a quem fui apresentado, a narrativa de como foi o seu Dia da Secretária:

— Primeiro, foi uma beijação geral. A começar pelo cabineiro, que uma vez por ano se dá esse prazer. E como beija o cabineiro! No Dia do Executivo, eu quero ver ele beijar assim o meu chefe. O boy não fez por menos. Tendo quatorze anos, deu um beijo de vinte. Mas deixa pra lá, todos os colegas me beijaram, o chefe também, a gente está acostumada, e já estende o rosto maquinalmente, sem sentir nem o prazer nem o desprazer de beijocação intensiva. Toda mulher sabe que há duas espécies de beijo, esse que a gente finge que dá ou suporta a cada minuto, e aquele de verdade, gostoso de doer, que... bem, não preciso falar deste, o senhor entende.

— Entendo, isto é, acho que sim.

— Pois é. Acontece que o Dia da Secretária cai no dia 30, e em setembro nesse dia o movimento no escritório é uma loucura, tudo deixa para acontecer no último dia do mês. Parece até que os assuntos ficam escondidos ou dormindo o mês inteiro para aparecer então, com cara de urgência, aflitos, lembrando que no dia 10 de outubro não dá mais pé. Então a pobre da secretária, que tinha direito a um dia todo acaramelado, aí é que tem de briqueitar em dobro, no meio da lambuzação da beijaria. O chefe, que no resto do ano é até um cara simpático, fica impossível no dia final do mês. Parece que ele me presta aquelas homenagens indignado por eu merecê-las em dia tão impróprio. Uma vez eu lhe propus: “Que tal a gente festejar o meu dia num dia qualquer, de pouco serviço?”. Ele não topou. Respondeu que não pode alterar a ordem das coisas, que a ordem é o princípio da estabilidade, que...

— Poder, podia. Era providência de ordem interna.

— Sei lá. Ele diz sempre, sorrindo, que um executivo não pode nada, quem pode é o Poder Executivo propriamente dito. Ele não é Poder, é só executivo, com minúscula, faz questão de acrescentar. Bobagem. Se fosse verdade, por que é que o ministro Delfim telefona para ele?

— O ministro Delfim telefona muito?

— De vez em quando. E o ministro Galvêas também. Então é porque ele é executivo do primeiro escalão, na esfera privada, mas com prestígio lá em cima. Não duvido nada que amanhã ou depois, caindo um presidente qualquer de empresa estatal, ele...

— Ele o quê?

— Nada, não. Pois o senhor acredita que ontem telefonou Delfim, telefonou Galvêas, telefonou um general da pesada, e o tempo todo no gabinete do chefe foi aquela conversinha em voz baixa, meio economês, meio política, meio código, meio tudo? E o papelório amontoando nas mesas, eu sem poder despachar, o dia final do mês se escoando, as flores me dando um enjoo de morte, os colegas em redor esperando serviço, eu com vontade de estrangulá-los, coitados, são tão bons comigo... Tem dias que ser secretária enche. E como encheu no Dia da Secretária!

— Mas à noite?

— O senhor imagina que depois de um dia desses, tender is the night? É muita bondade sua. Meu chefe quis reparar a desatenção que me dispensou durante o trabalho, inclusive o humor de cão que o acometeu depois do telefonema dos ministros, levando-me a um restaurante do Leblon.

— Aí clareou tudo.

— Com a senhora dele. Sabe que sempre fizemos boa liga, eu e a senhora dele? Pois é. Mas a noite não estava positivamente para Dia da Secretária. A cara preocupada do homem, d. Baby chamando a atenção dele para abrir a cara, a cara não abria. Só a boca, mas era para ingerir mais vinho. De tanto abrir e ingerir, ele, que, como eu disse, é um cara legal no comum, começou a me dar beliscões na coxa. Beliscão e cara amarrada, o senhor já viu isso? Eu tinha que ficar quieta, mas a certa altura não me contive: “Dr. Alfredo, o senhor está trocando de coxa. A de d. Baby é melhor que a minha”. Aí ela disse: “Vamos embora, Agildo? Quem belisca não petisca”. Saímos, um pivete quis nos assaltar na hora de tomar o carro...

— O Dia da Secretária nem sempre é dia para as secretárias.

— É, o senhor tem razão. Mas o meu consolo, ou a minha vingança, é que o Dia do Executivo deve ser pior.

ELES NUNCA MAIS FORAM VISTOS

Kátia, quinze anos, moradora em Nilópolis, saiu de casa às treze horas de uma segunda-feira, trajando saia azul e blusa branca (uniforme colegial). Nunca mais voltou.

Valdineia, dezessete, saiu do salão de beleza em Mesquita, dizendo que ia visitar um irmão. Lá não apareceu e nunca mais foi vista pela família. Na ocasião vestia calça de brim azul e blusa amarela de xadrez.

Vestindo calça de brim azul, blusa estampada, e calçando sandálias franciscanas cor-de-rosa, Daltiva, dezenove, saiu de casa em Copacabana, rumo ao colégio no Rio Comprido, onde trabalhava e estudava. Sumiu.

Sumiu Válter Luís, dezenove, residente no Humaitá, tomou o ônibus para inscrever-se num cursinho da Tijuca. Ele calçava tênis azul. Roupas: calça de brim azul, camisa de malha branca. Até hoje.

Caubi, 27, desapareceu no dia em que se formou em Direito, e é procurado pelo tio veterano de guerra.

Manuel Antônio, cinquenta, saiu da casa de um parente, em Inhaúma, na direção de Pilares, aonde não chegou. Há um mês que se ignora seu paradeiro.

Murilo, 53, da Piedade, ninguém mais sabe dele, depois que foi à rua e não voltou.

Que fim terá levado Cassiana, oitenta, com seu vestido de quadrinhos, pois assim a viram pela última vez quando saiu de casa em Queimados?

Este é o inventário de um dia, no capítulo de desaparecimento de pessoas que vivem no Grande Rio. O Grande Rio! Merece este nome não só pela extensão territorial mas também pela soma de problemas humanos, existenciais, que vicejam em seu território.

De quinze a oitenta anos somem as pessoas. Saem à rua por vontade própria, na maioria dizendo que vão fazer alguma coisa, e não fazem essa coisa e não se sabe que fim levaram.

Os jovens usam ritualmente saia azul ou calça azul de brim; os maduros e os velhos, não se presta atenção na roupa que levam. Como identificar determinado rapaz ou moça na multidão de calças e saias azuis que enxameiam na cidade, em todas as cidades? São todos anônimos, uniformes, iguais. Por fora; no íntimo, cada um carrega a sua neura, o seu trauma, a sua dificuldade de viver, a sua incomunicabilidade.

Os maduros, os velhos... Também passam despercebidos, todo mundo passa

despercebido na cidade superpovoada, e seria preciso que alguém usasse trajes inimagináveis para despertar um mínimo de interesse. Uma roupa de fogo ou de estrelas, a calça feita de frutas exóticas, a blusa de cacos de vidro ou de lagartas enlaçadas.

Quem sumiu, não se fala nisto. Não há tempo para procurar os faltosos, os desertores, os desmemoriados, os fugitivos, os raptados, os sequestrados. Ou quando os procuramos, é sem esperança de encontrá-los (quantas mortes já viveste, Aldo Moro, e quantas mortes em cada uma dessas mortes, anunciadas, adiadas, confirmadas, negadas, negociadas, discutidas, exploradas! Se ainda estiveres fisiologicamente vivo quando se imprimirem estas palavras, nem por isso estarás menos espiritualmente morto, enjoado de tudo em tua morte-vida).

Some-se porque a vida como está ficou intolerável. E procura-se outra, que não existe, mas deve ser melhor. Some-se por opção, mas some-se também porque outro interfere em nossa vida e quer mudá-la para fins que só ele sabe. Some-se porque há matadores tão espertos que não deixam rastro de corpo, mancha de sangue, botão de blusa branca ou trapo de calcinha arrancada à força. Por vários motivos se some. Também por motivos insuspeitados, que jamais serão descobertos.

É a paisagem da cidade grande. Tão pejada de habitantes que não se põe reparo nos que deixam de circular. Morreu ou sumiu? Tudo é a mesma coisa. Algumas vozes, raras, se alteiam, reclamando apuração para o sumiço deste garoto, daquela menina, daquele velho. A notícia de cinco linhas no jornal, com a pequena foto. Se o desaparecimento ganha honras de novela policial, a televisão entrevista pessoas da família, os amigos, o delegado de polícia. Então arma-se a confusão que serve para tudo, menos para deslindar o mistério.

Haverá mistério? Ou será um dado da vida cotidiana, fato normal, corriqueiro, que é sumirem pessoas e nunca mais serem vistas, nem cadáver aparecer, nem nada?

GOVERNADOR ELEITO

— Então, que tal?

— Que tal o quê?

— A sensação de ser governador.

— Ah, sim. Por enquanto não posso saber qual é. Compreende, fui apenas eleito, e faltam alguns meses para a posse.

— E daí? Governador eleito já é governador, como não? O que está em exercício ficou sendo meio governador. A outra metade, se não for mais, é do eleito. Dê suas ordens.

— Que ordens posso dar, se não tomei posse?

— Por isso não. Mande e todos obedecerão. Estamos aqui para isso. Nosso estado não pode ficar acéfalo ou só com a metade da cabeça. Você foi ou não foi eleito?

— Fui, é claro.

— Pois então. E o essencial para o exercício do poder numa democracia não é a eleição? Está eleito, deve governar sem perda de tempo.

— É, mas e a posse? A posse?

— Posse é secundário, meu velho. Pura formalidade burocrática. Deixe isso de posse pra lá, comece a acionar imediatamente a máquina política e administrativa. Governar é preciso, esperar não é preciso. E daí você foi eleito com uma votação belíssima. Setecentos e cinquenta votos, não?

— Setecentos e quarenta e nove.

— E qual foi o canalha que lhe recusou o seu voto, num colégio eleitoral de 750 cidadãos?

— Não foi canalha não. Eu que pedi a ele pra votar em branco. Quis que ficasse patente o caráter democrático da eleição. Se houvesse unanimidade, nossos adversários poderiam alegar que se tratava de farsa.

— Compreendo. Fez muito bem.

— A gente tem que pensar em tudo. Sabe que foi uma luta pra conseguir esse voto em branco? O eleitor, homem da roça, muito sério, não queria absolutamente trocar de voto. Foi preciso eu dizer a ele que se insistisse em votar em mim eu lhe tirava a liderança da Arena no seu município. Aí ele amoleceu.

— Está certo. Agora me diga uma coisa. Só pra mim, é lógico. Não vou espalhar, você sabe que segredo pra mim é mais do que pedra tumular, é o

próprio interior do túmulo. Posso perguntar?

— Pode.

— Já escolheu o secretariado?

— Como?

— Perguntei se já escolheu o secretariado.

— Como é que eu podia escolher o secretariado se ainda nem houve diplomação?

— Não vá me dizer que aguarda a diplomação pra escolher o secretariado.

— E quando é então, me diga, que eu devo escolher os secretários?

— Mas é evidente, logo que você foi indicado pelo Palácio do Planalto.

— Você está maluco. Veja o caso do Natel.

— Pois olhe, se o Natel tivesse escolhido o secretariado logo que saiu a indicação, a essas horas ele seria o governador eleito de São Paulo.

— Como assim?

— Bastava ele escolher seus concorrentes principais, inclusive o Maluf, para obter unanimidade em torno do seu nome.

— O Maluf não aceitava.

— É o que você pensa. Bastava saber que todos os competidores fariam parte do governo, e ele ficaria chuchando o mindinho, pra topar a solução. Aliás, isso de escolher secretariado não significa nada.

— Se não significa, por que é que você acha que ele deve ser escolhido imediatamente?

— Ah, um dia eu canso de ensinar política a você. Significa por um lado, não significa por outro. E o outro é o mais importante. Você não vai anunciar pela televisão que já tem os nomes dos secretários no bolso. Dá a entender que sim, ao pé do ouvido, sem se comprometer publicamente. Conversa com um, sopra a outro, pede pra guardar reserva. Pode até convidar dois para a mesma secretaria. O convidado, ou sondado, ou que nome tenha, não quer outra coisa senão continuar na moita. Então ninguém fica sabendo nada ao certo, e todos colaboram para que o seu governo tenha um começo feliz. Quando soar a hora de oficializar a composição do governo, aí você chama os que tiver de chamar. Ou que puder chamar, pois tudo depende da ocasião.

— E os que não forem chamados se danam.

— É um direito deles, que diabo. Mas nem sempre ou quase nunca exercem esse direito. Não foi aproveitado agora? Mais tarde será. Bom cabrito não berra. Isso não quer dizer que o caro governador não tenha os seus candidatos do peito... Estou sendo indiscreto?

— Continue.

— Os candidatos que você pretende realmente ungir, na hora da sagração. Esses você guarda no santuário do espírito, né? e de jeito nenhum deixa transparecer que são os preferidos. Por mais que haja pressões para nomear

este ou aquele, você naturalmente reservará para si dois ou três — vamos dizer: um nome da sua absoluta confiança que o ajudará a carregar a cruz do governo. Não quero insinuar nada, somos velhos amigos e correligionários, mas uma coisa eu lhe digo: pode contar comigo em qualquer situação, qualquer emergência, até mesmo com água no barco. Estamos entendidos? Vamos, governe já, governe logo, não deixe a sopa esfriar!

A LEI DO VERÃO

É uma lei que falta: a lei do verão carioca. Ele ainda não começou oficialmente, o que não impede que as praias e piscinas atestem o contrário. E, sendo instituição permanente, deve ser objeto de lei que a organize, regule e dê outras providências. A seguir, anteprojeto que ouso submeter à ilustríssima Câmara Municipal.

Art. 1º — Todos os moradores da cidade do Rio de Janeiro, ricos ou pobres, de qualquer raça, credo, profissão ou falta de profissão, convicção política ou ausência da mesma, têm direito a curtir as excelências do verão, também chamada estação calmosa, embora seja a mais trepidante de todas.

§ único — Entende-se por verão, no Rio, o período de 10 de janeiro a 31 de dezembro, com eventuais intervalos para reciclagem, e uma faixa especial, mais badalada, entre 21 de dezembro e 20 de março.

Art. 2º — As maneiras lícitas de exercer o direito conferido no artigo anterior são todas as imagináveis, ficando contudo na dependência de dois fatores: a) o grau de recursos financeiros do morador ou da pessoa física ou jurídica disposta à curtidão; b) o grau de imaginação criadora, ativa e defensiva, do morador ou de acompanhante que lhe supra a deficiência desse atributo.

Art. 3º — Os indivíduos que não se mostrarem habilitados, na forma desta lei, a curtir o verão carioca, devem limitar-se a suportá-lo com uma combinação de heroísmo e espírito filosófico, e abster-se de promover agitação que perturbe o exercício pacífico dos demais cidadãos, gerando índice imoderado de temperatura social, que já é elevado no período.

Art. 4º — É lícito à parcela da população, de situação financeira aprazível, própria ou de mordomia, curtir o verão carioca in loco, na forma que lhe convier, ou a distância, em território nacional ou estrangeiro, pelo tempo que julgar suficiente, inclusive acumulando verões.

Art. 5º — A indústria cuidará de produzir a maior quantidade possível de refrigerantes para atender à demanda sazonal, devendo a comercialização dos produtos obedecer a tabelamento ri-go-ro-so, sujeito a imponderáveis que

justifiquem e mesmo imponham a infringência dos preços tabelados, acima e além da tabela afixada em lugares bem visíveis, como o Pão de Açúcar, a plataforma do Cristo Redentor e o alto das torres cilíndricas de São Conrado.

§ único — Em hipótese alguma o preço do chope excederá o valor de um salário mínimo local.

Art. 6º — A praia, como a praça, é do povo, isto é, de todos, mas alguns desses todos têm direito a ocupar superfície maior e preferencial na areia da praia, para se dedicarem a jogos esportivos, tanto em partidas avulsas como em campeonatos, devendo os banhistas-de-sol, que não são propriamente banhistas, e por isso ocupam áreas de favor, perder o mau costume de treinar para alvo de bolas, raquetes e petecas.

Art. 7º — O acesso de banhistas propriamente ditos ao mar não deve de maneira alguma pôr em risco a liberdade de movimentos e a segurança individual dos surfistas e windsurfistas, que carecem de proteção contra a tendência expansivista dos primeiros.

Art. 8º — A descida de asas-deltas nas praias do Leblon e da Barra não deve produzir em banhistas tipo-turista o pânico que seria admissível se se tratasse de objetos voadores não identificados. Os indivíduos porventura atingidos em sua integridade física por esse interessante esporte não têm direito a reclamação policial contra uma atividade moderna praticada por homens voadores identificados.

Art. 9º — O acesso de animais ditos irracionais à praia é expressamente proibido, mas tolerado conforme a hora, a qualidade do animal e a qualidade do dono.

Art. 10 — O uso do maiô natural, constituído de pele humana feminina, será desenvolvido gradativamente em cada verão, em sincronia com a abertura política, podendo estender-se à veste congênera de pele humana masculina, desde que não constitua atentado gritante e assustador à estética das formas.

Art. 11 — Turistas estrangeiros gozarão de faculdades especiais para curtição do verão carioca, destacando-se entre elas o direito de se recusarem a ser assaltados por marginais de quinta categoria, cuja permanência na proximidade de hotéis, boates e clubes fica absolutamente vedada no decorrer da estação, sendo o afastamento regulado por meio de observadores especiais, munidos de telescópio.

Art. 12 — Os preços de utilidades, souvenirs e meios de transporte para turistas estrangeiros sofrerão desconto especial de 35% sobre a majoração também especial de 2000%.

§ único — No caso de táxis operados por motoristas de família numerosa, é permitida a majoração extra de 3000% (bandeira 3), sem desconto especial, conciliando-se desta maneira o justo interesse da categoria profissional com a necessidade de desestimular o consumo de derivados de petróleo.

Art. 13 — Os turistas nacionais terão liberdade de efetuar os programas que bem entenderem, desde que não prejudiquem a movimentação dos turistas estrangeiros e consequente captação de dólares em benefício da economia nacional.

§ único — As diárias de hotel e o aluguel de apartamentos e quartos por temporada, para uso de turistas nacionais, serão calculados à base do dobro da inflação prevista para 1990, com vistas à criação do Fundo Pró-Turismo Interno, que permita a criação da Intertur como órgão autônomo, capaz de gerar 10 mil empregos anuais de livre provimento pela Câmara Municipal.

Art. 14 — O sorvete de frutas naturais e o sorvete sintético terão idêntico sabor e aparência, verificados em testes pelo Instituto de Proteção ao Consumidor em Tempo de Verão, de tal sorte que o segundo possa substituir vantajosamente o primeiro, sem que o consumidor dê por isto, poupando-se as frutas para exportação e consequente melhoria de nossa balança comercial.

Art. 15 — Tendo em conta que só à última hora, quando o calor se torna incontrolável, é que os novos casais se lembram de adquirir aparelhos de refrigeração e de circulação de ar, já então sem margem para que as empresas produtoras elaborem corretamente seus planos de produção, ficam as ditas empresas autorizadas a fornecer ao consumidor simulacros artisticamente acabados desses aparelhos, que despertem suave sensação visual de refrigério no interior das habitações mais escaldantes.

§ único — Também se faculta às ditas empresas o fornecimento de pedaços isolados de aparelhos, a serem gradativamente montados pelos consumidores, em verões sucessivos, com a indispensável assistência técnica do produtor ou do revendedor.

Art. 16 — O bom humor da população carioca de todas as camadas e subcamadas sociais, como de costume, se manterá invariavelmente alto e chispante de anedotas, piadas, trocadilhos, subentendidos, apelidos e apropósitos, de modo a fazer do verão carioca uma festa integral, mesmo que se verifiquem imensas precipitações fluviais, com desabamentos, esmagamentos,

afogamentos, paralisação da energia elétrica, suspensão de comunicações e outros inconvenientes imprevisíveis mas, afortunadamente, passageiros em comparação com o fluxo infinito do tempo.

Art. 17 — O uso de expressões como “puxa, que calor”, “calorão bravo este, hein?”, “amanhã vai ser pior”, “isto aqui é a verdadeira fornalha de Pedro Botelho”, “vá fazer calor assim nos quintos dos infernos”, e outras que tais, será considerado completamente out, e declarados caretas e até inimigos do regime aqueles que as pronunciarem. Por outro lado, serão completamente in expressões como “nunca vi temperatura tão deliciosa”, “os deuses não querem outra coisa no Olimpo”, “até que o calor está bastante relativo, como a abertura”, “não há nada como um verão depois do outro, para refrescar este agora”, “vou telefonar a Catherine Deneuve para que ela traga bastante roupa de lã”.

Art. 18 — Durante o subperíodo do carnaval, os raios solares farão a fineza de aumentar consideravelmente de intensidade, para incutir mais fogo e ardor nas escolas de samba credenciadas pela Riotur, enfatizando assim a importância social e oficial do calor como fonte geradora de emoção coletiva.

Art. 19 — A população das favelas, em face do privilégio que desfruta, de viver em altura muito superior à ocupada pelos demais moradores do Rio de Janeiro, com refrigeração natural grátis, fica dispensada de recorrer aos meios convencionais de defesa contra a canícula, a começar pelas piscinas, que se reservam para certa camada da população menos favorecida topograficamente.

Art. 20 — O número de incêndios propositais ou misteriosos não poderá atingir nível exorbitante, tendo em vista a necessidade de reserva do volume de água para acudir aos sinistros ocasionais que se verificam na estação estival e que, ao assumirem proporções avantajadas, constituem atração suplementar no painel de eventos de verão.

Art. 21 — Os casos de desidratação seguidos de óbito, resultantes da elevação excessiva de temperatura em contraste com a ausência de reservas orgânicas, notadamente em crianças subnutridas, devem figurar nas estatísticas demográficas sob a rubrica Força do Destino.

Art. 22 — Divirtam-se, aproveitem.

BOB E O DICIONÁRIO

O Aurelinho, lançado há pouco, está prestando bom serviço. Dá o essencial do vocabulário de que precisamos para requerer, implorar, protestar, xingar, adular, negacear, iludir, comover, convencer, amar etc. O que enchia mais de 1500 páginas do Aurelião fica reduzido a um estoque maneiro de utilidades visuais que o estudante e o homem do povo, dispensados de voos estilísticos, poderão manipular eficazmente. Tudo bem, em matéria de comunicação sumária.

Menos, talvez, para uns garotos que acham excessivamente rico o dicionariozinho de Mestre Aurélio Buarque de Holanda. Fora do barato e do legal, que são os dois pilares da linguagem falada por eles, constituída de meia dúzia de substantivos e adjetivos (renováveis de seis em seis meses), que fazer com tanta palavra difícil de encaixar no contexto elementar? A bem dizer, uma página do dicionário mirim daria para cobrir as despesas de comunicação oral. Eu disse uma página? Mas para que botar no papel o que sai naturalmente da boca e assegura o entendimento perfeito, à margem da desnecessária invenção da imprensa? Precisa não.

O Bob, que tem quinze anos segundo a estatística familiar, pertence a esse grupo desligado do tesouro léxico de nossos avós, mas bem que sabe aproveitar suas riquezas. O pai comprou-lhe o Aurelião (despesa que encheu de alegria o coração do velho: Meu filho abrindo dicionário — é fantástico!). Vai daí, o Bob todo dia sai com uma gíria nova, que ele solta com ar suficiente. Ou não solta, mas promete soltar, se a turma entrar com dez cruzeiros a cabeça. Não menos.

Se o Bob chega e diz que o professor de matemática é pengó, o pessoal fica alucinado, e passa a dizer que todo mundo é pengó. Aí o Bob corrige que não, que tem pengó e não pengó, e quem chamar de pengó alguém que não é pengó, por sua vez se revela pongó. Dispõe-se a passar a cifra mediante pagamento geral. Pengó é malvestido, e pongó é bobo, na linguagem mais quente do Leblon — explica, depois de embolsado.

E assim o Bob faturou alto com zuruó, furdunço, caxixe, meco, nuba e outras novidades leblonianas. Sempre superior, sempre bem informado. Pudera: acabava de chegar de um papo com a turma do Leblon, que pega essas coisas no ar. Turminha da pesada: faz questão de não vulgarizar seus recursos expressivos, e aí daquele que cometer inconfidência. O Bob jurava que só transmitia as dicas em consideração à patota, e porque confiava nela. Mas se o

código fosse furado, teria de recorrer a argumentos físicos para emendar o indiscreto. Ele próprio corria um grande risco, se a turma do Leblon soubesse que andava espalhando joias de vocabulário, privativas de uma comunidade fechadíssima.

O negócio corria bem, mas o Bob, na ânsia de faturar, fascinando seus companheiros ignaros, entrou a colaborar com o idioma, dicionarizado, forçando o sentido das palavras. Sextina passou a ser reunião de gente careta, ovava era vespéral de discoteca no domingo, embude a nota de quinhentos. Assim por diante. Ninguém desconfiava, porque a meninada é tão crédula quanto os velhinhos que acreditam na constitucionalização do país nos próximos seis anos. E o Bob é o tipo do convincente, aquele que, pelo olhar, pela voz, pela expressão geral do rosto, conduz as massas a qualquer direção.

Mas chega um dia, ele se dá mal. A Selminha, novata no grupo, embora comprometida por juramento, não resiste à tentação de dizer, em casa, à mesa do jantar, que achou o Burt Bacharah meio simblefaro. Meio quê? indaga o pai oftalmologista. Simblefaro, repete a garota. Que vem a ser isto? o pai inquire novamente. Selminha vacila, o dr. Lopes insiste, olha a Selminha acabando por explicar, encabulada, que simblefaro é careta. Não diga besteiras, minha filha, retruca o especialista de cara fechada. Em primeiro lugar, não é simblefaro que se pronuncia, o correto é simbléfaro. Em segundo lugar, simbléfaro não é nada disto que a senhora está dizendo, simbléfaro, ouça e aprenda, quer dizer aderência da pálpebra com o globo ocular. Acho que vou tirar você desse colégio que ensina pelo método surrealista. Que vexame, a filha de um oftalmologista dizer uma barbaridade dessas!

A Selminha contou ao pessoal, o pessoal caiu de pau em cima do Bob, e exigiu dele a restituição de mais de 3 mil cruzeiros gastos em absorção de gíria privativa de círculos herméticos do Leblon.

É preciso ter cautela em usar o dicionário, conduiu o Bob. E para evitar maiores males, restituiu o volume ao pai entristecido: Este meu filho não quer mesmo nada com a língua portuguesa!

CARTA DE AMOR

Encontrada no carro do metrô, e dizia assim:

“Estou pensando seriamente em declarar greve de mim a você, por tempo indeterminado. Não me pergunte os motivos. Você sabe. Ou é melhor que não fique sabendo, porque assim a greve é mais completa, e eu quero justamente ser um grevista mais total do que os outros grevistas que brigam por salário decente e condições decentes de trabalho.

“Quero que você fique perturbada e confusa, sem saber o que eu estou fazendo ou deixando de fazer, e a todo instante a se perguntar: ‘Que greve é esta? Em que consiste? Quando vai acabar? Que coisa mais idiota’. É isso mesmo: você achará idiota a minha greve, porque não a entenderá. Então, o menor gesto que eu fizer, a palavra mais sem significação, tudo se transformará para você em enigma, você me sentirá o cara mais misterioso do mundo, por que não dizer: o mais tenebroso.

“Seu pequenino e encantador cérebro de colibri dará voltas a si mesmo e não perceberá o sentido da minha abstenção oculta — de quê? E eu continuarei firme, inflexível, grevista, sem expor minhas reivindicações. De jeito nenhum.

“Então você se desmanchará em suspiros, se enrodilhará toda a meus pés, pedirá perdão de faltas não cometidas, e que eu não sabia que você fosse capaz de cometer. Confessará também as cometidas, mas eu não darei bola e continuarei a tratar você da maneira ambígua que estou anunciando. Você será um poço de petróleo repleto de amor, eu recusarei sondar esse poço inesgotável, ou finjo que estou sondando mas com vontade de não encontrar o menor indício de petróleo. Esta fase será curta, pois não quero abusar de sua amorosidade ofertada. Passemos à segunda fase.

“Você se irritará comigo e, perdendo a paciência, me dirá duas ou três coisas ácidas. Jogará um copo na minha direção. Ou uma xícara, dessas do trivial do café. Eu desviarei o corpo do copo ou da xícara, e se você me jogasse em cima um samovar seria a mesma coisa: não desistiria da greve. Aí você adotava em princípio a ideia de enlouquecer. Só em princípio. Eu é que estou pinel — concluiria você. Conclusão provisória, a ser confirmada pelo psiquiatra, mas o psiquiatra, que é meu amigo, lhe responderia: Ele é assim mesmo, isso passa.

“Não vai passar não, talvez minha greve seja eterna, e nunca mais seremos aqueles namorados que conquistaram o Oscar de melhor idílio no Festival de Angra dos Reis. Continuaremos, sim, dois namorados unidos por esse laço

invisível da greve, como o empresário está cada vez mais preso ao assalariado, ou este àquele, quando entram em conflito de interesses, mas esta nossa categoria não dá prêmio.

“A terceira fase... Haverá terceira fase? Você apelará para nossos amigos comuns, ou para o Ministério da Comunicação Social, que aliás não existe, existe só o Ministério, não a Comunicação? E que é que eles podem fazer para acabar com uma greve tão fechada, tão silenciosa, tão sutil, que nem a reforma da legislação trabalhista, por engenhosa que seja, lhe dará remédio?”

“Bem, se você faz mesmo questão fechada, se sua vida ficar dependendo da elucidação das causas primárias e outras, da minha greve, então eu deixo no carro do metrô um envelope lacrado, com os seguintes dizeres (no verso):



“Não adianta abrir, nessa emergência? Nem haverá quem abra o envelope? Quem sabe? Sempre resta um sobrevivente, ou vários. A Bíblia o demonstra. Eu não posso revelar o meu segredo nem diante de uma comissão de inquérito parlamentar. Minha greve é absoluta. Tem paciência, garota, não faço por menos, nem admito intervenções no meu sindicato. Meu sindicato sou eu.

“Tem uma coisa. Não deduza de tudo isto que estou declarando guerra. Guerra é guerra, greve é outra coisa, e a minha então é outríssima. Sem quebra, atenuação ou extinção de amor. Pois você não vê, boba, bobíssima, que isto ainda é amor, é mais amor do que amor, é minha forma de amar você, de um jeito só meu, que nem você mesma é capaz de apreender em sua mineral abismalidade? ‘Dio, como te amo! Até.’”

NÃO FAÇA MAIS ISSO, DONA

Em matéria de assaltos, a última que me contaram tem esta singularidade: o assaltante recusou-se a assaltar.

Foi o caso que a velha senhora pediu a um desconhecido que a acompanhasse até à porta da casa. Era noite, a rua escura estava normalmente cheia de buracos, como toda rua que se preze no Rio, e a tal senhora enxergava pouco. O homem prontificou-se a guiá-la. Os dois iam comentando o mau estado da rua. Já não se pode mais andar como antigamente. O gás, o telefone, a luz, sempre fazendo escavações; os tapumes de obras e os carros estacionados na calçada impedindo a passagem. Um horror, o senhor não acha? Acho sim senhora, tem toda a razão. Eu até nem devia voltar tão tarde para casa, fui ver meus netinhos, minha filha insistiu comigo para que eu ficasse mais tempo, o senhor sabe, a gente acaba cedendo. Queria me acompanhar na volta, eu recusei. Meu genro trabalha muito, estava cansado, minha filha convalescendo de uma gripe forte, como é que eu ia deixar um deles sair de casa para me acompanhar, o senhor não está de acordo? Perfeitamente, estou vendo que a senhora não gosta de incomodar os outros. Pois é. Graças a Deus encontrei o senhor no meu caminho, vejo que é um cavalheiro, quero até lhe pedir desculpas pelo incômodo que estou lhe dando. Incômodo nenhum, dona, a gente podendo servir aos outros a gente até fica satisfeito. Obrigada. Então vou pedir ao senhor mais um favorzinho. Pois não, a senhora manda. Me faça o favor de abrir a porta para mim, com essa falta de luz na rua eu não acerto com o buraco da fechadura. Com todo prazer. Cadê a chave? Espere um momentinho, vou abrir a bolsa, não sei onde botei esta chave, eu acho que os netos andaram bulindo nela, meu Deus do céu... Desculpe, estou tão nervosa, como é que eu vou fazer se eles tiraram minha chave? Criança é impossível, os meus netos então, o senhor nem imagina. Eu adoro eles, é claro, mas tem horas que a gente não acha graça nenhuma nas peralices... Fique calma, dona, procure devagar, capaz da chave estar num desses bolsinhos fechados dentro da bolsa, quem sabe? Não, não pode ser, eu boto sempre a chave em cima do lenço e dos objetos de toalete, para não ter trabalho de procurar. Mas se por acaso seus netos esconderam ela num desses tais bolsinhos? Não custa procurar, vamos lá, eu não tenho pressa, madame, pode remexer à vontade aí dentro, fico esperando. É, o senhor espera mesmo, não vai ficar impaciente? Tenho tanto medo de incomodar os outros! Fui educada assim, meus pais

sempre recomendavam que a gente não deve atrapalhar a vida do próximo, eu estou tomando o seu tempo, não tenho o direito... Ora, que é isso, dona, abra os compartimentos, me deu uma luz que a chave está dentro de algum lugarzinho escondido da bolsa. É, vou procurar, quem sabe se o senhor tem razão, às vezes uma coisa está no lugar que ninguém pensava que estivesse. Pronto, neste não está, viu? Tem só o retratinho de minha filha que mora nos Estados Unidos, ando com tanta saudade dela! Quase não me escreve, coitada, não tem tempo, leva uma vida apertada de trabalho num escritório de propaganda de café, diz que passa o dia inteiro dando informação, ensinando como é que o café deve ser torrado, coado e servido. Dá receita de bolo de café, pudim de café, sorvete de café, chocolate de café... Não pode mais ouvir falar em café nem provar um cafezinho, e é obrigada a passar a vida conversando só em café, a pobrezinha! Quer ver como ela é bonita, repare só no rostinho, nos olhos... Uma graça, não é por ser minha filha, mas a Titita é um amor. Estou aflita para ela voltar casada com um americano desses que são respeitadores, gente de confiança. Tá bem, dona, mas quer abrir o outro compartimento? Ah, é mesmo, estava me esquecendo, neste aqui estão só as minhas joias, quando eu volto sozinha de noite costumo tirar os brincos e o anel, guardo aqui dentro. Mas não estou conseguindo abrir, o fecho enguiçou, ou eu estou nervosa e não acerto... Posso ajudar, madame? Quem sabe se eu acerto? Com licença, vou tentar. Pronto, aqui está sua chave, dona. Muito, muito obrigada, meu filho! Agora mais um favor, gire a chave na fechadura. Pois não. Pode entrar, dona. Agora um conselho pra senhora. Não volte sozinha pra casa, de noite. Nem peça a um desconhecido pra servir de companhia. Eu sou assaltante, vivo disso, e só não limpei as suas joias porque a senhora me chamou de meu filho. Nunca ninguém me chamou de meu filho, depois de minha mãe, que já morreu. Boa noite, dona, e não faça mais isso, tá legal?

O CAMINHO DA LUZ

Se teu casamento está em perigo, procura madame Rosalmar e ela te conduzirá ao caminho da luz.

Isso dizia o prospecto distribuído pelo garoto na calçada de Marechal Hermes, e Antônio, esperançoso, procurou madame Rosalmar. Ela demorou a aparecer na salinha modesta, pouco iluminada. Vestia túnica preta, eram pretos e longos seus cabelos, e os anéis cintilavam. Antônio sentiu uma coisa parecida com medo. Ou aflição.

— Que se passa contigo, irmão da Terra? — perguntou madame Rosalmar, com uma voz que parecia vir de trás da parede, e até de trás do subúrbio.

— Eu... — balbuciou Antônio. E não disse mais.

Madame não tinha pressa de ouvi-lo. Durante um minuto, era nítido o barulho de carros na rua. Ele decidiu-se:

— Eu... Eu não, ela está querendo me matar.

— E não deste motivo para isto, meu irmão?

— Credo! Madame sabe que a vida de um homem é um enrolamento que não depende dele. A gente nasce condenado à complicação, tudo complica pro meu lado. Mas eu gosto de Edélsia, só quero tudo de bom pra ela.

Madame tinha os olhos parados nos olhos de Antônio, incomodando. Queria saber uma verdade que ele não confessava? Não podia olhar de outro jeito? disse ele consigo.

— E de que maneira ela está querendo te matar, irmão?

— Sei lá. Não é de faca, nem de revólver, nem de veneno. É de maneira esquisita.

— Esquisita, como?

— Esquisita. Se eu soubesse, tirava essa ideia da cabeça dela. O que sei é que ela fala comigo só o que não pode deixar de falar, mesmo assim com voz gelada. Com licença da madame, a gente não se encosta mais como antes. Não se encosta de jeito nenhum. Me repele secamente. É como se eu tivesse morrido, então concluí que ela está me matando, se é que já não me matou como marido e filho de Deus. Primeiro mata por dentro. Depois...

Madame, pensativa. Afinal:

— Irmão, teu caso é difícil, mas a luz baixará em tua vida, se a tiveres merecido. Tua mulher não está te matando. És tu mesmo que te matas suspeitando de tua mulher.

— Mas...

— Não me interrompas, irmão. Disseste que tua vida é enrolada, e procuras enrolar nela a vida da tua companheira. Isso é terrível. Se ela não fala contigo é porque não soubeste dialogar com ela. Por que haveria de te falar a toda hora, se logo te queixarias do seu falatório, como agora te queixas do seu silêncio?

Antônio movia os lábios, na ânsia de emitir um som, porém madame Rosalmar o fuzilava com os olhos.

— São sempre assim os homens. Querem matar suas mulheres e não têm coragem de confessá-lo. E passam a dizer que as mulheres é que desejam matá-los. Irmão, que miséria!

Houve uma pausa, que Antônio timidamente aproveitou para chegar ao ponto:

— Madame, e a luz?

— A luz é para aqueles que a merecem. Saindo daqui, irás dizer a tua mulher que durante um ano, ouviste? um ano inteiro serás o irmão da tua irmã, e não um bode excitado. A luz irá baixando pouco a pouco sobre tua vida. Não esperes ficar de uma hora para outra inundado de claridade. Vai com calma.

— Bem, eu...

— E deixa de dizer que desejas tudo de bom para ela. Isto não é verdade. O que desejas é tudo de bom para ti, mesmo que não seja bom para ela. Queres uma mulher gostosa e disposta a te satisfazer todos os caprichos na hora em que te vier o apetite. Se o apetite dela não coincide, pouco estás somando: o teu é que importa.

— Madame!

— Sei o que estou te dizendo. A mim os homens não enganam.

— Até parece que Edélsia esteve aqui e encheu os ouvidos da madame.

— Quem sabe? Mesmo que tivesse vindo, meu sacerdócio espiritual me impediria de contar. Irmão da Terra, conheço a alma torta dos homens. Vai, e procura por ti mesmo o caminho da luz. É mil cruzeiros.

Meio tonto, na rua, Antônio amarrotou o prospecto que tirara do bolso da calça. Lia e relia as palavras estimulantes e só então reparou no que estava escrito em letras miúdas, na última linha: “Consultas exclusivamente para mulheres”.

COISAS LEMBRADAS

A conversa recaiu sobre coisas que os antigos nos deixaram.

— Bem — disse o bacharel —, eles nos deixaram tudo: a ordem social, o direito, as artes e as letras...

— Não me refiro a essa herança colossal — esclareceu o pintor. — Estou falando nos bens de família.

— Ah, sim, aquilo que nos tocou por herança.

— Não é bem por herança. São as coisas que não entram em inventário, e geralmente as mais estimadas.

— Mais estimadas? Uma casa, as ações de uma empresa não são mais estimadas? — arriscou o economista.

— Para mim não são — respondeu o pintor. — E acho que para muita gente também.

— Por exemplo?

— Um objeto de nada. Tanto pode ser um canivete como um daguerreótipo, uma caixinha de madreperla, um livrinho de apontamentos.

— Tem razão — concordou uma das moças. — Eu venero — é assim mesmo que se diz? — os sapatos de cetim da vovó, com que ela se casou.

— Botou num oratório? — ironizou outra moça.

— Não botei, mas guardo como relíquia. São lindos. Como vovó tinha pés pequeninos! Eu sinto que aqueles sapatinhos faziam parte de um amor e de uma grande esperança.

— Poeta!

— Antes fosse. Faria a minha ode aos sapatos de cetim.

— Luísa tem razão — comentou o pintor. — Essas coisas estão impregnadas de sentido, ou melhor, de emoção. E de certo modo são eternas.

— Como, eternas? — escandalizou-se o economista.

— Em primeiro lugar, elas duraram mais do que os donos. Sobreviveram. E se nós as conservamos com carinho, continuam vivas por tempo indeterminado. Só morrem quando esquecidas ou jogadas fora.

— Ou leiloadas.

— Não. Leiloadas, continuam a viver. Talvez uma existência contrafeita, com a carga emocional diluída. Mas resistem.

— Nunca tinha pensado nisso — falou o estudante. É mesmo. As coisas podem durar mais do que a gente, mesmo sendo coisas frágeis, que a gente fez.

— E louça? E xícara em que os bisavós beberam, prato em que eles jantaram, com a pintura azul meio desbotada? Não é um barato? — disse Luísa.

— Tudo é um barato, se vem de outra era e fala uma linguagem. As caixas de rapé, que tanto podiam ser verdadeiras joias como coisinhas apenas funcionais.

— Os vasos de Sèvres, das velhas salas de visitas.

— Não falemos de coisas tão refinadas. Falemos de humildes.

— O lenço bordado, ou então o lenço grande, de xadrez, para os espirros do rapé.

— O par de esporas de prata. As caçambas de montaria.

— Tou me lembrando da sela de meu avô, fazendeiro em Cocais, atirada no porão, em que a gente montava sem cavalo, fingindo galopar.

— E eu da caneta-tinteiro, dizem que das primeiras que apareceram, vinda dos Estados Unidos, com florões dourados. Tava num baú de minha tia.

— E minha tia, que guardava uma coleção de vidros de perfumes franceses dos bons tempos, todos de formato art nouveau: rosas, lírios, crisântemos?

— Coleção já é exagero. Basta uma peça de coisa antiga, ligada à história familiar.

— Ah, que coisa fantástica o espartilho que minha madrinha guardava no armário! Pedi para experimentar, ela recusou. Eu queria curtir o século XIX dentro dele.

E assim foram passando em revista os binóculos, os carnês de baile, as luvas, as estampas, as cartolas, os xales, os relógios, desfilaram compoteiras, penicos, lorgnons, peles, camafeus, almofarizes, porta-cartões, potes de farmácia, condecorações, laços de fita, surgiram no ar, em palavra, bugigangas, pequenas preciosidades, bagulhos, berenguendéns, bagatelas, coisas foscas ou de brilho, nonadas, fanfreluches, tudo tocado pelo tempo e pelos mortos, tudo que é saudade ou aspira a sê-lo. Alguém suspirou:

— “A grande dor das coisas que passaram.”

Mas o pintor reagiu:

— A grande cor, a grande flor das coisas que passaram.

A MANHÃ DO DIA DO POETA

Chego atrasado para registrar a passagem do Dia do Poeta, que ocorreu na última quinta-feira. Absorvido pelo cotidiano miúdo, nem reparei nele. Para o meu amigo Horácio, entretanto, a data não passou em branca nuvem (também, com esse nome...). Horácio já produziu três livros de poemas e costuma ser indigitado em seu círculo de relações como “o poeta”. Ganhou mesmo certa notoriedade, a ponto de, uma ocasião, pretendendo assistir a um filme pornô muito badalado, ser reconhecido pela bilheteira, que lhe sorriu, dizendo:

— Como vai o ilustre poeta?

Manhã cedo, três vigilantes associações de poetas telefonaram para ele, convidando-o a participar de tardes comemorativas, onde leria versos com fundo musical e tomaria chá com bolinhos:

— O meu amado poeta não pode faltar, pois não?

— Reservamos um lugar de honra para o admirável bardo.

— Distinto aedo, contamos com a sua presença.

Eram três mulheres, secretárias das três sociedades, o que não é de estranhar, sabido que, na faixa dos quinze aos 55 anos, o número de poetas femininos é consideravelmente superior ao de poetas masculinos. Depois dos 55, cresce a percentagem de poetas varões. Todos insexualmente, como fez questão de acentuar em entrevista à TV Educativa, uma inspirada cultora do verso:

— Não há nem pode haver distinção de sexos na poesia. Essa discriminação de poetisa, algo deprimente para nós, já era.

Horácio não pôde comprometer-se a estar presente em nenhuma das comemorações: primeiro, porque não dava para ir a todas; segundo, porque não sabe dizer versos; terceiro, o médico lhe recomendou evitar bolinhos e gulodices em geral. Foi pressionado (como acontece aos parlamentares no caso de votação de decretos-leis).

— Não seja por isso, meu poeta. Mandaremos um carro para trazê-lo e levá-lo de volta.

— Como? O vate não sabe dizer suas magníficas criações? Não acredito! Mas dá-se um jeito. Qualquer uma de nós se sentirá honrada em ler seus poemas.

— Ora, que mal faz um bolinho hoje, outro no ano que vem? Também teremos biscoitos de polvilho, trazidos por uma coleguinha de Itaperuna. E depois, em último caso, não coma nada, mas venha. Venha!

Horácio acabou prometendo que não faltaria às festividades, uma na Tijuca, outra no Leme, a terceira no Centro, todas no mesmo horário. E já matutava que desculpa daria pela ausência, sempre por motivo de força maior (variado), quando tocou o representante da geração-xerox:

— Poeta, eu sei que o Dia do Poeta é todo dia, em todo lugar, inclusive na rua, onde vendo os meus livros, aliás com tremendo sucesso. Mas hoje é mais dia do que outro dia qualquer, entende? E você, irmão mais velho, receba o meu abraço fraternal..

— Obrigado.

— Escute, poeta. Queria ler para você o poema que acabei de dedicar à poesia, nossa mãe comum.

— Desculpa, mas...

— Só um minutinho.

E atacou um dos mais longos poemas que já se perpetraram no Brasil, sem falar nas Cartas chilenas. Horácio queria interromper, alegando que precisava tomar banho, barbear-se, mas o outro continuava, continuava. Até que parou.

— Ótimo. Está um belo poema, parabéns.

— Acabou não, poeta. Caíram umas laudas e eu tive de apanhar no chão.

Quando terminou a ladainha, bateram à porta. Eram as crianças do edifício que vinham saudar Horácio, por iniciativa comovedora de papai e mamãe. Uma das garotas sacou de um papel e...

— Lindo, filhinha. Você mesma que escreveu?

— Foi sim. Copiei do livro de expressão e comunicação. Olha, papai mandou pro senhor estes poemas, pro senhor dar uma lida e dizer se gostou. Ele está fazendo um livro.

— Ah.

— O papai da Sueli também. Entrega pra ele, Sueli.

Sueli entregou. E também Roberto, o da mãezinha dele. Horácio ficou sabendo que, além dele, existiam no edifício pelo menos três poetas, fora os silenciosos.

Ainda não se retirara a comissão infantil e o telefone voltou a tocar:

— É o poeta Horácio? Aqui fala um seu admirador.

— Obrigado.

— Admiro muito a sua coragem de poetar enquanto o Brasil vive a tragédia do desemprego, da seca no Nordeste e da dívida externa. Eu, se fosse o presidente Figueiredo, mandava vocês todos fazerem amizade com a Falange Vermelha, na Ilha Grande.

Quando o telefone chamou outra vez, era o locutor da Rádio Nova Esperança, de Cabreúna dos Índios. Com voz empostada, pedia mensagem do poeta aos radiouvintes sobre o papel da poesia como fator de harmonia entre os homens (só cinco minutos, esclareceu). Horácio não aguentou mais, explodiu:

— Mensagem? Que mensagem? Então você acha que sou homem de dirigir mensagens a quem quer que seja?

— Mas, poeta, hoje é Dia do Poeta — ponderou o locutor, atônito.

— Dia do Poeta, é? Engraçadinho! Dia do Poeta é um só, o resto do ano é todo dos milicos, das múlti, do imposto de renda e do diabo que o carregue!

E fez — pá — com o telefone.

AMIZADE NO MORRO

— Querem matar minha porca? Ah, essa não. Primeiro vocês me matam, depois passam a faca na porca.

— Mas dona, a senhora vai receber uma nota firme por via do prejuízo.

— Que prejuízo nem mané prejuízo? Vocês pensam que eu tenho minha porca pra negócio? Eu disse que queria vender? Disse? Tou carecida de grana, quem é aqui no morro que não tá? Mas aliviar meu aperto às custas da Xironga, pois sim, te arrenego!

— A gente já conversou com o presidente da Associação de Moradores, ele disse que tava bem...

— Ele disse, né? Ele manda nos porcos dele, na minha Xironga mando eu, e ela manda em mim. Não dou por dinheiro nenhum uma porca da minha amizade.

— Mas é no bem de todos, a peste africana taí, na Nova Brasília já apareceu um caso, então a gente vai comprando os porcos, paga um bom preço por quilo...

— E depois?

— Depois sacrifica, ué.

— Eu sei. Dão uma marretada na cabeça deles, e se não liquidar logo dão mais outra. É assim que acabam com a peste pra evitar a morte dos porcos? A peste vai matar eles, então vocês matam antes da peste?

— Bem, a senhora compreende...

— Compreendo não senhor. Eu se pudesse dava a marretada é na cabeça dos que estão marretando. Bem, eles não têm culpa, recebem ordens. Então eu marretava a cabeça dos que deram ordem.

— Isso não é comigo, estou só recolhendo os porcos, sei lá como eles fazem.

— Pois eu sei. Se o senhor fosse condenado à morte, o senhor gostava de acabar com marretada no cocuruto? Não preferia uma injeção, um troço assim?

— Bem, eu...

— Já sei, vai me dizer que porco não é gente. Mas bicho também não sofre? E a minha Xironga pra mim é gente. Tem muito malandro e muito cartola por aí que não é tão gente como a Xironga. Entre nós duas o que voga é a amizade, eu gosto dela, ela me gosta.

— Interessante.

— Interessante, não. Bacana. Sou viúva, quer dizer, acho que já fui viúva,

o peste me trocou por outra, acabei me esquecendo dele, conheci outros caras, nenhum deles tinha o sentimento da Xironga. Comprei ela novinha, desmamada às pressas, dei leite, dei lavagem, criei ela, fiz dela uma porcona bonita que não vou mostrar pro senhor, vê lá se eu entrego a Xironga. Um doce de bicho, a mansidão em pessoa, me vê de longe, corre pra me carinhar. Sou uma mulher limpa, deixo ela me encostar porque sei que isso é carinho, eu retribuo alisando o pelo dela, assim... Depois me lavo.

— Mas a senhora não pode ter um bicho desses junto do seu barraco, tem a peste africana, tem a higiene, tem o perigo das crianças.

— Eu não tenho criança, e as crianças daqui tão acostumadas com a Xironga. Ela não faz mal a ninguém, é muito educada e respeitadora. Por que vão matar a Xironga? Não deixo e não deixo.

— São ordens.

— Ordens de quem? E por que essa ordem? Alguém foi entregar a Xironga, mentir que ela tá pesteada? Alguém examinou a Xironga pra dizer que ela precisa morrer, pois não tem tratamento pro mal dela? Pois eu juro e garanto que a Xironga tá mais forte do que muito cara por aí que tá dando marretada nos inocentes.

— Eu acredito, mas...

— Olhe, seu moço, a gente começa arrebrandando crânio de porco e acaba fazendo o mesmo com crânio de gente. Cria gosto, sabe? Tão caçando criminosos de guerra que fizeram barbaridade com judeu, e não se aprende nada com isso? A ordem é matar, e matar com selvageria? Não tem veterinário pra evitar a espalhação da peste?

— Tenho nada com isso, dona. A senhora por que não vai conversar com eles?

— E eles me ouvem? Se mandam tomar o que é meu e me obrigam a receber uns cobres pra não botar a boca no mundo, eles vão perder tempo em me ouvir? Não vou falar com eles não. Gosto de falar é com a Xironga. Ela me entende. Uma porca que não é uma porca, é gente. Gente, ouviu?

— A senhora me desculpe, mas...

— Desculpo não, o senhor saia daqui quanto antes, senão vai ter. Eu tenho um sinal combinado com a Xironga, ela é mansa mas não é besta, e se o senhor insistir... Estou defendendo o meu direito de ter amizade a uma porca, o senhor não entende isso, não compreende que amigo é pras ocasiões? Suma já da minha frente, me deixa em paz com a Xironga!

A MOÇA EM MARAJÓ

O Marajó é uma coisa fantástica, só você vendo... E depois de ver, é capaz de não acreditar. Você vê, sente, vive o Marajó, contar é difícil. Adianta? Então você vai comigo a Salvaterra, coisinha de nada, mas tão verde que é um anúncio de primavera. Perto a gente dá uma olhada em Condeixa, nome que dá vontade de comer. É ameixa, fruta-de-conde, sei lá o que as palavras oferecem aos nossos sentidos. Joanes, tão português-antigamente, você gosta? Pois olhe, tem nada de clássico-frei-luís-de-sousa, eu estudei na faculdade, é (ou deve ser) corruptela de juionas, uma nação de índios deste Pará velho-de-guerra. Joanes faz parte de Salvaterra, você repare nas ruínas de lá, é de uma melancolia, um recuar no tempo. Agora, a quinze minutos de lancha de Salvaterra, dê uma olhada em Soure, isto sim, nominho portuga até dizer chega, pois você não vê que vem de saurium, e remonta à ocupação romana em terras lusíadas?...

Ah, essa minha erudição. Desculpe. Você está no Marajó, não viaja de carro, carece viajar de avião para curtir essa renda colossal de rios separando as terras. Eta arquipélago danado, deslumbrando, perturbando a vista miudinha da gente! Mas de barco é que você deslumbra mesmo, não tem conversa. Apeando do navio no lusco-fusco, foi o que me aconteceu uma vez — conheci na travessia um senhor fazendeiro, ele me convidou para conhecer a fazenda, fui. É bom viajar meio sem programa, topando o que vale ser topado, entende? Na luz fraca do amanhecer, a casa-grande, de madeira, sobre estacas, parecia suspensa no ar, o terraço voltado para as terras.

Fazenda marajoara, nem-te-conto... O infinito. O verde. Os bichos selvagens. Lá você encontra restos de ferramentas, restos de cerâmica, a vida antiga do índio que fala à alma da gente e atiça curiosidade de saber mais, mais. Garças e guarás-vermelhos pousando nas lagoas. Jacaré de montão. Tudo. O mundo tá acabando de nascer, numa inocência de gênese. Ô vida colorida arco-irizada! Reunião tão grande e variada de cores e tons que você fica bobo, sem saber se olha ou bebe a paisagem. Passeie de canoa, você tem de passear adoidado de canoa pelos igarapés que não acabam nunca. Pelos furos. A companhia de você é aquela espécie de arbusto pousado à beira d'água, durante todo o percurso: aves brancas, róseas, vermelhas, que não se assustam com o barulho doce dos remos ou o ronronar do motor da lancha. Ali estão, ali quedam. Flaminguinho tem lá medo dessas coisas?

Cuidado? Sim, o cuidado para você não se perder no labirinto dos igarapés

fica por conta do cabodo da região que conduz a canoa. Pode confiar. No fim do passeio você está em casa comendo queijo fresco de leite de búfala, brincando com o veadinho domesticado, uma graça, e pensando: Eta Brasil maior até que o Brasil!

Mas tem também o leite do Amapá, remédio forte para asma e bronquite, além de cicatrizar ferida; a salva-do-marajó, ervas e sementes que compõem uma bruxaria saudável contra todos os males. O melhor doutor é a natureza, médico nenhum pode com essas plantinhas que não estudaram, mas sabem curar as mazelas do corpo... Então, tranquilo, porque se vier macacão a terra dá um jeito, você pode papear preguiçoso com siá Dulcinéia e seu João Japão, por exemplo. Debaixo da mangueira. Eles sabem das coisas. No fim da praia, lá está siá Maria das Cabras, matriarca valente, velhinha, comandando a família com amor e humanidade. Puxe conversa com ela. Pare diante da casinha lilás à beira da praia, que tem uma tabuleta: “Joga-se xadrez”. Se não souber jogar, não entre. Lá dentro tem um velho americano cercado de livros, discos, uma flauta e um tabuleiro de xadrez. Era músico de uma sinfônica na terra dele, foi para guerra, voltou meio lelé, arrumou a trouxa, veio arrancar aqui. O Marajó tem tudo.

Salvaterra, salvação de muita gente das sete partidas do mundo. (São sete?) Tem aí uns estrangeiros que não querem sair de jeito nenhum deste fim-de-Brasil feito de água e de verde pulsante. Durante as férias, gente do país e do exterior se reúne lá para a volta à vida simples. Tiram a pele da cidade, entende? e se anonimizam numa espécie de fusão panteísta. O corpo reage por si, independente de você. A visão dilata-se, as cores avivam-se, os sentidos apuram-se, e você, libertado de você, sente-se aware, penetrando as coisas e penetrado por elas... Difícil explicar isso. Por mais coisas desimportantes que você fale, mais verdades essenciais dirá. Por mais silêncio que haja, mais será compreendido.

E nada de turismo, ouviu? Essa ideia some no ar. Salvaterra é um segredo, um presente fechado, porta-joias, senha maçônica. É preciso respeitar Salvaterra. É preciso amar Salvaterra. Ah, você não calcula...

Assim falou a moça, apaixonada do Marajó, Livia de nome, e está feita a crônica.

A MOÇA DISSE: ALTO LÁ!

— Alto lá!

Há quanto tempo eu não ouvia esta frase. Pensei que tivesse sumido para sempre. Era tão usada quando duas pessoas discutiam, e uma delas dizia qualquer coisa que desagradava profundamente à outra. Por exemplo:

— Desta vez o Rui falou pouco e ruim.

O outro, indignado:

— Alto lá! O Rui falou muito e falou muitíssimo bem.

E não havia resposta para esta contestação. Alto lá! encerrava a questão, esmagando o pobre leviano que fizera restrições a Rui Barbosa. A menos que ele, por sua vez, não se conformasse com o Alto lá! e também altolasse:

— Alto lá digo eu! Até que você me prove o contrário, eu sustento que o último discurso do Rui foi uma pinoia.

Aí, fatalmente, os dois partiam para a argumentação do braço, e quem fosse de maiores recursos físicos exprimiria a opinião final sobre o discurso do Conselheiro.

Alto lá! costumava ser acompanhado de “dobre a língua”:

— Alto lá! Dobre a língua antes de pronunciar o nome de madame Elzevir.

Brigas por causa do Alto lá! eram frequentes, porque sujeito nenhum gosta de ser humilhado. E essa interjeição tinha o mesmo valor cortante de “cala-a-boca”.

— Cala-a-boca já morreu, quem matou fui eu — era a resposta única a essa terrível ofensa. Seguida de tiro. A boca do que mandara calar a boca às vezes se calava para sempre. A menos que ele desse no pé, preferindo a morte moral, que não é tão absoluta quanto a outra.

Pois outro dia ouvi de novo alguém dizer Alto lá! — e não era nenhum cara zangado que o pronunciava, era uma garota no jardim. Fiquei pasmo, ou pasmado, como quiserem. (Não vou discutir qual a melhor forma, as duas servem.)

Que foi que o moço dissera à garota, não sei, mas deve ter sido bobagem tão grande, mesmo em tempo de grandes bobagens como é o nosso, que ela, séria por um momento, lhe respondeu:

— Alto lá, Afrânio!

Afrânio pasmou-se mais do que eu, a julgar pela expressão do rosto, que perdeu toda expressão, ficou um tijolo em forma de rosto, ficou um não-sei-quê

de não-sei-quê. Gastou um minuto para responder:

— Alto lá, o quê? Quê que é alto lá? E lá, onde?

Afrânio não sabia. A garota sabia e não quis explicar. Pobre Afrânio, era uma frase tão difícil, tão fora da linguagem de nossos dias, que ele, francamente, não atinava que bicho fosse aquele. “Alto”, Afrânio sabia. Ele era alto, isto facilitava a compreensão. “Lá” também era do conhecimento de Afrânio, pois ele justamente viera de lá, do lado em que ficava o seu apartamento, e viera na direção de cá, do jardim público, onde a moça o esperava. Mas “alto” e “lá”, reunidos, que diabo poderia ser? E dito com uma voz tão firme.

— Escuta, bem... Explica direito — desabafou ele, depois de intensa concentração.

— Está mais do que explicado.

E a linda boca fechou-se em mistério. Não diria mais nada, pois tudo fora dito, e de maneira cabal, com Alto lá! Fiquei pensando que aquela moça não era moça, era uma gramática, um dicionário de Aulete, na forma deliciosa de um corpo jovem, de blusa e blue jeans. No mínimo, seu pai era catedrático do Colégio Pedro II e ensinava em casa as boas e severas normas de comunicação verbal, essas que não deixam margem a reticência, dúvida, incerteza, ambiguidade, descrença. Como Alto lá! e outras que não preciso enumerar aqui, mesmo porque a leitores jovens, se acaso os tenho, não adiantaria, e a leitores provectoros, que me honram com a sua atenção, se ainda os possuo, seria ocioso lembrar esse justo e prestante vocabulário.

Alto lá! Nenhuma reação correspondente na cara do moço, pois ele estava a quilômetros de captar a força de um Alto lá! mesmo dito por uma garota e sem tom de guerra, mas enérgico. Fiquei por instantes parado, assistindo discretamente à cena. Crianças patinavam no jardim. O lambe-lambe esticava as pernas por falta de fregueses. Azul, a paz do céu. Alto lá!... O rapaz não compreendia mesmo nada, a moça afastou-se com um leve aceno, e eu fiquei matutando no alcance profundo da fórmula.

Que foi que o moço disse à moça para ela responder Alto lá? E por que ele não entendeu o que é Alto lá? E por que ela foi embora? Quem souber, ou adivinhar, tenha a bondade de comunicar-me, que lhe ficarei agradecido.

EM IDA, EM ADA

Telefonei para o Fritz, não estava. Sua mulher informou:

- Foi dar uma circulada no calçadão.
- E quando volta?
- Não sei. Depois, ia dar uma esticada em Botafogo.
- Sabe se ele já fez o meu desenho?
- Não. Ainda não pôde dar uma lida no texto.

Em seguida me confessou que anda apreensiva com o Fritz. Eu não notara que ele deu uma emagrecida violenta? Não ficou completamente bom da gripe, e com esse tempo é capaz de dar uma piorada. Ela queria sair, para dar uma melhorada no cabelo, mas, enquanto o Fritz não voltar, prefere dar uma esperadinha.

No ônibus, o passageiro declarou em voz alta que é preciso dar uma controlada nos trocadores, que não trocam, o senhor não acha? Como eu ficasse mudo, ele comentou: Já sei, o senhor não quer se chatear, prefere dar uma desentendida. Ou uma silenciada — pensei comigo. Porque a essa altura eu já aderira ao novo modo de falar, e dei uma agradada ao trocador, que aliás era trocadora, dispensando-a de passar-me as moedas de troco. Ao que um conhecido meu, sorrindo, comentou: Aí, deu uma sofisticadazinha, hein?

Depois de pousar uma olhada no jornal, sentado, notei com prazer que a paisagem no Parque do Aterro dera uma reverdecida evidente, mas o avião de recreio infantil, ao abandono, me causou uma assustada. E se os garotos lá dentro fossem vítimas de marginais dispostos a dar uma inesperada? Mais adiante, sujeitos davam uma dormida na relva, e eu próprio me senti propenso a tirar uma cochilada no banco. Dei só duas bocejadas, e o vizinho me observou que os ônibus dessa linha estão sempre cometendo uma atrasada de vinte minutos pelo menos.

— Quando não é uma adiantada de quinze — interveio o da frente, que dera uma escutada na conversa.

Pretendi dar uma desconversada. Estava tentando uma pensada em assuntos do meu interesse particular, e o diálogo me levaria a uma esquecida, ou pelo menos uma dispersada mental. O vizinho insistiu:

- O senhor dá uma confiada nas promessas do Fig?
- Quem é o Fig?
- Ora, é uma achada do Pasquim, uma referida no futuro presidente da

República.

Aí é que o papo não dava mesmo uma desenvolvida, e eu apelei para a distanciada, como fazem os políticos da situação (de qualquer situação) quando o repórter os pega pelo pé com uma provocada:

— Não tive tempo de dar uma passada no noticiário.

— Ou deu uma esquecida? — insistiu o homem. — Pois olhe, eu dei uma guardada no discurso dele na Convenção, para depois fazer uma cobrada em regra. Fiz também uma arrumada nas entrevistas, comigo é tudo na arquivada.

Uma aquiescida com a cabeça, e mergulhei em meus negócios: uma reclamada na Comlurb, que ainda não me cobrou a taxa, perdão, a tarifa de limpeza urbana. A consentada no aparelho de TV, aliás, a reconsertada, porque o técnico botou as imagens de cabeça para baixo e os letreiros de trás para diante. A procurada na estante onde deve estar o livro que me emprestaram e que deu uma desaparecida inexplicável, enquanto o dono me persegue com uma insistida contínua. A negada de autorização para a botada do meu nome em um comercial de liquidificador. A consentida para me incluírem na comissão que vai pedir ao prefeito a pintada, em nossa rua, de uma faixa de cinquenta centímetros, não mais, com a inscrição: área privativa dos pedestres (devo aceitar ou formular uma recusada?). A comprometida que dei para compra de um lote a preço de banana em Encontro dos Ventos, e depois ouvi uma falada que lá não tem loteamento algum. A suspeitada de que nem exista mesmo no estado do Rio esse Encontro de Ventos. Problemas... Gostaria de dar uma dada geral nos meus, atirando-os pela janela, e quem quiser que lhes dê uma atendida e consequente resolvida. Mas problemas da gente seguem com a gente e, ao contrário do Fritz, cada dia dão uma engordada.

E aqui, uma concluída.

A PRANCHA

Surf, daqui por diante, só na praia da Macumba e em outras praias que ninguém sabe onde ficam — certamente no Havaí ou pra lá do fim do mundo. Logo agora que comprei a minha prancha e ia dar uma de Netuno no Leblon, rodeado de minhas cocotas — porque sem cocotas rodeando, que graça tem uma de Netuno?

Antes que você se espante, esclareço que não comprei nenhuma prancha. Isso que está aí é queixa do Serginho. Serginho não se conforma, chega de perseguição! O pai não queria dar dinheiro para a compra. Serginho chegou a pensar na fabricação doméstica da prancha, seduzido pelo artigo da revista que dizia: “Faça você mesmo a sua prancha, com espuma de poliuretano, fibra Burnington, surform”, essas coisas. Mas eram tantos os materiais, e cada material custava uma nota, além da tecnologia pesada. Serginho raciocinou que, a ter de pedir uma nota para comprar os materiais e suar na fabricação da coisa, que talvez não ficasse lá um primor, era preferível que a dita nota fosse aplicada na compra do produto acabado e garantido. “Meu Deus, como esse garoto raciocina bem”, exclamou d. Ester, mãe de Serginho, e disse para o Clóvis: “Clóvis, você não vê que Serginho tem razão? Anda, tira logo o dinheiro pra ele comprar o demônio dessa prancha e a gente ficar sossegada”. A mãe de Serginho era prático-filosófica.

A compra foi uma curtição. Serginho fez-se acompanhar de três cocotas. Tinha convocado sete, mas nem todas eram cocotas só de Serginho, e precisavam atender a outras curtições simultâneas. Ele leu na revista que as primeiras pranchas eram fabricadas com a assistência de um sacerdote, que depositava oferendas aos deuses do mar, junto à árvore que forneceria a madeira. Isso nas ilhas do Pacífico, no tempo da vó da vó de nossa vó, mas aqui na Zona Sul, diante de uma prancha de material sintético, na loja, não dá pé chamar o vigário da paróquia. Então Serginho resolve substituir o sacro pelo profano solene, ou festivo, e vai de cocotas adquirir a prancha e trazê-la para casa em alegre ritual.

Veio o vestibular, no qual, absurdamente, não havia pergunta nenhuma sobre surf, campeonatos na Califórnia, altura e velocidade de onda que não encaixote nem faça parede — tudo isso que o surfista ou candidato a, deve saber na ponta da língua, e Serginho é craque em literatura especializada. Nem ao menos perguntaram quem é Peter Troy ou Yllen Kerr, resultado: Serginho,

que programara a estreia da prancha para depois da vitória no vestibular, tubulou. Coitado de Serginho, é preciso levantar o moral dele; vamos todos para Teresópolis, lá em cima ele descansa. Porque vestibular enche, sobretudo quando a gente leva pau e começa a pensar, chateado, no vestibular do ano que vem.

Serginho protestou. Estava deprimido coisa nenhuma, estava é louco para estreitar a prancha, e o que é que ele ia fazer em Teresópolis? Mais precisamente, o que é que a prancha ia fazer em Teresópolis, a senhora pode me dizer? D. Ester não podia. Nem sempre era prático-filosófica.

Ficou lá só dois dias. A prancha cá embaixo, virgem. Serginho não aguentou as saudades da prancha e o desejo de dominá-la com a energia de animalidade jovem. Desceu rápido, convocou as cocotas de sua predileção excluindo as que faltaram ao cerimonial da compra. A manhã estava uma luz total, manhã feita especialmente para o surf e a estreia de pranchas. Adeus, prancha emprestada por dez minutos, adeus condição puramente terrestre de nadador. Agora Serginho é uma nova espécie de ser — marinho e desafiador do mar. Vai passear nele como no calçadão, com uma volúpia que a motoca não dá.

Foi botar o pé na areia e receber uma salva de palmas das cocotas. As palmas atraíram dois PMS, que convidaram Serginho a levar de volta a prancha. Não lera a portaria da Secretaria de Segurança, despachando os surfistas para a praia da Macumba e outras praias distantes? Serginho não lê jornal, cocotas também não. “Mas eu comprei a prancha antes de sair a portaria. E os direitos adquiridos?” Os PMS não acharam válido o argumento. “Nesse caso me deem um prazo para eu cumprir a portaria, me deem uma semana. Toda lei dá prazo pra ser cumprida, essa não dá? E nem mesmo é uma lei, é só uma portaria...” Os PMS continuaram não aceitando as razões de Serginho. As cocotas entraram no debate, à base de som, palmas, assobios. Depois de muita paciência, foi preciso muita habilidade para separar Serginho de sua prancha, que ele brandia como escudo e enlaçava como se fosse a tábua da lei em poliuretano. Por pouco Serginho não ia com ela para o depósito. As cocotas soltaram um último uuuu, e os banhistas, que vivem reclamando contra as pranchas, apoiaram com uma salva de palmas a reação das cocotas, que beijavam Serginho na boca, para consolá-lo.

NÃO SE PAGA MAIS NADA

— É o cobrador da prestação das cortinas.

— Diga a ele que a partir de hoje eu não pago mais a prestação das cortinas. Aliás, não pago mais nada.

— Eusébio, eu não posso dizer uma coisa dessas.

— Não pode por quê?

— Porque todos nós temos que pagar as nossas dívidas. É da religião. É da lei. As cortinas foram instaladas, estão aí. A gente deve, a gente paga.

— Pagava. Agora não paga mais. Se as empresas de transporte de passageiros do Rio, em declaração pública, abandonaram esse costume de pagar, por que é que nós não podemos fazer o mesmo? Só que a declaração não será feita pela imprensa. É mais simples, de boca.

— Não há comparação. As empresas se queixam de que o governo cortou o subsídio que ajudava os empresários a aguentar a barra.

— Pois com muito mais razão nós particulares, que nunca recebemos um centavo de subsídio do governo — você já recebeu, mulher?

— Eu não.

— Nem eu. Nem ninguém que eu saiba, de nossas relações, salvo o Ludovico. Mas o Ludovico é deputado, o subsídio dele é diferente. O que a gente recebe do governo é a notificação do imposto de renda, do imposto predial, do imposto sobre serviços.

— Mas as cortinas, homem de Deus.

— Deixe as cortinas em paz. Aliás, não gostei muito da cor, eu preferia um tom bege-claro, deixa pra lá. O importante é que as empresas deram o exemplo, e eu prezo muito os exemplos. Sem exemplos não haveria moral prática. Estão cancelados todos os pagamentos nesta casa.

— Cancelados ou suspensos? As empresas falaram em suspender, não em cancelar.

— Não me venha com sutilezas. É a mesma coisa. Além do mais, suspender é palavra imprópria, em se tratando de pagamentos. Suspender é pendurar no ar, e eu nunca vi um pagamento suspenso no ar, duvido que haja. Ele some, evapora-se. Portanto, artigo primeiro e único: não se paga mais nada.

— Você acha que as empresas agiriam direito?

— Acho. Com essa medida, abriram mão de um subsídio imoral, e

contemplam de frente a realidade das coisas.

— Os credores não vão gostar.

— Os credores que deixem de pagar também as suas dívidas. Todo mundo deve alguma coisa a alguém, Leontina.

— Mas, então, nem gosto de pensar o que vai acontecer. Se ninguém paga, ninguém mais quer vender. Você e as empresas de transporte serão os responsáveis por essa calamidade.

— Não, filha, eu serei apenas, historicamente, o primeiro seguidor de um princípio econômico lançado pelas transportadoras. Abolido o pagamento, abolidas as dívidas. Uma nova ordem social emergirá das cinzas do débito. Só existirá o haver. Um haver geral, consentido, proclamado.

— Utopia!

— Utopia, do ponto de vista capitalista. Mas esse ponto será igualmente cancelado. Tudo vai ser de todos, desde o ônibus até a casa com piscina na Barra. Inclusive cortinas. Explique ao cobrador.

— Será que ele vai entender?

— Claro que vai. Fale que ele também está dispensado de honrar os seus compromissos, de resto modestíssimos. Não precisa mais pagar luz, gás, pão, leite (se é que cobrador toma leite) e o mais que ele costuma comprar. A primeira coisa que tem a fazer é voltar de ônibus para casa e não pagar passagem.

— O trocador vai encrencar.

— Ele é que não tem mesmo direito de encrencar. Se o dono do ônibus não paga mais ninguém, por que há de cobrar do usuário do ônibus? Sem essa. A aurora da nova ordem vai raiar com todo mundo viajando de graça nos coletivos. O primeiro sinal. Tudo simples, claro, sem Marx nem teorias socialistas.

— Mas Eusébio...

— E dizer-se que uma ideia tão pura, tão genial, não saiu da cabeça de nenhum sábio: foi bolada por um sindicato de empresas de transporte, gente positiva, gente ligada ao deve-haver bem contabilizado! Viva o Brasil, capaz de gerar ideias assim! Depressa, Leontina, vá despachar o cobrador que está esperando esse tempo todo. Se ele quiser, pode até levar as cortinas, mas não para devolver à loja. É para uso e gozo dele, na sua casa. A gente compra outra, de um bege mais claro, e não precisa pagar nada!

O COZINHEIRO

Um jantar para convidados tem obrigação de ser agradável, mas nem sempre isso acontece. Às vezes a culpa é de um deles, que se excedeu nas libações, ou mesmo de dois, inclinados à discussão, que quase se engalfinham. Um gaffeur pode comprometer o sucesso do jantar mais esmerado. Não falando nos casos em que o menu, lamentavelmente, deixa a desejar, quando, por mais polidos que sejam os circunstantes, a decepção gastronômica se estampa nas fisionomias. E as ocasiões em que, imitando a surpresa do último “pacote” político, a luz se lembra de faltar?

Podem haver de tudo num jantar: comida e conversa deliciosas, entre convivas especialmente simpáticos. No entanto, como aconteceu na última semana, em casa de... não, não vou dizer nomes, direi apenas que os donos daquele triplex são pessoas finas, conhecem e praticam a arte de receber.

Com o melhor sorriso, a hostess dispensava a todos as atenções devidas, não deixando que algum dos presentes se sentisse fora de foco — e nenhum se constrangesse sob foco exagerado. O marido acompanhava-a com eficiência na operação, de sorte que não ocorria um desses vácuos de silêncio, que fazem gelar a mesa, e o gole de vinho é a única salvação para a falta de assunto. Assunto havia sim, bem temperado, como ainda se observa nas casas em que a boa educação, o sentido da atualidade e o savoir-faire amenizam o convívio humano. Não ocupam bairros inteiros, essas casas, mas sempre existem.

Enfim, era uma noite impecável, e nem souu mal a palavra de louvor que uma das senhoras dirigiu ao garçom, ou à mesa, referindo-se discretamente ao galbo escultural do servidor:

— Noto que o tipo físico do brasileiro vai se tornando cada dia mais apurado.

Os vizinhos concordaram com um gesto leve, e a dama em questão julgou que era hora de louvar o serviço perfeito da casa. A hostess agradeceu com gentileza, observando que, se os convivas eram agradáveis, toda reunião o era também, e não havia mérito especial em recebê-los, como sucedia naquela noite:

— Acho mesmo que o mais importante em sociedade não é a casa onde se está, mas as pessoas que aí estão. Elas tornam deliciosa até uma reunião menos... réussie.

Foi a vez de todos agradecerem, sorrindo também e enaltecendo em coro as excelências do casal. Acabaram admitindo que todos ali eram adoráveis, fosse

por qualidade intrínseca, fosse por impregnação dos bons fluidos da casa.

Foi então que um convidado lembrou a conveniência de se louvar e agradecer o amigo oculto.

— Pode-se saber-lhe o nome, se não for demasiado oculto? — perguntou a senhora que admirara o garçom.

— O nome eu não sei, mas certamente que sua personalidade é das que mais se impõem à nossa simpatia. Não adivinha?

— Querido, não faça mistérios. Gosto muito de louvar, e temo perder a ocasião disto se não souber a quem devo fazê-lo.

— Muito simples. O cozinheiro.

Todos concordaram: o cozinheiro que não “assinara” o jantar, mas fora o seu talentoso autor, bem merecia homenagem de gratidão.

Como todos se levantassem, o cavalheiro em questão perguntou à dona da casa se não poderiam manifestar pessoalmente ao cozinheiro as expressões do seu particular apreço.

— Receio que não — respondeu ela. — A esta hora ele está recolhido à cama.

— Não quis, por modéstia, saber do êxito da sua criação?

— De fato, ele não esperou que o jantar terminasse.

Mas a senhora que prestara atenção no garçom apoiou a ideia:

— Um grande profissional, no caso um artista consumado, não pode fugir ao reconhecimento público do seu valor. Vamos, minha cara. Como ele mora no apartamento, não será difícil chamá-lo. Mande bater à porta do quarto dele, será até mais exciting.

Em volta, os demais convidados aprovaram a sugestão:

— Se não proclamarmos o mérito dos bons elementos, que será do futuro deste país?

A dona da casa relutava, junto ao silêncio do marido:

— Vocês compreendem, meus amigos. Eu preferia não perturbar-lhe o sono, depois da missão cumprida. Claro que a intenção de vocês é a mais cativante possível, mas... fico ciente dos elogios e agradeço pelo meu cuca.

— Ah não, querida. Em matéria de honra ao mérito, eu não desisto. Com licença — e a admiradora da melhoria do tipo físico nacional precipitou-se pela porta dos fundos, em direção às dependências de serviço.

Um minuto depois, ouviu-se um grito. Todos se entreolharam, interrogativos. A senhora voltou à sala, daí a instantes, com expressão indefinível:

— Meu tesouro, você e seu marido nos fizeram jantar esplendidamente a poucos metros de um defunto.

— Não foi de propósito — desculpou-se a anfitriã. — Foi de repente. Mas que é que nós podíamos fazer à última hora, com vocês já saindo do elevador?

Eu bem avisei que ele dormia, cumprida a sua missão.

O VIP SEM QUERER

João Brandão foi ao Aeroporto Internacional para abraçar um amigo diletto, que viajava com destino ao Paraguai. Pessoa comum despedindo-se de pessoa comum. Mas acontecem coisas. Alguém, informado da viagem, pedira ao amigo que levasse uma encomenda a Assunção. A encomenda apareceu na hora, entregue por um senhor que foi logo dizendo:

— O doutor não precisa se incomodar. Eu providencio o despacho e tudo mais.

O avião estava atrasado duas horas, o que não é muito, em comparação com outros atrasos por aí, inclusive o da chegada do estado de direito. O senhor da encomenda procurou amenizar a espera:

— O doutor não vai ficar duas horas sentado numa dessas cadeiras aí, vendo os minutos se arrastarem. Espere um momento, que eu dou um jeitinho.

Saiu para confabular mais adiante e voltou com a boa nova:

— Por obséquio, me acompanhe até a sala VIP.

— Não é preciso — objetou o meu amigo. — Posso esperar perfeitamente por aqui mesmo.

— Não senhor. Estará melhor lá em cima.

— Acontece que estou aqui com um amigo.

— Ele também vai com o doutor.

Não havia remédio senão subir à sala VIP. Seu amigo, encabulado, e João Brandão mais ainda. Seria indelicado insistir na recusa. E depois, por que não ir àquela sala?

Subiram pelas escadas rolantes, precedidos de um abridor de caminhos, que com o indicador ia pedindo passagem para os dois ilustres desconhecidos.

Na sala VIP, enorme e vazia, pois há uma hora na vida em que até os VIP escasseiam, João Brandão e seu amigo foram convidados por um garçom solícito a beber qualquer coisa, a ler revistas, a pedir o que lhes aprouvesse.

— Obrigado — respondeu o amigo. — Não desejamos nada. Ou você, João, deseja alguma coisa?

— Também não. Obrigado.

O garçom insistia:

— Nem um cafezinho, doutor?

Vá lá, um cafezinho. Sorvendo-o a lentos goles, pareciam sorver o espanto

de serem promovidos a VIP.

— Veja como são as coisas, João. Nós aqui na maciota, em poltronas deleitáveis, contemplando quadros abstratos, e lá embaixo o povo concreto fazendo fila para conferir as passagens ou esperando em cadeiras padronizadas a hora do embarque.

— É mesmo, sô.

— Entretanto eles pagaram imposto como nós, custearam como nós a construção deste edifício, têm direitos iguais ao nosso, de desfrutar as comodidades deste salão, mas na hora de desfrutá-las só nós dois é que somos convocados.

— Nem me fale. Estou ficando com remorso.

— Vivemos numa república, João. Você acha isso republicano?

— Eu? Eu acho que estou aqui de intrometido. Você ainda passa, porque está levando alguma coisa a alguém, e por isso lhe conferiram honras de VIP. Mas eu sou apenas acompanhante de um VIP, e acompanhante por cento e vinte minutos. E agora que você me disse essas coisas, não aguento mais, vou embora já. Desculpe.

— Que é isso, João, estava brincando. Pensando bem, o povão foi homenageado em nossas humildes pessoas. E, como diz o Milton Carneiro na televisão, a vida é curta, e isto é muito bom!

João Brandão quis assimilar o sentimento do amigo, se é que este sentia realmente a doçura da situação, mas quando a gente é promovida a VIP e não tem estrutura de VIP (é uma coisa que nasce com o indivíduo, ou não nasce, e jamais lhe será consubstancial)... A verdade é que os dois continuaram ali sem a menor convicção de serem VIP. João chegou a distinguir na postura dos garçons certa nuance de desprezo:

— Disfarce e olhe a cara deles. Perceberam que somos uns pobres-diabos.

— Será? Tou aflito que chegue o danado desse avião.

— E eu insisto em ir embora. Não vou esperar mais.

— Não faça isso comigo, João. Não me deixe sozinho, como VIP abandonado! Somos amigos de colégio!

João Brandão envergonhou-se de querer trair o amigo, e as duas horas custaram a passar. Passaram.

João desceu as escadas rolantes, viu-se no meio da multidão de pessoas, malas, pacotes, cãezinhos e sobretudos, não atinou com a porta que dava saída para a área dos simples mortais. Na primeira em que entrou, foi barrado por um fiscal de cara severa:

— Por que o senhor entrou aqui? Que está fazendo?

— Procuo a saída.

— Que saída? Saída de avião é o painel que informa.

— Não é saída de avião. A saída.

— O quê? Saída democrática? O senhor está querendo insinuar alguma coisa política?

— Não, não. Quero sair, ir para casa.

— Mas de onde é que veio? Quem o autorizou a entrar aqui?

João não teve outro remédio senão declinar sua extinta importância:

— Bem, eu era VIP, sabe? Agora não sou mais. Por favor, me deixe ir embora!

O FRÍVOLO CRONISTA

Um leitor de Mato Grosso do Norte escreve deplorando a frivolidade, marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retruco-lhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: “Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil”. É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o autorreconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranquilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-las.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária isenta de pedantismo ou fingimento de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem cantabiles de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos esse

nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio, pelo excesso de tintas ou pela repetição do efeito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de sequência. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte, não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade. Ciao.

O REFORMISTA EM CASA

— É, este living está mesmo um lixo. Temos de reformá-lo.

— Reformar isso aí? Você não vê que o apartamento inteiro é que está pedindo reforma? A pintura dos quartos descascou, tem um buraco deste tamanho na parede do corredor, os garotos escangalharam os tapetes e as cortinas, não há uma só torneira funcionando direito, o piso...

— Calma. Quem ouviu você falar assim pensa que o melhor é implodir o apartamento. Vamos fazer o seguinte. Primeiro a gente estuda a reforma do living, depois examina o resto.

— Saquei. O cavalheiro é partidário da reforma gradualista, devagar e sempre. Este ano coloca-se o taco que está faltando, ano que vem compram-se dois pingentes para o lustre, no segundo semestre, conserta-se a maçaneta da porta...

— Cada coisa no seu tempo e lugar. Reforma não é revolução. A famosa Reforma de Lutero não se fez num dia, ele levou tempo para redigir suas noventa e cinco teses sobre as indulgências, e olhe que não chegou a completar cem. Também a Contrarreforma foi lenta, só o Concílio de Trento se arrastou durante quase vinte anos. Como é possível reformar de uma hora para outra um apartamento inteiro sem abalar as estruturas?

— Está bem. Ou antes, está mal, mas não faz diferença. Pode-se saber de que maneira o ilustre pretende reformar a nossa prezada sala de estar, onde geralmente não estamos porque não há condições para estar?

— Bem, uma reforma tem que ser cautelosa, do contrário fica pior do que a forma. Se a gente mudar tudo isso que está aí, trocando o estilo dos móveis, que aliás não têm estilo, depois de aumentar o espaço derrubando essa parede aí que atrapalha a circulação mas criando um ambiente grande demais para as conveniências domésticas, isto não será uma reforma, será uma deformação. A reforma não deve reformular a forma. Deve confirmá-la.

— Tudo como dantes, no quartel-de-abrantes?

— Pegue aí o dicionário. Leia o que está escrito debaixo da palavra “reforma”.

— “O ato de reformar, de mudar para o antigo instituto.”

— Viu?

— Este dicionário é velho pra chuchu.

— Quanto mais velho, mais tino.

— Espere aí. Depois de instituto, tem vírgula e continua: “ou para melhor o que ia em decadência ou mal”.

— Dá no mesmo. A gente reativa, rebobina o instituto, quer dizer, o living. Fica uma peça agradável para as visitas. O living deve ser o cartão-postal da casa. No cartão-postal você compreende que não se pode escrever dez páginas nem nenhuma novidade: é só o “tudo bem, abraços, até breve”. Aliás, é melhor assim. Nunca se deve escrever demais. Escrever pouco e pensar muito antes de escrever — é a sabedoria.

— Quer dizer que o nosso living...

— Será reformado. Isso não se discute. Não será uma reforma direta, como você talvez esteja pensando. Será tanto quanto possível indireta. Por exemplo: muda-se esta poltrona do canto para a porta de entrada. Para entrar, você precisará dar uma volta, porque ela ficará obstruindo a passagem. Isso dá mais charme à circulação, mais imprevisto: você não entra mais direto, entra enviesado.

— Compreendo.

— Não parece, pela cara. Pois olhe que a teoria, se podemos chamá-la assim, das vias de acesso indiretas só aparentemente complica o trânsito. Na realidade, tudo continua na mesma, a sala é a mesma, as pessoas as mesmas. Uma reforma desse tipo dá a sensação de novidade e não se expõe aos riscos do novidatismo, essa doença de pele dos tempos modernos.

— Ahn.

— Pois é, filha. Vamos reformar isso tudo que você está vendo no living. Apresente sugestões. Gosto muito de sugestões, mesmo que não sejam aproveitáveis. Só tem uma coisa. Não venha com ideias de reformar nem o edifício nem a rua, porque você sabe: nada de incomodar o síndico nem o administrador regional. Quanto menor for a reforma, tanto mais ideal. É o que nós queremos, os bons reformistas. Para começar, querida, vá reformando não só os seus vestidos de verão como também o seu conceito de reforma!

PARTICIPAÇÃO DE CASAMENTO

Os jovens namoram; os jovens ficam noivos; os jovens casam. E, casando, participam do casamento, oferecendo residência. Nem todo mundo hoje faz isso, claro, uns tantos continuam a fazê-lo. O cartão, encorpado e de boa qualidade, formaliza mais uma vez o casamento, depois das cerimônias rituais. É também um rito social, serve de documento para a história da família. Acontece que essa história às vezes dura pouco. Mesmo se durar muito, quem se lembra de guardar a participação de casamento dos outros? Como o casamento, a participação é jogada fora.

Esta que tenho entre os dedos é diferente. Menor o cartão (9 × 12 centímetros), com os simples dizeres: “C. e J. (deixemos seus nomes em doce silêncio) dão parte do seu casamento”. Os nomes são em gótico, o resto da frase em letra inclinada, terminando por duas pequenas curvas graciosas. No alto, à esquerda, dois raminhos verdes, entrelaçados, com suas flores alvas. O trabalho gráfico é apurado, com o requinte de mínima faixa branca, em relevo, prendendo os ramos.

Não diz, mas sei a data do casamento: 1886, 22 de maio. O casal nele mencionado são dois mortos há muitos anos, pouca gente se lembrará deles. A morte os separou depois de 45 anos de vida em comum; não chegaram, assim, às bodas de ouro. Seus filhos também já foram embora, com uma exceção. Também alguns netos já desapareceram. Todo esse viver e esse desviver de gente foram deixando esquecimentos pelo caminho. O cartão continua.

Tenho motivo para crer que é exemplar único. Veio rolando de uma geração a outra, na gaveta de alguém que, entre descuidos habituais da vida familiar, conservou esse amor às pequenas coisas passadas, capaz de fazer com que não passem de todo. Em cada família há (ou devia haver) esse alguém dotado da faculdade de sentir os acontecimentos ainda muito tempo depois que eles se produziram, e até mesmo os acontecimentos de que não participou. Essas coisas, transitórias como tudo, vivem tanto! O daguerreótipo esmaecido; o vestido de noiva; o leque; o relógio de bolso do avô; cartas com o selo do imperador nos envelopes, que não eram envelopes, eram o avesso das cartas; flores secas, eternas, ao contrário das pessoas... Tesouro que ninguém furta nem paga imposto de transmissão. Belezas.

Olho atentamente para a velha participação e é como se o casal moço — a noiva, dezessete anos; o noivo, 26 — me aparecesse na superfície do papel.

Sorriem para mim. Só os conheci neste século; agora os conheço de antes. Bonito rapaz, bonita moça, que os traços maduros me confirmariam. Não posso acreditar que esse casamento foi há 97 anos, se hoje é que me chegou a participação. Não culpo o Correio nem as pessoas, pois me parece evidente a atualidade desse papel que as traças não comeram, dessas flores que não empalideceram, desse verbo, dessa expressão lacônica e peremptória: “Dão parte”. Hoje, dar parte é denunciar; em 1886, era anunciar, comunicar. Com raminhos de flor, tão discretos e tão líricos que se esvaece qualquer julgamento de mau gosto.

Recebo agradecido o cartão e não posso, obviamente, agradecer aos recém-casados pela atenção. Eles não se importam com isso e sorriem sempre. É a magia dos velhos papéis, que continuam novos na medida em que soubermos lê-los. Em 1886, a República estava para ser proclamada. Ignoro se o será um dia. Os noivos também não sabiam, que importa a República aos noivos de todas as épocas e de todos os países? O reino deles não é o nosso. É espaço diferente e ilimitado, que entretanto cabe num retângulo de cartão e ignora o tempo, as convulsões sociais, as asperezas da vida.

Gostaria de conversar com esses dois em estado de mocidade, e na realidade estou conversando, mudo, em frente à participação. Converso com os olhos, converso com a memória das gerações, com o tempo leve e azul de 1886, pois assim o decretei neste momento; agrada-me perceber, no nevoeiro dos dias, o jovem casal trocando alianças numa tarde de maio e não de outro mês qualquer; tarde caprichada de maio, temperatura suave e azul-claro; até mesmo umas meninas estão se preparando em suas casas para a coroação de logo mais na igreja. O perfil da montanha desenha-se no horizonte; é um perfil indispensável, sem ele a cidade perderia identidade. Com o tempo, essa montanha seria destruída. (Mas o cartão continua.) A cidade não é grande, o casamento é festa de famílias importantes, vai haver muito doce, vinho do Porto e dança no sobrado. A noiva está mais linda do que nunca, e o rapagão que vai casar vem à frente de luzido cortejo, todos a pé, cercados pela admiração das janelas. Os mais finos presentes vieram da Corte, como veio certamente o cartão. A igreja está repleta; os meninos anseiam pelos doces; 1886; um cartão em 1983 me fala tudo isso.

PROFISSÃO: BANQUEIRO

— Profissão?

— Banqueiro.

— O senhor não está falando sério. Não admito brincadeira.

— Tou brincando não, doutor. Trabalho mesmo de banqueiro.

— E que trabalho é esse?

— Alugo o banco de minha propriedade. Dou um duro danado. Só isso de carregar o banco nas costas, um móvel pesado, ladeira acima e no meio do mato...

— Aluga para quê?

— Não vá pensar que é pra imoralidade, doutor. Detesto isso, minha formação é cristã, com a graça de Deus.

— Para que é então?

— Pra descanso, né? E pra curtir a paisagem, esse Rio de Janeiro incrível lá embaixo.

— O que é que o senhor chama de descanso?

— Ué, descanso é estender as pernas, esquecer as chateações, relaxar. O cara senta ou deita no banco o tempo que quiser.

— E tem conforto?

— O possível, né? Forrado com lençol limpo, que eu não tolero sujeira. E travesseirinho. Pra que mais?

— Então é uma cama. Acha direito uma cama ao ar livre, para as pessoas se espojarem nela?

— Perdão, doutor, na minha cama ninguém se espoja. Pelo jeito do cliente eu manjo se é um cara legal. Com pinta de marginal, não faço negócio.

— Como?

— Faço preço exagerado, no mínimo dez mil.

— Dez mil cruzeiros para deitar num banco?

— Dez mil, doutor. O pior é que um topou.

— Topou, deitou, e...

— Nada disso. Disse a ele que tinha de esperar duas horas, porque o banco tava reservado prum cliente, coisa de que não tinha me lembrado quando dei o preço.

— E ele?

— Ele não gostou, mas desistiu. Não é por me gabar, o pessoal me respeita.

Também com essa musculatura, mais o preparo físico...

— Por que não prefere jogar boxe?

— Já joguei. Mas não gosto de socar ninguém nem de ser socado. Faço exercício pra me defender, só isso. Na minha profissão, lidando com desconhecidos, ajuda.

— E qual é a tarifa normal de ocupação do banco?

— Depende, né? Tem turista americano, turista latino-americano, turista interno... Carioca mesmo, é raro. Pudera. Moram no Rio.

— Conhecem o Rio por dentro e por fora.

— O contrário. Não conhecem nem têm vontade de conhecer. Eta gente comodista. Vivem sempre no mesmo lugar, se acostumaram, não estão ligando pras belezas, as novidades, os encantos da cidade.

— Não mude de assunto. Quero saber quanto você cobra para cada classe de turista.

— Varia de um a cinco mil cruzeiros. E com o tempo de uso.

— Cinco mil cruzeiros para sentar num banco?! Está brincando!

— A vida tá cara, doutor. A vida tá mais cara do que a morte, que também não é barata. Meu banco tem comodidades, e tem eu servindo de segurança. O pessoal chega botando a alma pela boca, mesmo porque eu escolho sempre os sítios mais altos, não só de melhor panorama. Tem de haver uma boa árvore pra dar sombra, e às vezes até fruta silvestre. Um conforto assim quanto custa? Meu preço é barato, pode acreditar.

— Cinco mil por cabeça?

— Por cabeça.

— E casal?

— Casal não senta no meu banco de jeito nenhum. Sei lá o que eles preparam.

— Mas é um absurdo. Então vem um casal estrangeiro ou nacional querendo desfrutar o seu banco, a mulher senta e o marido fica esperando em pé, ou vice-versa?

— Pensei nisso, dei um jeito. Aqui está esta cadeirinha desmontável, pra quem espera vez.

— É, estou vendo que você pensa em tudo. E, quando o cliente está no banco, você faz a segurança sentado na cadeirinha?

— Olhe, pra falar verdade, em geral o cliente dispensa segurança.

— Como: em lugar ermo, em plena mata, as pessoas se arriscam a ser assaltadas?

— Segurança, doutor, é um serviço delicado. Eu posso perfeitamente tomar conta de tudo ficando nas redondezas, sacumé? Também sei ser discreto. Tem muito cliente que prefere ficar sozinho, acho que pra meditar melhor enquanto descansa. Ou vendo a maravilha da paisagem.

— Mesmo acompanhado?

— Principalmente acompanhado. Deve ser meditação a dois, ela no banco, ele na cadeirinha. Nisto eu não me envolvo. Desde que haja respeito, dou toda liberdade. E confio nos clientes. O senhor vai querer saber mais alguma coisa? Foi um prazer.

— O prazer é todo meu. Tem carteira de trabalho?

— Bem, eu...

— Já sei. Perdeu a carteira. Então, enquanto você não tira outra, vou autuá-lo por vadiagem.

— Ah, doutor, e o pão de meus filhos? E o direito ao trabalho? E a abertura, doutor?

ÚLTIMO ATO

O monte de rosas avança como se as flores, tomando corpo, caminhassem sozinhas. Rosas rubras, imagem de sangue em movimento.

— Mataram o meu amor! Mataram o meu amor!

Dentro do mundo de pétalas, a mulher morena agita-se, ergue os braços, e seu grito repetido aumenta o calor do recinto apinhado. Ouvem-se outros brados:

— Não deixa ela entrar, ela não pode entrar!

— A viúva do falecido tem preferência!

Homens atiram-se contra as rosas, ferem-se, lutam com a mulher que tenta chegar até o caixão aberto e acaba recuando aos empurrões. Desaparece lá fora, inconformada, jogando as flores no cimento.

— Ela não tem esse direito, o corpo é da mulher dele, de papel passado — comentam os executores da expulsão.

— Hum, quem sabe se ela até tem mais direito do que a mulher de papel passado, ou pelo menos tem o mesmo direito — diz uma voz murmurada de mulher que não deseja se expor.

Curvada sobre o corpo, a viúva não tomou conhecimento da invasora. Preside o velório, bem à cabeceira, com uma dor que não chora, porque o homem era bravo, não tolerava lágrimas.

Vinte outras mulheres, vestidas de branco, turbantes brancos, enfileiradas à esquerda e à direita, com a dignidade de vestais. Quase não se movem. Não olham para o corpo. Nem para os lados. Mulatas, escurinhas, brancas, são uma só figura que se desdobra e parece plantada ali desde o nascimento do homem, para velar sua morte.

— Com uma coisa a gente não se conforma — diz o chefe, também de branco rigoroso. — Não é bem com a morte dele, afinal ninguém morre de véspera, a hora é a hora. Mas o último adeus devia ser na quadra, como reza a tradição.

— É, na quadra era uma beleza — aprova um companheiro. — Último adeus só pode ser na quadra. Aqui não tem sentido, perde a majestade.

Alguns divagam sobre o motivo do crime. Cautelosamente. Há tantos motivos possíveis que ninguém pode garantir, de dedo apontado: “Foi este”. Pode ter havido mesmo dois motivos conjugados. Ninguém sabe ao certo. Ou todos sabem? Sabem demais, e o cadáver está ali, conselheiro mudo: é bom não

falar demais. Questões de poder na área clandestina, de autoridade na área aberta, complicações amorosas: todas as hipóteses volteiam sobre as mãos cruzadas do morto, a cabeça branca do morto. Nenhuma pausa. Zumbido de moscas, no calor.

— A gente vamos ter muita mudança aqui — sussurra aquele. Tudo volta ao antigo.

— Vai ter e não vai. Pessoal que saiu não pode dar as caras outra vez, pega mal. Foi tascado. Mas o novo chefe tem ideias lá dele, e não vai copiar o falecido. Falecido não manda.

— Pelos discursos a gente tira uma linha.

— Homem, não acho bom fazer discurso não. A hora não tá pra garganteio.

— É hora de dor. A dor pede a palavra.

— A dor é calada. A conselho moreno nenhum a soltar o verbo.

O movimento para colocar a bandeira sobre o corpo encontra reação da família. Nada de bandeira! Vai é com a roupa do corpo, que ele mesmo comprou e pagou. Mas não é uma bandeira só, são três, todas importantes. Então as bandeiras não são dignas de envolver o falecido? Não é isso. A família tem seus motivos; não quer revelar as queixas, também não quer fingimento.

E as entidades irmãs, que não comparecem todas? Por que até depois da morte essa rivalidade? Se falta uma, é como se as demais faltassem. Quem veio daquela, veio porque quis, não representa a entidade. Há muito desgosto no ar. Aflição e temor, vontade de acabar logo com isso ou de continuar indefinidamente, na atmosfera pesada, que perturba e fascina.

— Vai atrapalhar os ensaios. Numa hora dessas, a gente devia de estar firme na quadra, honrando nossas cores. E se comprometer o desfile, já pensou?

— Não diz uma besteira dessas, companheiro. Carnaval sai de tarja preta, sai de vela na mão, mas sai.

— Mataram o meu amor... Mataram o meu amor...

Quase um gemido, e vem da distância, de um ponto aonde não chega a energia dos vigilantes. É um choro, um samba de uma nota só, despido de flor e esperança.

Daí a horas, o enterro. Um único som: o surdo.

Nota da edição

Boca de luar é o último volume de crônicas publicado por Carlos Drummond de Andrade ainda em vida. A primeira edição saiu pela Record em 1984, sendo reeditada no mesmo ano mais duas vezes. A essas edições seguiram-se outras, chegando-se à 11ª em 2009 pela mesma editora. O volume também foi publicado algumas vezes pelo Círculo do Livro, sozinho ou com outro título de Drummond, como a edição de 1989, reunindo Boca de luar e A rosa do povo. E em 2002, centenário do nascimento do autor, foi publicado pela editora Didática Paulista.

O texto-base utilizado para este estabelecimento foi a primeira edição, de 1984. Consultei, ainda, outras edições lançadas em vida do autor — a segunda (1984), a quarta (1985) e a sétima (1987), todas da Record —, verificando que o texto foi mantido sem nenhuma alteração. Por fim, consultei a 11ª edição (2009), também da Record, cujo texto contém pequenas alterações. Preservei, contudo, a lição da primeira edição, pois a de 2009 não informa quais critérios nortearam as mudanças efetuadas.

RONALD POLITO

Posfácio

AO FIM, NO MEIO DO CAMINHO DA ESCRITA
Francisco Bosco

Publicado em 1984, ano em que se despede publicamente da atividade periódica de cronista, este Boca de luar é o fruto, da perspectiva cronológica, de um Drummond invernal, já ao fim da vida (o poeta morreria em 1987). Trinta anos antes, uma amendoeira o chamara de outonal, e selara sob este signo sua atividade de cronista. Maduro, o Drummond que doravante dedicar-se-ia ao “ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo” é aquele que, pouco antes, recusara a sempiterna Máquina do Mundo, sua totalidade inapreensível, e seguira “vagaroso, de mãos pensas”, para então abraçar a vida ao rés do chão.

Octogenário, segundo a cronologia; velho, para os processos biológicos — Drummond se revela neste livro leve e jovial como a índole do gênero. A prosa suavemente magistral dessas crônicas prova que a escrita não tem idade, pois seu tempo é o do desejo, e este, como o inconsciente, não se inscreve no tempo quantitativo. Na reta final de sua existência, o poeta-cronista está, aqui, nel mezzo del cammin da escrita, já que, da perspectiva do desejo — e é o desejo que afia a faca das palavras —, o texto é só meio e meios, não tem início, e sobretudo não tem fim.

Ao tempo cronológico da idade e à eterna juventude desejante da escrita, junta-se aqui uma terceira temporalidade, o eterno retorno dos temas, das obsessões e, como não poderia deixar de ser, dos traços profundos de personalidade identificados por seus leitores — e, antes de todos, pelo próprio poeta — desde o início. A começar por aquela seminal autodeclaração de desajuste (“Vai, Carlos, ser gauche na vida!”), que, impressa na primeira estrofe do primeiro poema do primeiro livro de Drummond, ora reaparece, neste que é um de seus últimos livros, numa pequena obra-prima intitulada “Declarações à colegial que veio entrevistar-me”. Nela, a sina soprada pelo anjo torto assume as formas da repetência, da reprovação, da ineficiência, da inutilidade, em suma, todo um conjunto negativo de atributos cuja soma resulta numa positiva “sabedoria canhota”. É ainda aqui aquela “entrada em campo triunfal e trôpega”¹ do “Poema de sete faces”, aquela “espécie de inclusão excludente do sujeito no mundo”² que persiste e insiste, revelando-se, como observou José Miguel Wisnik, “um estigma autoassumido e forte o suficiente para permanecer como marca indelével do seu percurso”:³

Não que eu deteste a reprovação, fique sabendo. Todas as vezes (raras) em que alguém me aprovou, experimentei uma espécie de remorso. Estava traindo minha natureza. Uma vez subi de maneira tão espetacular no

ônibus em movimento, que os passageiros bateram palmas. O motorista parou o veículo e veio me cumprimentar. Recuou a tempo. Viu que eu não era o campeão que ele pensava, tudo obra do acaso, e voltou-me as costas com reprovação. Respirei aliviado, no limite da autossatisfação [...].

Nesse trecho, as velhas tinta da melancolia e pena da galhofa se fundem e se superam no registro sem ênfase da maturidade. Mas o humor mais aberto, traço do espírito modernista, também se faz presente neste livro, em crônicas como “Aconteceu em Londres” e “O rato e o canário”. Na primeira, um sujeito qualquer invade o palácio de Buckingham e é surpreendido pela rainha ao pé de sua cama. Segue-se então uma conversa trivial, e entretanto absurda para o contexto, tanto mais engraçada quanto vazada na proverbial fleuma retórica dos ingleses, que termina com o invasor pedindo um cigarrinho à Vossa Majestade e sendo atendido como se se tratasse de uma conversa de esquina. Na outra, um homem com fome, em agradecimento ao gerente de um restaurante que lhe oferece uma refeição, mostra a ele um rato e um canário que, no piano e no piar, respectivamente, executam uma modinha para o “gerente boquiaberto”. Diante de sua perplexidade, com dor na consciência, o homem, que já se ia pela rua, estaca e volta, disposto a contar a verdade sobre aquela milagrosa cena: “Eu enganei o senhor”, ele diz. “O Siza não canta coisa nenhuma, é um canário bobo, faz aquela figuração toda, mas quem canta mesmo é o Evaristo [o rato], que é ventríloquo!”

As duas crônicas constroem uma situação estrutural que Bergson, em seu famoso estudo sobre o riso, identificou como a origem social do humor. Para o filósofo francês, a vida em sociedade exige das pessoas manter-se em estado permanente de tensão e flexibilidade. A realidade requer atenção para executar as tarefas necessárias e flexibilidade para se adaptar à mudança constante das situações da vida. O riso eclode quando vemos alguém falhar nesse estado de atenção e flexibilidade, incorrendo numa rigidez mecânica avessa ao que o contexto solicita e liberando em nós uma espécie de catarse, a realização — por identificação, como que sublimada — de um desejo de relaxamento desse princípio de atenção permanente. É assim que o prosaísmo da vontade de fumar de um cidadão qualquer contrasta com a pompa do palácio de Buckingham, e a prosa natural entre o súdito invasor e a rainha de pijama se revela artificial, isto é, mecânica, para o contexto. De modo análogo, um rato e um canário performers configuram uma situação absurda por si só, que se converte em humor quando, para o personagem da crônica, desatento portanto à realidade, o ponto em questão é a verdadeira capacidade de cada um deles. O estranhamento de procedimentos naturalizados da língua portuguesa falada cotidianamente no Brasil é outro tema drummondiano que reaparece nos textos deste livro. Sua incidência, nas crônicas, pode ser verificada em diversos

volumes anteriores, como em *De notícias & não notícias* faz-se a crônica e, em especial, *Os dias lindos* (todos os textos da seção “O homem e a linguagem”). E, na poesia, confunde-se mesmo com o estatuto de poeta, para o qual a reflexão sobre a linguagem é constitutiva de seu fazer. Ao menos para a condição do poeta moderno, qual seja, a de escrever numa época em que a literatura perdeu suas garantias e deve procurar fundá-las a cada vez, obrigando cada escritor a instaurar, como dizia Barthes, em si “o processo da Literatura”⁴ Em Drummond, essa metalinguagem filosófica e prática — situada no registro da meditação sobre a natureza da linguagem tanto quanto nas regras singulares de seu próprio fazer — atinge alguns de seus pontos mais altos nos conhecidos poemas que abrem *A rosa do povo*, “Consideração do poema” e “Procura da poesia” (“Penetra surdamente no reino das palavras./ Lá estão os poemas que esperam ser escritos”).

Neste *Boca de luar*, o estranhamento da língua praticada se desdobra em ironia divertida sobre a precariedade vocabular dos jovens (“Bob e o dicionário”); crítica a construções pouco eufônicas e sem sentido (“Em ida, em ada”); proustianas evocações e imaginações a partir de topônimos (“Ilhas de Minas, no voo das palavras”); um curioso tour de force nominal, feito de nomes de princípios vegetais e minerais da homeopatia, e vazado em pseudocrônica do high society (“Bela noitada”); entre outros (“A moça em Marajó”, “A moça disse: alto lá!”, “A estranha [e eficiente] linguagem dos namorados”). Em todos, o que se dá é uma desnaturalização da fala obtida pela mera exposição de seus mecanismos, entretecida ou não em narrativas bem-humoradas, mas sempre, e é isso o decisivo, recusando a análise, a explicação, a hipótese histórica, linguística, psicossocial, em suma, de qualquer natureza teórica. Essa recusa nos permite abordar a própria natureza da crônica, também ela objeto de reflexão, do modo que convém ao gênero, neste livro.

Talvez tenha facilitado a Drummond que alguns traços reconhecíveis no gênero crônica estivessem desde o início presentes em sua poesia. A começar por aquele “diapasão de familiaridade”⁵ que Silviano Santiago identificou em seus versos, e que é marca de todo cronista. A crônica é uma voz que se deseja próxima, que se põe em pé de igualdade com o leitor. A horizontalidade é o seu plano. Meditando, ou melhor, pensando alto sobre ela neste livro, Drummond a situa inapetente diante da alheia “fome de conceitos graves”. A crônica não tem “pretensão de contribuir para o restauro do mundo” (“O frívolo cronista”). Também essa reflexão está presente desde o início de sua atividade como cronista, nas páginas de apresentação de *Fala, amendoeira*. E se estenderá até o último suspiro, quando, em sua crônica de despedida, publicada no *Jornal do Brasil*, elogiará o gênero porque “não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas”⁶ Justamente, nada mais estranho à crônica do que a formalidade, a erudição

ostensiva, o levar-se a sério, a procura da verdade por argumentos consecutivos, lógicas cerradas e provas irrefutáveis. Como observou Eduardo Portella: “O ensaio é, de todos os gêneros que penetram as fronteiras da crônica, o mais ostensivamente hostil à própria índole da crônica”⁷ Drummond sabe disso e declara-se, como cronista, “apenas alguém que procura amenizar um pouco o aspecto trágico, sinistro, do mundo em que vivemos”⁸

Esse compromisso com a leveza não o impede, diga-se de passagem, de mencionar, em diversas crônicas deste livro, a ditadura política que ainda persistia no Brasil, em seu período final. Assim, em “Treze na ilha” menciona explicitamente o AI-5. Em outros momentos, como em “O VIP sem querer”, alude de raspão, sempre com ironia, ao estado de exceção vigente: “O avião estava atrasado duas horas, o que não é muito, em comparação com outros atrasos por aí, inclusive o da chegada do estado de direito”. E, em “A lei do verão”, atinge o ponto do sarcasmo, ao inventar uma paródia de lei, que no fundo revela o modus operandi dos Estados totalitários:

Os casos de desidratação seguidos de óbito, resultantes da elevação excessiva de temperatura em contraste com a ausência de reservas orgânicas, notadamente em crianças subnutridas, devem figurar nas estatísticas demográficas sob a rubrica Força do Destino.

Também de fundo, sem comprometer o princípio da amenidade, atravessa o livro, configurando uma de suas dimensões mais importantes, o tema que poderíamos chamar, na esteira de uma formulação de José Miguel Wisnik, de formas de atuação da “Grande Máquina”. Espécie de formulação poética, depois retomada nas crônicas, da noção foucaultiana de biopoder, a grande máquina, nomeada assim por Wisnik, é “[...] a invenção astuciosa de um poder que não deixará lugar sem traço de sua intrusão”⁹ E, prossegue o ensaísta, aproximando-a mais da ideia da noção de biopoder, “não como o olho vigilante do Grande Irmão, figurado externamente, mas como o poder que se torna extensão, desde dentro, dos nossos gestos mais cotidianos”¹⁰

Essa teia invisível e onipresente é identificada, ao longo deste livro, sob várias formas. Enquanto princípio de realidade excessivo, triturador de desejos, como no caso do personagem de “Depois da quarta dose”, um publicitário frustrado, que passou a vida vendendo bolachinhas, e conclui que “as bolachinhas ocupam na minha vida um lugar indevido, reservado para ocupações artísticas e filosóficas que jamais poderão se concretizar” (note-se que o gauchismo, em que o desajuste conduz à autenticidade, é o antídoto existencial a esse fracasso do sucesso que se inscreve no modo de vida subordinado ao imperativo capitalista). De forma análoga, na crônica “Música no táxi”, em que o motorista, amante da música, ouve de um “cidadão de

gravata e pasta de executivo” que abaixe “esse troço”, referindo-se à música de Tchaikóvski, pois “precisava se concentrar por causa de um negócio importante”. E como poder onipresente, integrador no pior sentido da palavra, totalitário, que pretende reduzir toda a diferença à sua própria identidade: “Quando os projetos de desenvolvimento integrado chegam à toca do tatu, não há mais nada a fazer” (“Diálogo dos pessimistas”). Com efeito, é sob essa forma que a grande máquina aparece no livro com maior insistência, abrindo-se em clarão muito maior que o tolerável, como na triste crônica “José, do Mucuri”:

Como se não bastasse o excesso de população do mundo, há muito andam os homens detectando a existência de outros mundos habitados no espaço sideral, e há quem exclame, emocionado: “Não estamos sós”. Mas quem disse que estamos sós, se vivemos tão acotovelados pelas avenidas da Terra, e há tamanha falta de lugar para todos que querem viver? Pois como se tudo isto não fosse suficiente, correm às matas da região banhada pelo rio Mucuri, lá onde Minas, Bahia e Espírito Santo se confundem, e de suas brenhas retiram José Pedro, o último promeneur solitaire de que havia notícia, o homem que vivia ao lado de uma fogueira acesa, espantando onças e, sobretudo, gente.

— Vem, rapaz! Queremos que você participe das maravilhas da civilização!

Trecho que nos reenvia a este verso do poema “O sobrevivente”, de Alguma poesia: “Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado”. E nos permite observar que a grande máquina é, por definição, urbana, e isso volta a produzir uma tensão entre o mundo rural e a cidade, que, como se sabe, já está em Drummond desde o início, quando esses mundos ainda eram mais equilibrados, e reaparece agora como a inevitável extinção dos poucos espaços feitos “de água e de verde pulsante” (“A moça em Marajó”), assediados pelo projeto moderno ocidental de dominação da natureza.

Muitos outros temas se encontram neste livro, alguns deles também recorrentes (como o pendor memorialístico, que domina a poesia de Drummond dos anos 1970 em diante, e que aqui se faz presente em “Milho cozido”, “Coisas lembradas” e “Participação de casamento”), outros mais contemporâneos (como as ironias feitas à sociedade do espetáculo, cada vez mais dominante, desde o célebre poema “Ao Deus Kom Unik Assão”, que abre o livro *As impurezas do branco*, de 1973, e aqui presentes nas crônicas “Tem cada uma na vida” e “Arte e casamento”).

Este comentário já vai entretanto se alongando demais, e não quero contrariar por mais tempo o tom das crônicas deliciosas que aqui se encontram.

Chega de explicações. Voltemos, leitor, à “pausa, [a]o descanso, [a]o refrigério do desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida”.

1 José Miguel Wisnik, “Drummond e o mundo”. In: NOVAES, Adauto (Org.). Poetas que pensaram o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 27.

2 Ibid., p. 27.

3 Ibid., p. 27.

4 Roland Barthes, O grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 105.

5 Silviano Santiago, “Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. v.

6 “Ciao”. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 29 set. 1994.

7 Eduardo Portella, “A cidade e a letra”. In: Dimensões I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 86.

8 Entrevista concedida ao Jornal do Brasil em 26 out. 1982.

9 José Miguel Wisnik, op. cit., p. 45.

10 Ibid., p. 45.

Leituras recomendadas

CANDIDO, Antonio.

Recortes.

Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

PORTELLA, Eduardo.

“A cidade e a letra”. In: Dimensões I.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

SANTIAGO, Silviano.

“Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade”. In:

ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia completa.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

WISNIK, José Miguel.

“Drummond e o mundo”. In: NOVAES, Adauto (Org.). Poetas que pensaram o mundo.

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso primário no Grupo

Escolar Dr. Carvalho Brito.

1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.

1917 De volta a Itabira, toma aulas

particulares com o professor Emílio Magalhães.

1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na Aurora Colegial. No único exemplar do jornalzinho Maio..., de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.

- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no Diário de Minas.

Frequenta a vida
literária de Belo
Horizonte. Amizade
com Milton Campos,
Abgar Renault,
Emílio Moura,
Alberto Campos,
Mário Casassanta,
João Alphonsus,
Batista Santiago,
Aníbal Machado,
Pedro Nava, Gabriel
Passos, Heitor de
Sousa e João
Pinheiro Filho,
habitués da Livraria
Alves e do Café

Estrela.

- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da Novela Mineira. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de Para Todos... e Ilustração Brasileira, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e

Farmácia de Belo
Horizonte.

1924 Conhece, no Grande
Hotel de Belo
Horizonte, Blaise
Cendrars, Mário de
Andrade, Oswald de
Andrade e Tarsila do
Amaral, que
regressam de
excursão às cidades
históricas de Minas
Gerais.

1925 Casa-se com Dolores

Dutra de Moraes.
Participa —
juntamente com
Martins de Almeida,
Emílio Moura e
Gregoriano Canedo
— do lançamento de
A Revista.

1926 Sem interesse pela
profissão de
farmacêutico, cujo
curso concluíra no
ano anterior, e não se
adaptando à vida
rural, passa a lecionar
geografia e português

em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do Diário de Minas. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar Alguma poesia, seu livro de estreia).

1927

Nasce em 22 de

março seu filho,
Carlos Flávio, que
morre meia hora
depois de vir ao
mundo.

1928 Nascimento de sua
filha, Maria Julieta.
Publica “No meio do
caminho” na Revista
de Antropofagia, de
São Paulo, dando
início à carreira
escandalosa do
poema. Torna-se
auxiliar na redação da
Revista do Ensino, da

Secretaria de
Educação.

- 1929 Deixa o Diário de Minas e passa a trabalhar no Minas Gerais, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 Alguma poesia, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo

imaginário de
Edições Pindorama,
de Eduardo Frieiro.
Assume o cargo de
auxiliar de gabinete
de Cristiano
Machado, secretário
do Interior. Passa a
oficial de gabinete
quando seu amigo
Gustavo Capanema
assume o cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de A

Tribuna. Acompanha
Gustavo Capanema
durante os três meses
em que este foi
interventor federal
em Minas.

1934 Volta às redações:
Minas Gerais, Estado
de Minas, Diário da
Tarde,
simultaneamente.
Publica Brejo das
almas (duzentos
exemplares) pela
cooperativa Os

Amigos do Livro.
Transfere-se para o
Rio de Janeiro como
chefe de gabinete de
Gustavo Capanema,
novo ministro da
Educação e Saúde
Pública.

1935 Responde pelo
expediente da
Diretoria-Geral de
Educação e é membro
da Comissão de
Eficiência do
Ministério da
Educação.

- 1937 Colabora na Revista Acadêmica, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica Sentimento do mundo, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista Euclides, de Simões dos Reis, a seção

“Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de A Manhã.

1942 Publica Poesias, na prestigiosa Editora José Olympio.

1943 Sua tradução de Thérèse Desqueyroux, de François Mauriac, vem a lume sob o

título Uma gota de veneno.

1944 Publica Confissões de Minas.

1945 Publica A rosa do povo e O gerente. Colabora no suplemento literário do Correio da Manhã e na Folha Carioca. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís

Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista Tribuna Popular. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua tradução de Les Liaisons dangereuses, de Laclos.

1948 Publica Poesia até agora. Colabora em Política e Letras. Acompanha o

enterro de sua mãe,
em Itabira. Na
mesma hora, no
Teatro Municipal do
Rio de Janeiro, é
executado o “Poema
de Itabira”, de Villa-
Lobos, a partir do seu
poema “Viagem na
família”.

1949 Volta a escrever no
Minas Gerais. Sua
filha, Maria Julieta,
casa-se com o
escritor e advogado

argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.

- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa. O volume Poemas é publicado em Madri.
- 1952 Publica Passeios na ilha e Viola de bolso.

1953 Exonera-se do cargo de redator do Minas Gerais ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume Dos poemas.

1954 Publica Fazendeiro do ar & Poesia até

agora. É publicada sua tradução de Les Paysans, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no Correio da Manhã, mantida até 1969.

1955

Publica Viola de bolso novamente

encordoad. O
livreiro Carlos
Ribeiro publica
edição fora de
comércio do Soneto
da buquinagem.

1956 Publica Cinquenta
poemas escolhidos
pelo autor. Sai sua
tradução de Albertine
disparue, ou La
Fugitive, de Marcel
Proust.

1957 Publica Fala,

amendoeira e Ciclo.

1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.

1959 Publica Poemas. Ganha os palcos a sua tradução de Doña Rosita la Soltera, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

1960 É publicada a sua
tradução de Oiseaux-
Mouches
Ornithorynques du
Brésil, de
Descourtilz. Colabora
em Mundo Ilustrado.
Nasce em Buenos
Aires seu neto Pedro
Augusto.

1961 Colabora no
programa Quadrante,
da Rádio Ministério
da Educação. Morre
seu irmão Altivo.

1962 Publica Lição de coisas, Antologia poética e A bolsa & a vida. Aparecem as traduções de L'Oiseau bleu, de Maeterlinck, e Les Fourberies de Scapin, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço

público.

1963 Aparece a sua tradução de Sult (Fome), de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro Lição de coisas, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa Cadeira de Balanço, na Rádio Ministério da Educação.

1964 Publicação da Obra completa, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.

1965 Publicação de Antologia poética (Portugal); In the Middle of the Road (Estados Unidos); Poesie (Alemanha).

Com Manuel
Bandeira, edita Rio de
Janeiro em prosa &
verso. Colabora em
Pulso.

1966 Publicação de Cadeira
de balanço e de
Natten och Rosen
(Suécia).

1967 Publica Versiprosa,
José & outros, Uma
pedra no meio do
caminho: biografia de
um poema, Minas

Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo (Buenos Aires) e Fyzika Strachu (Praga).

1968 Publica Boitempo & A falta que ama.

1969 Passa a colaborar no Jornal do Brasil. Publica Reunião (dez livros de poesia).

1970 Publica Caminhos de

João Brandão.

1971 Publica Seleta em prosa e verso. Sai em Cuba a edição de Poemas.

1972 Publica O poder ultrajovem. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.

- 1973 Publica As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida (Buenos Aires) e Réunion (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica Amor, amores. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de

Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.

1977 Publica A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada Sentimento do mundo.

1978

A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de Discurso de primavera e algumas sombras. Publica O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. Amar-Amargo e El poder ultrajoven saem na Argentina. A

PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.

1979 Publica Poesia e prosa, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro Esquecer para lembrar.

1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus

(Portugal), de poesia.
Publicação de A
paixão medida, En
Rost at Folket
(Suécia), The Minus
Sign (Estados
Unidos), Poemas
(Holanda) e Fleur,
téléphone et jeune
fille... (França).

1981 Publica, em edição
fora de comércio,
Contos plausíveis.
Com Ziraldo, lança O
pipoqueiro da
esquina. Sai a edição

inglesa de The Minus Sign.

1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica A lição do amigo. Sai no México

a edição de Poemas.

- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica Nova reunião e o infantil O elefante.
- 1984 Publica Boca de luar e Corpo. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica Amar se aprende amando, O

observador no
escritório, História
de dois amores
(infantil) e Amor,
sinal estranho (edição
de arte). Lançamento
comercial de Contos
plausíveis. Publicação
de Fran Oxen Tid
(Suécia).

1986 Publica Tempo, vida,
poesia. Sofrendo de
insuficiência
cardíaca, passa
catorze dias

hospitalizado. Edição inglesa de Travelling in the Family.

- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre fotografia de Elliott Erwitt/

Magnum Photos/ Latinstock.

FOTO DO AUTOR

Fotografia da p. 1: retrato de Carlos Drummond de Andrade

pertencente ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira,

da Fundação Casa de Rui Barbosa.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Thaís Totino Richter

Angela das Neves

ISBN 978-85-438-0187-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br